



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**VERÔNICA RODRIGUES DE LIMA**

**AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NAS ETAPAS FINAIS DA EJA:  
UM CONVITE A OUTRAS POSSIBILIDADES**

**Jaguarão  
2017**

**VERÔNICA RODRIGUES DE LIMA**

**AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NAS ETAPAS FINAIS DA EJA:  
UM CONVITE A OUTRAS POSSIBILIDADES**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Mestrado Profissional da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup>.Dr.<sup>a</sup> Patrícia dos Santos Moura

**Jaguarão  
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L732a Lima, Verônica Rodrigues de  
AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NAS ETAPAS FINAIS DA EJA: UM  
CONVITE A OUTRAS POSSIBILIDADES / Verônica Lima.  
171 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO  
EM EDUCAÇÃO, 2017.

"Orientação: Patrícia dos Santos Moura".

1. EJA. 2. Avaliação. 3. Formação de Professores. 4. Letramento. I. Título.

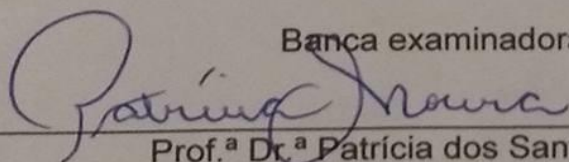
VERÔNICA RODRIGUES DE LIMA

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NAS ETAPAS FINAIS DA EJA:  
UM CONVITE A OUTRAS POSSIBILIDADES

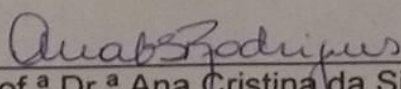
Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Mestrado Profissional da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Relatório Crítico- Reflexivo defendido e aprovado em: 30/08/2017

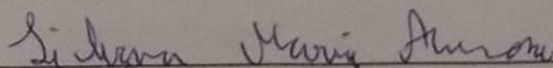
Banca examinadora:



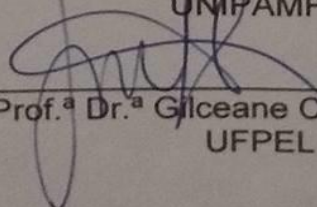
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia dos Santos Moura  
Orientadora  
UNIPAMPA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina da Silva Rodrigues  
UNIPAMPA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Maria Aranda  
UNIPAMPA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gilceane Caetano Porto  
UFPEL

Dedico este trabalho aos meus, pais Vera e Antônio, e à minha filha Valentina.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me concedido saúde e força para chegar até aqui.

Aos espíritos de luz, por iluminarem a minha caminhada me encorajando diariamente.

Ao meu São Jorge Guerreiro, por ter lutado esta batalha comigo e não me permitido fraquejar.

Aos meus pais, Antônio e Vera, pelo apoio incondicional às minhas decisões e por cuidarem da minha filha enquanto eu me dedicava aos estudos.

À minha filha Valentina, que ainda não compreende o significado disso tudo, que chegou em meio a essa trajetória e foi quem me motivou pelo simples fato de existir em minha vida.

Ao Luiz Cláudio, pai da minha filha, pelo incentivo e apoio, no ingresso deste curso.

Aos meus familiares e amigos, que muitas vezes compreenderam minha ausência por estar imersa nos estudos.

À minha orientadora Professora Patrícia dos Santos Moura, pela oportunidade de crescimento profissional, mas principalmente pelo apoio e paciência, pela amizade e carinho, por ser exemplo de profissional e ser humano ímpar, que já tem lugar cativo no meu coração e na minha vida.

À minha colega Quelen Pinheiro, que dividiu comigo essa caminhada, assim como as aprendizagens e desafios que são inerentes a esse processo e se mostrou tão solidária.

Aos demais colegas e professores desse Curso de Mestrado, com os quais dividi tantos momentos, os quais estão eternizados em meu coração e memória.

Aos colegas da Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Affonso, principalmente aos professores da Educação de Jovens e Adultos, os quais participaram das Rodas de Formação.

Aos membros da banca de qualificação que agora compõem a banca de defesa deste trabalho, os quais enriqueceram esta pesquisa com suas contribuições, professoras Gilceane Porto, Ana Cristina Rodrigues e Silvana Aranda.

Ao PPGEdU da UNIPAMPA pelo prestativo atendimento de sua Secretária.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.  
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos  
nós ignoramos alguma coisa. Por isso  
aprendemos sempre. (FREIRE, 1983).

## RESUMO

Este relatório crítico reflexivo originou-se a partir de uma intervenção pedagógica realizada com os professores da Educação de Jovens e Adultos em escola da rede estadual no município de Jaguarão/RS. O objetivo geral desta ação interventiva foi problematizar e provocar algumas mudanças no instrumento de avaliação diagnóstica para ingresso de alunos na EJA – Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Affonso, visando contribuir para a classificação e distribuição dos alunos nas diferentes totalidades. Foi realizada a formação continuada dos professores da EJA numa perspectiva de Rodas de Formação, a qual buscou promover a compreensão do conceito de letramento considerando as diversas áreas do conhecimento e a possibilidade de uma outra forma de avaliação diagnóstica. Para tanto, foi oportunizada a análise e a incorporação de mudanças no instrumento de avaliação diagnóstica para a EJA pelos próprios professores da escola. Também pude acompanhar o processo de avaliação, realizado pelos professores, dos alunos que iriam ingressar na EJA no primeiro semestre de 2017 e observar os efeitos da análise e da atualização do instrumento de avaliação diagnóstica na classificação e distribuição dos alunos nas totalidades. Os temas que foram trabalhados nas Rodas de Formação foram capturados a partir dos questionários e das anotações pertinentes às observações realizadas no diagnóstico, tendo por base as características e o interesse dos participantes. Considero que as Rodas de Formação contribuíram para o redimensionamento da avaliação diagnóstica dos sujeitos, assim como serviram para reflexão no que tange ao ensino da leitura e da escrita presente nas diferentes áreas de conhecimento.

Palavras-chave: EJA. Avaliação. Formação de Professores. Letramento.



## RESUMEN

Este relatório crítico reflexivo se originó a partir de una intervención pedagógica realizada con los profesores de Educación de Jóvenes y Adultos en escuela de la red pública estadual del município de Jaguarão/RS. El objetivo general de esta acción interventiva fue problematizar y provocar algunos câmbios en la instrumentación de evaluar diagnosticamente para el ingreso de los alumnos al EJA— en los ultimos años de Enseñanza Fundamental de la Escuela Estadual de Enseñanza Media Hermes Pintos Affonso, buscando contribuir para la clasificación y distribución de los alumnos en las diferentes Totalidades. Se realizo una formación continuada de los profesores de la EJA en una perspectiva de Ruedas de Formación, la cual buscó promover comprender del concepto de letramento considerando las diversas areas del conocimiento y la posibilidad de otra forma de evaluación diagnóstica. Para tanto, fuera oportunizada un análisis y la onderporación de câmbios del instrumento e evaluación diagnóstica para EJA por los propios profesores de la escuela. También pude acompañar el proceso de evaluación, realizado por los profesores de los alumnos que irán ingresar en el EJA en el primer semestre de 2017 y observar los efectos de la analisis y de la actualización del instrumento de evaluación diagnóstica en la clasificación y distribución de los alumnos en las Totalidades. Los temas que fueron trabajados en las Ruedas de Formación fueron capturados a partir de cuestionarios y anotaciones correspondientes a las observaciones realizadas en el diagnóstico teniendo por base las características y el interés de los participantes. Considero que las Ruedas de Formación contribuyeron para el redimensionamiento de la evaluación diagnóstica de los sujetos, asi como sirvieron para reflexión en lo que corresponde a la enseñanza de la lectura y de la escritura presente en los diferentes áreas del conocimiento.

Palabras-clave: EJA. Evaluación. Formación de Profesores. Letramiento.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia dos biscoitos .....	61
---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Questionário aplicado aos professores da EJA.....	17
Tabela 2 – Distribuição etária.....	32
Tabela 3 – Sexo .....	32
Tabela 4 – Origem dos alunos da EJA.....	32
Tabela 5 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa .....	40
Tabela 6 – Concepções dos sujeitos.....	40
Tabela 7 – Concepções dos sujeitos.....	41
Tabela 8 – Planejamento das Rodas de Formação .....	51
Tabela 9 – Número de acertos para classificação .....	88
Tabela 10 – Número de alunos em cada totalidade .....	94

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ALFASOL – Alfabetização Solidária

CES – Centro de Estudos Supletivos

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

E.E.E.M. – Escola Estadual de Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSUL – Instituto Federal Sul Rio-Grandense

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

MOVA – Movimento de Alfabetização

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

ONG – Organização Não Governamental

PBA – Programa Brasil Alfabetizado

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNA – Plano Nacional de Alfabetização

PNAC – Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE – Plano Nacional de Educação

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: SITUANDO OS INTERESSES DA PESQUISA</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>DISCUTINDO ASPECTOS IMPORTANTES PARA A ANÁLISE DOS DADOS DA INTERVENÇÃO</b> .....	<b>21</b>
2.1	ALFABETIZAÇÃO E ANALFABETISMO .....	21
2.1.1	<b>Educação de Jovens e Adultos: Um breve histórico</b> .....	<b>25</b>
2.2	A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO .....	33
2.3	FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES .....	36
2.4	AVALIAÇÃO .....	44
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>48</b>
3.1	MÉTODO DA INTERVENÇÃO .....	48
<b>4</b>	<b>AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO</b> .....	<b>50</b>
4.1	ANALISANDO AS RODAS DE FORMAÇÃO .....	48
4.1.1	Roda de Formação 1: conhecendo a realidade local .....	52
4.1.2	<b>Roda de Formação 2: ampliando o conceito de letramento</b> .....	<b>61</b>
4.1.3	<b>Roda de Formação 3: avaliação dos sujeitos na EJA</b> .....	<b>71</b>
4.1.4	<b>Roda de Formação 4: leitura e produção de textos</b> .....	<b>76</b>
4.1.5	<b>Roda de Formação 5: repensando o teste classificatório</b> .....	<b>82</b>
4.1.6	<b>Roda de Formação 6: (re) construindo o teste classificatório</b> .....	<b>84</b>
4.2	CONVITE ACEITO: A EXPERIÊNCIA DE UMA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA RECONSTRUÍDA .....	87
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>101</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>103</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>108</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO: SITUANDO OS INTERESSES DA PESQUISA

A educação é um direito humano reconhecido no Artigo nº 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e deve ser garantida pelo Estado com os demais direitos sociais, já que são interdependentes. É um direito humano, pois se refere ao direito da aprendizagem, da emancipação do sujeito, da oportunidade de participação ativa na sociedade, ou seja, “ao desenvolvimento pleno da personalidade humana.” (GADOTTI, 2009). Esse direito não se refere apenas à garantia de acesso à educação, mas também à permanência dos sujeitos na escola, de modo que venham alcançar a conclusão de sua escolaridade básica.

Conforme prevê o Artigo nº37 da Lei 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN) “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Alarcão (2011, p.17) contribui nesse debate afirmando que a aprendizagem se tornou um bem de todos, logo, “a aprendizagem ao longo da vida, um direito e uma necessidade”.

Fatores que afastaram os sujeitos da escola na idade adequada precisam ser superados. Dessa maneira, a LDBEN assegura no parágrafo 1º que serão ofertadas “oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil percorreu vários caminhos até consolidar-se como modalidade<sup>1</sup> de ensino da educação básica, por possuir, como público alvo, sujeitos que, por diferentes razões, não conseguiram concluir esta etapa dentro do tempo esperado, ou seja, deixaram de cursar o ensino regular na idade-série correspondente, e o seu direito à educação foi por muito tempo negado.

A EJA deu um grande passo com a explicitação dessa modalidade na LDBEN de 1996, pois esta garante a educação como um direito em qualquer idade, não restringindo mais a educação às crianças e jovens, mas estendendo-a aos adultos e idosos, ou seja, para aqueles sujeitos que não tiveram acesso ou condições de permanência na escola na idade adequada, tendo, portanto seus direitos enquanto

---

<sup>1</sup> A LDBEN/96, no seu Título V, define os Níveis e as Modalidades de Educação e Ensino no sistema escolar, criando as modalidades Educação de Jovens e Adultos, a Educação Profissional e a Educação Especial.

cidadãos negados.

A caminhada para a EJA alcançar o estatuto de lei foi de muita luta, principalmente por parte dos movimentos sociais, pois devido às dificuldades enfrentadas pelos diversos indivíduos que representam os grupos excluídos da sociedade e, portanto, da escolarização, que atualmente a EJA é uma modalidade consolidada.

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos, desde a década de 1990, está acontecendo um fenômeno chamado *juvenilização*<sup>2</sup> das classes de EJA, o que significa que o público dessa modalidade não é mais o mesmo, ou pelo menos não é mais composto pela maioria de pessoas adultas e até idosas que não tiveram a oportunidade ou as condições necessárias para estudar na idade adequada. Atualmente a EJA tem se tornado espaço para alunos jovens, aqueles que por algum fator foram excluídos do turno regular em que frequentavam a escola, entre os quais podemos mencionar: repetência, evasão e ingresso precoce no mercado de trabalho.

São jovens que por questões socioeconômicas, de classe, de gênero, de aprendizagem, faixa etária não puderam continuar frequentando o turno regular e foram “remanejados” para a EJA. Esses alunos chegam às aulas dessa modalidade de ensino geralmente desmotivados e, muitas vezes, não encontram na escola e principalmente na figura do professor a receptividade necessária para suas demandas. Ao contrário, muitas vezes se deparam com um sujeito, cuja prática pedagógica não contempla e não está preocupada em incluir a diversidade na sala de aula.

Tenho observado esse fenômeno da *juvenilização* nas classes de EJA, narrado acima, na escola em que atuo como gestora desde 2016, quando me deparei com as fichas de matrículas dos alunos que são advindos de outras escolas e ao ouvir os comentários dos professores, quanto ao novo perfil do alunado, em termos geracionais, e também em relação ao domínio da leitura e da escrita.

A partir disso, coube refletir sobre como esses alunos advindos de outras escolas ingressam nessas turmas de EJA em termos de sua aprendizagem em relação à leitura e à escrita.

---

<sup>2</sup> Este termo se refere ao fenômeno do aumento crescente de jovens e adolescentes que buscam essa modalidade de ensino para concluir seus estudos. (RIBEIRO, 2001; CARRANO, 2007; PAIVA, 2009).

Sendo assim, defini como objetivo geral de minha pesquisa problematizar e provocar algumas mudanças no instrumento de avaliação diagnóstica para ingresso de alunos na EJA- Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Affonso.

No intuito de alcançar o objetivo geral mencionado acima, elegi alguns objetivos específicos, os quais são: realizar a formação continuada de professores da EJA numa escola pública da rede estadual de ensino; promover a compreensão do conceito de letramento considerando as diversas áreas do conhecimento e a possibilidade de uma outra forma de avaliação diagnóstica; oportunizar a análise e a incorporação de mudanças no instrumento de avaliação diagnóstica para a EJA pelos próprios professores da escola; acompanhar o processo de avaliação, realizado pelos professores, dos alunos que irão ingressar na EJA; observar os efeitos da análise e da atualização do instrumento de avaliação diagnóstica na classificação e distribuição dos alunos nas totalidades.

Para construir o projeto de intervenção, efetivado em março de 2017, realizei uma pesquisa qualitativa<sup>3</sup>, cuja escolha decorreu da necessidade de elaborar, a partir dos dados obtidos, um diagnóstico sobre os alunos da EJA anos finais da escola e, também, sobre as impressões dos professores acerca desses alunos no que se refere ao seu conhecimento acerca da leitura e da escrita. O diagnóstico mencionado foi utilizado para subsidiar as ações de formação continuada, visando qualificar a prática docente dos professores e o processo de avaliação de ingresso dos alunos na EJA.

Como menciono acima, a pesquisa foi qualitativa, do tipo intervenção pedagógica, já que esta busca planejar, implementar e avaliar as práticas pedagógicas desenvolvidas, (DAMIANI, 2012). A intervenção pedagógica parte do pressuposto que se trata da ação de um profissional num determinado contexto com a intenção de interferir em um determinado processo. No caso do projeto de intervenção, busquei através da investigação dos entendimentos dos professores sobre como os alunos ingressam na EJA- Anos Finais do Ensino Fundamental, em termos da aprendizagem da leitura e da escrita, auxiliar na qualificação do

---

3 A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21-22).



instrumento de avaliação diagnóstica desses alunos, assim como no momento da classificação e distribuição nas diferentes totalidades.

Damiani (2013, p.2) caracteriza as pesquisas interventivas como aquelas que “são aplicadas, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos” que, no contexto deste trabalho, refere-se à problematizar e analisar o instrumento de avaliação diagnóstica que vem sendo utilizado pela escola para classificar e distribuir os alunos que ingressam na EJA, nas diferentes totalidades.

Dessa maneira, a metodologia escolhida para a realização do projeto de intervenção visou o planejamento e a realização de seis Rodas de Formação (ALBUQUERQUE, GALIAZZI, 2011) aos professores da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da rede pública estadual de Jaguarão.

Para melhor subsidiar esta proposta, realizei um diagnóstico com os sujeitos envolvidos na pesquisa, que são os professores da EJA anos finais da E.E.E.M. Hermes Pintos Affonso. Esta escola começou a ofertar a Educação para Jovens e Adultos numa perspectiva de ensino supletivo, no ano de 1993. Nesse período, eram oferecidas as classes de alfabetização, as quais continuaram até o ano de 2005, foi nesse período inclusive que a escola recebeu a única professora nomeada por concurso para esta modalidade, a qual permanece atuando na escola, hoje na função de coordenadora pedagógica. A partir do ano de 2006, a escola responsabilizou-se por ofertar a EJA para os anos finais do ensino fundamental, como permanece atualmente.

No segundo semestre de 2016, tínhamos 14 professores de diferentes áreas do conhecimento lecionando nessa modalidade. Foi aplicado um questionário sobre o qual “entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado.” (GIL, 2002, p. 114). Eis o questionário utilizado no momento da pesquisa para compor o projeto de intervenção, que originou este relatório reflexivo:

- |  |
|--|
| <p>1- Formação<br/> <input type="checkbox"/> Magistério.<br/> <input type="checkbox"/> Graduação. Qual? _____<br/> <input type="checkbox"/> Especialização. Qual? _____</p> <p>2- Tempo de atuação na EJA? _____</p> <p>3- Tu consideras que os alunos chegam alfabetizados na EJA?</p> <p>4- Como se pode colaborar para que os alunos continuem progredindo na leitura e escrita, aprendendo conhecimentos das diferentes áreas do conhecimento?</p> |
|--|

Tabela 1- Questionário aplicado aos professores da EJA.

As questões deste questionário pretendiam buscar uma breve caracterização dos sujeitos, porém sem identificá-los, numa tentativa de deixá-los mais a vontade para responderem as perguntas. Conforme Marconi e Lakatos (2003, p.203), as perguntas do questionário “devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

A opção pelo questionário decorreu da necessidade de construir, a partir dos dados obtidos, um diagnóstico da realidade local, de forma que o mesmo possa ser utilizado posteriormente para subsidiar as ações de formação, visando qualificar o processo formativo dos professores.

Sendo assim, havia perguntas, como mostra o quadro acima, sobre a área de formação dos sujeitos, para verificar a proximidade da área de formação dos professores com a área em que atuam; a outra pergunta se referia ao aprendizado dos alunos, para verificar se eles consideravam que os alunos ingressavam na EJA alfabetizados e, a última pergunta, era para saber de que maneiras poderíamos colaborar para que esses alunos continuassem progredindo na leitura e escrita, aprendendo conhecimentos das diferentes áreas do conhecimento.

Dos 14 questionários entregues, apenas 9 foram devolvidos com resposta. Como não havia espaço para identificação dos sujeitos, não pude controlar quem foram os professores que entregaram o questionário respondido e quais foram aqueles que não fizeram a devolução do mesmo.

Além do questionário, as observações que realizei enquanto gestora da escola, em momentos como o intervalo e conselhos de classe, permitiram-me considerar essa intervenção plenamente necessária neste contexto escolar, já que a referida escola é a única no município que oferta EJA anos finais, como já mencionado, recebendo alunos oriundos de diversas escolas. Para coletar os dados das observações, utilizei um caderno de anotações, pois:

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 190).

Esta técnica foi muito útil para que eu pudesse coletar dados complementares às perguntas realizadas no questionário, para sanar dúvidas e aprofundar algumas informações que não haviam ficado explícitas no mesmo.

Para a avaliação do diagnóstico realizado, utilizei-me da análise textual discursiva numa perspectiva de análise de conteúdo, buscando tudo aquilo que produz sentido, não só o que foi falado ou escrito, mas tudo que “diz” alguma coisa, ultrapassando a questão semântica, na tentativa de realizar uma interlocução com os sujeitos da pesquisa. A avaliação do diagnóstico refere-se ao momento em que os questionários e as anotações das observações, que foram os instrumentos utilizados no diagnóstico, foram analisados. Eles receberam o seguinte tratamento: o questionário foi aplicado aos sujeitos envolvidos na pesquisa e a análise dos dados foi realizada a partir das respostas de cada pergunta, quando foi possível marcar as semelhanças e as diferenças, na tentativa de categorizar as respostas, as quais serviram para a elaboração do roteiro dos encontros, juntamente com o que foi extraído ao analisar as anotações realizadas durante as observações, que busquei separar por unidades de significado, procurando elencar as unidades que serão organizadas pelos temas/assuntos pertinentes, os quais foram extraídos das respostas dos professores.

Para compreender melhor o interesse pela pesquisa interventiva no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, é importante mencionar a minha formação acadêmica, pois sou licenciada em Pedagogia (UNIPAMPA-2010), possuo especialização em Mídias na Educação (IFSUL-2012) e em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade (FURG-2017). Durante essa trajetória, sempre estive voltada aos estudos que envolvessem essa temática.

Quanto a minha trajetória profissional, vale ressaltar que sou professora da rede municipal de Jaguarão (2012) e também da rede estadual (2012), tendo atuado na EJA em diversos momentos, assim como no Programa Brasil Alfabetizado, tanto como alfabetizadora, como coordenadora de turmas.

A seguir apresento os capítulos que compõe este relatório crítico reflexivo. O segundo capítulo traz a discussão de aspectos teóricos importantes que embasaram a intervenção pedagógica e contribuíram para análise dos dados da intervenção. Os principais aspectos abordados neste capítulo foram os conceitos de alfabetização e analfabetismo, um breve histórico da modalidade da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, assim como a perspectiva de letramento nas diversas áreas do conhecimento. Ainda neste capítulo, discuto sobre a formação continuada de professores e argumentos teóricos sobre avaliação.

O terceiro capítulo destina-se a apresentar a metodologia utilizada no

percurso da pesquisa, a qual foi qualitativa, do tipo intervenção pedagógica numa perspectiva de Rodas de Formação. O quarto capítulo deste relatório traz as análises dos dados coletados nas Rodas de Formação, tramando um diálogo com os autores. Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais desta pesquisa do tipo intervenção pedagógica.

## **2 DISCUTINDO ASPECTOS IMPORTANTES PARA A ANÁLISE DOS DADOS DA INTERVENÇÃO**

Neste capítulo aprofundarei a reflexão sobre alguns conceitos extremamente relevantes para se pensar esta pesquisa, os quais serviram de ferramenta para a análise dos dados coletados durante a intervenção.

Para subsidiar esta investigação foi necessário buscar apoio teórico em alguns autores que realizaram estudos sobre alfabetização, a perspectiva de letramento nas diferentes áreas do conhecimento, a formação de professores e, mais especificamente, a formação continuada docente na EJA. Busquei também contemplar alguns aspectos da avaliação no que se refere principalmente à avaliação diagnóstica das aprendizagens dos sujeitos. Além disso, procurei realizar um breve histórico da EJA no Brasil de modo a contextualizar essa modalidade de ensino no cenário atual.

### **2.1 ALFABETIZAÇÃO E ANALFABETISMO**

Para falar de alfabetização é preciso saber o sentido desse conceito que foi se modificando ao longo dos anos. As definições que embasavam as pesquisas censitárias que revelavam os índices de analfabetismo no Brasil foram sendo ampliadas.

Na década de 1940, era verificado se as pessoas sabiam ler e escrever, e para comprovar isso, bastava que escrevessem o próprio nome. A partir da década de 1950 até os anos 2000, era necessário saber ler e escrever um bilhete simples, comprovando com isso que o indivíduo exerce práticas sociais nas quais o uso da leitura e da escrita são pertinentes. Após os anos 2000, com influência da globalização e dos estudos sobre letramento, surge o conceito de analfabetismo funcional, que se refere àqueles sujeitos com poucos anos de estudo, ou seja, que cursaram em média até o 5º ano do ensino fundamental, os quais para serem considerados alfabetizados precisam possuir as competências que se referem, além de saber ler e escrever, atribuir significado ao que leem e façam uso social da leitura e da escrita, assim como realizem as quatro operações matemáticas de maneira satisfatória.

Em contrapartida é preciso compreender também o conceito de alfabetismo, palavra estranhamente não muito conhecida ou utilizada, mas que se refere ao estado contrário de analfabetismo. Procurei inicialmente a definição do dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, que se refere ao termo como “sm. 1 Sistema de escrita baseado no alfabeto, em oposição aos sistemas ideográficos. 2 Instrução primária. 3 Estado ou qualidade dos que foram alfabetizados.”.

Nesse sentido, foi preciso buscar apoio teórico em Graff (1990, p.30) que amplia as discussões sobre os usos desse conceito, ao afirmar que “o alfabetismo é a característica distintiva mais importante de um homem civilizado e de uma sociedade civilizada”. Nesse sentido, o autor redimensiona o conceito de alfabetismo para pensá-lo a partir de contextos sócio-históricos.

Alguns autores brasileiros como Mary Kato (1986), Leda Veridiani Tfouni (1988), Ângela Kleiman (1995) e Magda Becker Soares (1998) utilizam o neologismo “letramento” com o mesmo sentido do termo alfabetismo, como sugere a própria Soares (1995), por guardar o mesmo sentido do termo “alfabetização”, relativo ao ato de ensinar ou propagar o ensino da leitura e da escrita e também por ser um termo já dicionarizado. Kleiman (1995) esclarece que a palavra letramento não está dicionarizada, tendo em vista a complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, mas se deve a Mary Kato a utilização primeira do conceito “letramento”, em 1986.

Para dar continuidade à reflexão é preciso conhecer fundamentalmente, portanto o conceito de analfabetismo. O analfabetismo de acordo com Mortatti (2004) está presente no Brasil desde o período colonial e só emergiu como um problema para a sociedade, quando os analfabetos foram impedidos de votar. Nesse sentido, Mortatti (2004, p.17) argumenta que:

o analfabetismo foi-se constituindo, especialmente ao longo do século XX, como um problema não apenas político, mas também social, cultural e econômico, acentuando-se as atitudes de discriminação e marginalização em relação ao analfabeto, sob o argumento de que ele era incapaz.

Dessa forma, o analfabetismo constituiu-se no Brasil, discursivamente<sup>4</sup>, como um “mal que assolava a sociedade” e, portanto, precisava ser “erradicado”. Para

---

<sup>4</sup> Discursivamente remete a discurso, que é assim definido por Silva (2000, p.43): “No contexto da crítica pós-estruturalista, o termo é utilizado para enfatizar o caráter linguístico do processo de construção do mundo social”.

tanto, censos passaram a ser realizados, para verificar os índices populacionais de sujeitos nessa situação. Com o passar dos anos, para melhor apurar os números referentes aos analfabetos, foram mudando os critérios para se considerar uma pessoa analfabeta ou alfabetizada a partir das novas definições de alfabetização. Nesse sentido, de acordo com Mortatti (2004, p.21), até os dias atuais é possível “verificar a persistência e a complexidade do problema do analfabetismo no Brasil”.

Entre os anos de 2001 e 2014 o Brasil reduziu em 4,3% o número de analfabetos, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2014, realizada pelo IBGE. Apesar de estar entre as maiores economias do mundo, o Brasil não conseguiu resolver esta demanda que está latente há mais de cinco séculos. Nosso país não conquistou esse princípio básico de cidadania para uma significativa parcela da população, que é a alfabetização. Ser alfabetizado é um direito assegurado pela Constituição e está estreitamente relacionado aos fatores de desigualdade social. Seguindo a lógica freireana, o analfabetismo é efeito e não causa da pobreza, produzido por uma estrutura social extremamente desigual.

Ler e escrever são habilidades que permitem às pessoas participarem efetivamente dos diferentes contextos sociais, ou seja, utilizar essas habilidades em função das diversas necessidades em sociedade. Nesse sentido, ser analfabeto na sociedade atual, impede que o sujeito exerça plenamente sua cidadania, além de ser fator de discriminação social e constrangimento. O fato do indivíduo não ter adquirido as habilidades pertinentes à alfabetização tolhe a sua liberdade, pois dependem de outras pessoas para efetivar a sua comunicação com o mundo. A pessoa analfabeta enfrenta dificuldades no seu dia a dia, para pegar um ônibus, para assinar documentos, para efetuar compras, etc. comprometendo a sua participação ativa na sociedade.

As pessoas pertencentes ao grupo considerado como analfabeto absoluto deixam muitas vezes de serem assistidas nos seus direitos mais básicos, perdem oportunidades de ascensão profissional e pessoal, sofrem discriminações, enfim são excluídas perversamente da sociedade em que vivem.

Na sociedade atual, temos uma parcela da população que pertence ao grupo denominado analfabetos funcionais. Este termo se refere àqueles sujeitos com poucos anos de estudo na sua escolarização básica. Ampliando o conceito adotado pelo IBGE, a UNESCO (2012) define analfabeto funcional como:

toda pessoa que sabe escrever seu próprio nome, aquele que lê e escreve frases simples, sabe fazer cálculos básicos, contudo, é incapaz de usar a leitura e a escrita em atividades rotineiras do dia a dia, impossibilitando seu desenvolvimento pessoal, profissional, acesso ao mercado globalizado de trabalho, à mercê de dificuldades de aprendizagem do conhecimento tecnológico da modernidade.

Os sujeitos considerados analfabetos funcionais são aqueles que cursaram em média até o 5º ano do ensino fundamental, e pelo fato de não terem completado seu tempo de escolarização, não desenvolveram seus aprendizados no que se refere à leitura e à escrita. Portanto, de acordo com Ribeiro (1997, p.145), em alguns casos este termo é utilizado:

para designar a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fins pragmáticos, em contextos cotidianos, domésticos ou de trabalho, muitas vezes colocado em contraposição a uma concepção mais tradicional e acadêmica, fortemente referida a práticas de leitura com fins estéticos e à erudição.

Na atualidade é possível afirmar que não basta ao sujeito dominar os códigos ou técnicas de leitura e escrita, esses aprendizados precisam ser úteis para o desenvolvimento do sujeito enquanto cidadão e para o desenvolvimento da comunidade em que estiver inserido. Nesse sentido, não bastou aos indivíduos terem tido acesso à escola, pois por diversas razões não concluíram sua escolarização básica, portanto estão caracterizados pertencentes a essa categoria.

Para pertencerem a essa categoria, atualmente é utilizado no Brasil a estimativa de quatro anos de escolarização dos sujeitos, pois nosso país pertence aos países considerados de terceiro mundo. Essa característica não é regra geral, pois em outros países o indicador de tempo de escolarização dos sujeitos pode ser variável, pois como esclarece Ribeiro (1997, p.148):

Certamente, essa variância no número de anos de escolaridade considerados como mínimo necessário não deriva, necessariamente, de diferentes graus de exigências impostos pelos diferentes contextos, mas, principalmente, das metas educacionais consideradas como factíveis para os países, de acordo com seu nível de desenvolvimento socioeconômico.

Essa variável no tempo de estudo se refere diretamente à maleabilidade dos conceitos, dificultando que se realizem comparações válidas. A autora chama a atenção de que, ao realizar pesquisas com fins pedagógicos que buscam aferir habilidades linguísticas, não sejam avaliados apenas os resultados finais de testes



aplicados, mas que sejam avaliados também os processos que deram origem a esses resultados, para que se possa revelar capacidades e carências.

### 2.1.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM BREVE HISTÓRICO

Pode-se dizer, de acordo com Santos, Vargas e Vargas (2013), que os primórdios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil se deu durante a colonização portuguesa com a chegada dos jesuítas, em 1549. Mesmo que essa educação tivesse cunho religioso, pois o principal objetivo era a catequização (conversão à fé católica), também transmitiam normas de comportamento e foram eles que possibilitaram minimamente aos indígenas, colonos e escravos o contato com a leitura e a escrita, porém os colonizadores não tinham interesse no domínio desses códigos por esses sujeitos, já que a principal meta daquele período era a exportação de matéria prima. Podemos dizer que os jesuítas foram os principais educadores no Brasil, desde a sua chegada até a sua expulsão em 1759, sob a alegação de que detinham o poder econômico o qual precisava voltar para o governo português.

A partir de então, no período imperial, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, foi necessária uma estruturação do sistema educacional, tendo em vista os novos interesses estabelecidos. Mais precisamente com a Constituição de 1824 se previu a inserção nos processos de educação formal, instituindo a instrução primária e gratuita<sup>5</sup> a todos os cidadãos, portanto inclusive para os adultos. Porém o que sucedia, na maioria das vezes, eram esses grupos frequentarem redes de aprendizagem informais ou domésticas, pois somente se admitia administrar a educação primária como direito a uma pequena parcela da população pertencente a elite econômica, da qual ficavam excluídos os indígenas, os negros e as mulheres.

Já no período da industrialização no Brasil, de acordo com Cunha (1999-p.35), “houve uma lenta e tímida valorização da Educação de Jovens e Adultos”, ligada à preparação para o trabalho. Nesse sentido, Galvão e Soares, 2005, afirmam que, no início do século XX, houve diversas mobilizações, por exemplo, a fundação

---

<sup>5</sup> No Brasil, até 1971, o ensino primário constituía historicamente o primeiro estágio da educação escolar. Era constituído normalmente por quatro séries, cada um correspondendo a um ano. Podia prolongar-se por até mais duas séries complementares, com vista a ampliar o conhecimento do aluno e a sua formação para o trabalho. A conclusão do ensino primário permitia o ingresso no ensino ginasial.

da Liga Brasileira contra o Analfabetismo<sup>6</sup>, em 1915, que buscavam a alfabetização de adultos, porém estas eram iniciativas autônomas da sociedade, já que não havia nenhuma política nacional.

Em 1940, com a divulgação de pesquisas com dados alarmantes relacionados ao número de analfabetos no Brasil, e devido à pressão internacional, algumas campanhas<sup>7</sup> foram realizadas, impulsionadas pela UNESCO<sup>8</sup>.

Porém na década de 50 é que foi possível verificar a ineficiência dos programas voltados para erradicar o analfabetismo, principalmente pelo curto espaço de tempo<sup>9</sup> para a aprendizagem e a inadequação dos métodos<sup>10</sup> aos adultos. Foi nesse período histórico que começaram a emergir os estudos de Paulo Freire no Brasil e, a partir de então, foram estabelecidas diversas parcerias político-administrativas. Em janeiro de 1964 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), programa criado através do decreto nº 53.465. Sua instituição foi uma tentativa do MEC de coordenar os movimentos de educação de base e/ou alfabetização de adultos e adolescentes que vinham se multiplicando em todo o país a partir de 1961.

Paulo Freire foi nomeado em março de 1964 para exercer a coordenação do programa que utilizaria a metodologia criada por ele na sua execução. O programa pretendia instalar, em 1964, 60.870 círculos de cultura, a fim de alfabetizar 1.834.200 adultos, atendendo assim 8,9% da população analfabeta (da faixa de 15 a 45 anos), que em setembro de 1963 era de 20,442 milhões pessoas. Esses círculos seriam implantados em quatro etapas sucessivas (cada uma com a duração de três meses) em todas as unidades da federação. Os cursos mal teriam sido implantados quando o PNA foi extinto, a 14 de abril de 1964, pelo Golpe Militar<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Instituição fundada no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 7 de setembro de 1915, visando ao combate ao analfabetismo em todo o Brasil. Encerrou suas atividades em 1940, após realizações empreendidas pelo presidente Getúlio Vargas no campo da educação. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIGA%20BRASILEIRA%20CONTRA%20O%20ANALFABETISMO.pdf> Acesso em: 20/11/2016.

<sup>7</sup> Em 1946, é aprovada a Lei Orgânica do Ensino Primário, a qual prevê o Ensino Supletivo. Em 1947, o governo brasileiro lança, de forma inédita no país, uma Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, coordenada pela Secretaria de Educação de Adultos (DI PIERRO; HADDAD, 2000, p.111).

<sup>8</sup> Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

<sup>9</sup> A alfabetização era prevista para três meses e, logo após, seria feito o curso primário em dois períodos de sete meses.

<sup>10</sup> Os argumentos didáticos tinham como ênfase a criança e o analfabeto, que continuava a ser tratado como incapaz e infantilizado. (GALVÃO; SOARES, 2005, p.267).

<sup>11</sup> O *Golpe Militar*, ocorrido em 1964, estabeleceu no Brasil uma ditadura militar que permaneceu até 1985.

A proposta freireana, nesse período, ficou conhecida como “método Paulo Freire”, porém podemos afirmar que este estudioso, em momento algum, criou um método de alfabetização. Ele foi criador, como afirma Soares (2003, p.119), de “uma concepção de alfabetização, no quadro de uma também nova concepção de educação”. O que o educador propôs foi uma alfabetização que não fosse apenas o aprendizado mecânico de uma técnica de codificação/decodificação, mas um ato reflexivo e libertador, que deveria partir do vocabulário dos alfabetizandos, do seu contexto social, cultural, político e vivencial, sendo esta proposta nomeada de temas geradores.

Em síntese: uma concepção de alfabetização que transforma o material e o objetivo com que se alfabetiza, as relações sociais em que se alfabetiza, é uma concepção que põe o método a serviço de uma certa política e filosofia da educação. (SOARES, 2003, p.120).

Paulo Freire foi revolucionário quando formulou essa nova concepção de alfabetização que supera o sentido restrito de método e avança em direção a uma concepção mais abrangente de sujeito e sua participação no mundo.

Soares (2003), quando discute a concepção freireana de alfabetização, desmistificando que Freire criou apenas um método, ela menciona o próprio Freire quando o mesmo se inclui como pertencente ao método eclético ou analítico-sintético, que parte sim das palavras, mas não de quaisquer palavras, de palavras que pertençam ao contexto social, cultural, político e vivencial dos sujeitos e, portanto, possuam significados. Dessa maneira, a alfabetização se torna um momento de conscientização e libertação e não apenas uma técnica mecânica de codificação/decodificação. Na esteira desses entendimentos, Soares (2003, p.119-120) afirma que:

não é o método que é novo, não é um método de alfabetização que Paulo Freire cria, é uma concepção de alfabetização, que transforma fundamentalmente o *material* com que se alfabetiza, o *objetivo* com que se alfabetiza, as *relações sociais* em que se alfabetiza – enfim: o método com que se alfabetiza.

A autora afirma que mais do que palavras geradoras surgidas permeadas de significados, da mesma forma devem brotar os temas geradores, “numa relação horizontal de diálogo entre alfabetizando e alfabetizador, o método assume e

respeita o alfabetizando”. (SOARES, 2003, p.121). Nessa perspectiva, a autora reitera diversas vezes que Freire não criou um método, mas uma teoria da educação, ou seja, uma pedagogia já que “é uma concepção que põe o método a serviço de uma certa política e filosofia de educação”. (SOARES, 2003, p.120).

Em dezembro de 1967, o governo militar decidiu então assumir o controle das atividades de alfabetização, lançando o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)<sup>12</sup>. Quanto a esse projeto, Galvão e Soares (2005, p.270) argumentam que:

os métodos e materiais propostos pelo MOBRAL se assemelhavam aos elaborados pelo movimento de educação e cultura popular, partindo de palavras geradoras retiradas da realidade do educando para ensinar em padrões silábicos. Porém, essas semelhanças eram apenas superficiais, pois o conteúdo crítico e problematizador foi esvaziado, por meio de mensagens que valorizavam o esforço individual, para se integrar ao processo de desenvolvimento nacional. Além disso, o material era padronizado em todo o país.

Ainda com a intenção de erradicar o analfabetismo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 5692/71 prevê a educação de adultos como direito a cidadania. É nesse momento que surgem os Centros de Estudos Supletivos (CES), os quais se caracterizavam por uma educação extremamente tecnicista para certificação rápida dos indivíduos.

O MOBRAL foi extinto em 1985, sendo substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar), a qual não executava diretamente os programas, mas apoiava financeira e tecnicamente ONGs, entidades civis e empresas conveniadas, pois diferentemente do MOBRAL fazia parte do Ministério da Educação. Com a Constituição promulgada em 05 de outubro de 1988, o dever do Estado é ampliado, devendo a partir de então garantir o acesso ao Ensino Fundamental, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade própria.

Nesse momento histórico (1988-1990), não houve ações do Estado voltadas a essa modalidade da educação, as Campanhas de Alfabetização desse período foram iniciativas privadas e não governamentais.

No ano de 1990 em que houve a Conferência Mundial de Educação para Todos, momento em que se dialogou sobre a dramática realidade mundial do

---

<sup>12</sup> Foi um projeto do governo militar brasileiro criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, sendo extinto em 1985, com a Nova República.

analfabetismo, o qual foi considerado, pela UNESCO, Ano Internacional da Alfabetização, também foi criado o Movimento de Alfabetização (MOVA), o qual se caracterizava por uma parceria do poder público e da sociedade civil. Nesse mesmo ano, surgiu o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), lançado oficialmente em 11 de setembro de 1990. Este programa tinha por intenção auxiliar o governo brasileiro que, marcado por ideais de modernidade, precisava confrontar um dos sintomas de grave atraso e subdesenvolvimento que é o analfabetismo. A meta era, em quatro anos, reduzir em até 70% o analfabetismo. No entanto, o programa durou apenas um ano.

Nessa mesma década, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9394/96, através da qual a Educação de Jovens e Adultos passa a usufruir de caráter próprio como uma modalidade da Educação Básica. Nesse período, também houve campanhas para reduzir os índices de analfabetismo, tais como o Alfabetização Solidária (Alfasol), uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos e de utilidade pública (organização não governamental, ONG), que adota um modelo de alfabetização inicial de baixo custo, baseado no sistema de parcerias com os diversos setores da sociedade.

Somente em julho de 2000 é que são estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, a qual regulamenta a oferta e a estrutura dos componentes curriculares, definindo-a como modalidade da Educação Básica nas etapas do ensino fundamental e médio.

Dessa forma, nosso país já foi palco de diversas ações, campanhas e programas voltados à erradicação do analfabetismo. Nos últimos anos, como parte do esforço para avançar rumo à universalização da Educação Básica, foi criado em 2003, e reformulado em 2007, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), cujas ações são voltadas para a alfabetização de jovens a partir dos 15 anos de idade, atendendo adultos e idosos. Tem como um dos seus principais objetivos oportunizar a escolarização para os que não frequentaram ou não tiveram acesso à escola na idade adequada, visando à redução do analfabetismo e superação da pobreza, intencionando que os alunos alfabetizados deem continuidade aos estudos e sejam incluídos socialmente.

o Programa Brasil Alfabetizado adotou uma concepção de política pública que reconhece e reafirma o dever do Estado de garantir a educação como direito de todos. Nesta perspectiva republicana e democrática, a

alfabetização de jovens e adultos deixou de ser vista como uma ação periférica e compensatória, e passou a constituir-se um dos eixos estratégicos da política educacional do país, integrando-se a outras políticas públicas voltadas para a inclusão dos grupos sociais historicamente excluídos. (BRASIL, 2011, p.7).

Recentemente, quando o Programa já fazia quase uma década, alguns estudos,<sup>13</sup> como os de Andrade, Brenner, Neto (2011), foram realizados para coletar dados e informações sobre as ações que o PBA desenvolveu nesse período, já que os índices de redução do analfabetismo demonstravam estar aquém do esperado e apontaram algumas fragilidades nesse programa, entre elas a formação de professores e a insuficiente articulação com uma política de EJA. Considerando que esse Programa deveria ser o momento inicial do processo de escolarização desses sujeitos, seria importante a sua continuidade, para a consolidação das aprendizagens e a conclusão da educação básica.

Nesse sentido, recentemente aprovado na forma da Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, o Plano Nacional de Educação (PNE), para o decênio 2014-2024, traz no seu artigo 2º, como a primeira de suas diretrizes, a “erradicação do analfabetismo”, estabelecendo como uma de suas 20 metas:

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional. (BRASIL, 2014, p. 68).

Para o cumprimento dessa meta, o PNE estabelece 12 estratégias, sendo uma delas a 9.3: “Implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica”. (BRASIL, 2014, p.68). Verificamos nesta estratégia a preocupação em garantir a continuidade dos estudos dos alunos egressos dos programas de alfabetização, para que não sejam mais ações desarticuladas, que acabam não atingindo o objetivo principal, que é dar condições aos sujeitos para que concluam essa importante etapa que é a educação básica, evitando que se tornem analfabetos funcionais. Dessa maneira, pode-se observar, de acordo com Ribas e Mesquida (2013), uma ambiguidade que

---

<sup>13</sup> ANDRADE, Eliane Ribeiro; BRENNER, Ana Karina; NETO, Miguel Farah. Contribuições do Brasil no Âmbito da Iniciativa de Alfabetização para o empoderamento. (*LIFE – LITERACY INITIATIVE FOR EMPOWERMENT*) 2011.

acompanha historicamente a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, pois por um lado sabemos da criação de diversos programas voltados à erradicação do analfabetismo e, por outro, ainda é alarmante os altos índices de analfabetismo e evasão.

Nesse sentido verificamos a necessidade de reconfigurar as políticas públicas para EJA, buscando que sejam mais atentas às especificidades do público-alvo da educação de jovens e adultos, procurando alterar o caráter reducionista que tem marcado a sua trajetória, que está conectada a uma política neoliberal<sup>14</sup> de estado mínimo, para que se possa superar as visões restritivas que tão negativamente a marcaram, como por exemplo, o baixo índice de investimentos.

Jaguarão, município em que se efetivou o projeto de intervenção que deu origem a este relatório, é composto por uma população de 27.942 habitantes, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010. Dessa população, atualmente o município ainda possui um índice de 6,15%<sup>15</sup> de cidadãos não alfabetizados e 22,2%<sup>16</sup> de analfabetos funcionais<sup>17</sup>.

No segundo semestre de 2016, dos 141 alunos matriculados na EJA neste estabelecimento de ensino, como mostra os gráficos a seguir, a maioria deles tinha menos de 18 anos e pertenciam ao sexo masculino.

---

<sup>14</sup> Retração do Estado na garantia de políticas públicas e investimentos para esse público.

<sup>15</sup> BRASIL. Ministério da saúde. DATASUS. **Taxa de Analfabetismo População acima de 15 anos.** Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?ibge/censo/cnv/alfbr.def> Acesso em: 10/06/2015.

<sup>16</sup> BRASIL. SIMEC/MEC- Indicador 9B- **Taxa de analfabetismo funcional da população de 15 anos ou mais de idade.** Disponível em: <http://simec.mec.gov.br/pde/graficopne.php> Acesso em: 10/06/2015.

<sup>17</sup> Entendo como analfabeto funcional o conceito utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como: “a porcentagem de pessoas de uma determinada faixa etária que tem escolaridade de até 3 anos de estudo em relação ao total de pessoas na mesma faixa etária”. <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?t=taxa-analfabetismo&vcodigo=PD384> Acesso em: 11/01/2017.

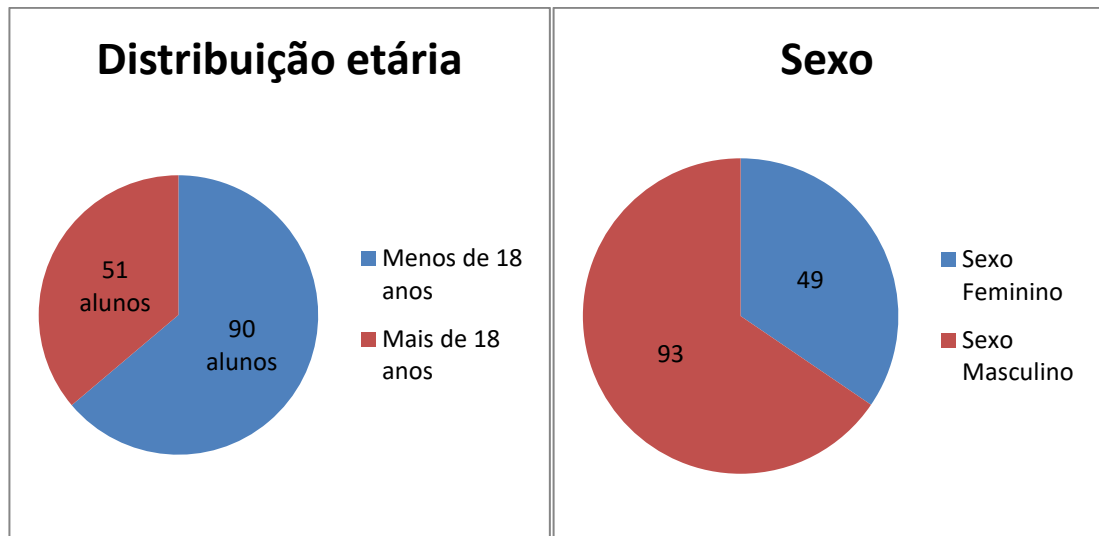


Tabela 2

Tabela 3

Ao fazer um levantamento a partir dos históricos escolares desses alunos, para verificar sua escola de origem, é possível afirmar que a grande maioria veio de escolas municipais urbanas, as quais são responsáveis por ofertar apenas o ensino fundamental.

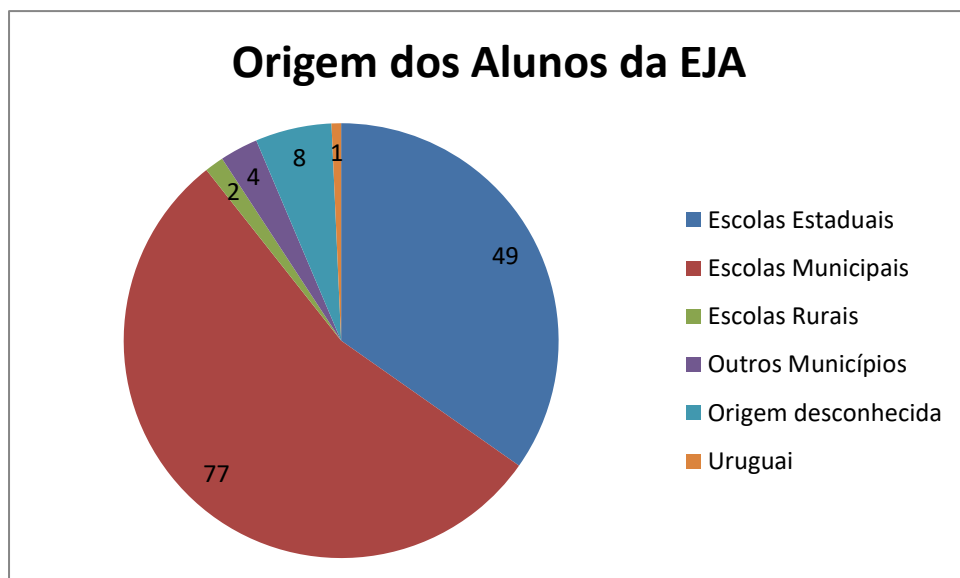


Tabela 4

Nesta cidade é importante mencionar que a Educação de Jovens e Adultos é ofertada para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em duas escolas da rede municipal e em uma escola da rede estadual. Já a mesma modalidade só é ofertada para os Anos Finais do Ensino Fundamental, justamente na escola em que o projeto



de intervenção, o qual deu origem a este relatório, foi realizado, a qual pertence à rede estadual de ensino. A EJA – Ensino Médio, também só é ofertada em uma escola, a qual também pertence a rede estadual.

Atualmente atuo como gestora na Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Affonso (2016-2018), escola a qual funciona nos três turnos e contempla alunos do Ensino Fundamental e Médio, assim como a Educação de Jovens e Adultos nas etapas correspondentes aos Anos Finais do Ensino Fundamental.

A escola possui 730 alunos, sendo a instituição de ensino com maior número de alunos no município. Desses 730, 218 estão matriculados na EJA, distribuídos nas totalidades 4,5 e 6; a escola possui também 44 professores e 10 funcionários, dos quais 2 são secretários, 4 serventes e 4 merendeiras, com sua carga horária distribuída nos três turnos de funcionamento da instituição. Foi com os docentes das turmas de EJA que realizei as Rodas de Formação do projeto de intervenção descrito e analisado neste relatório.

Na Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Affonso, o corpo docente da EJA é formado por 13 professores, todos participaram das Rodas de Formação, que foram realizadas antes do início do ano letivo para essa modalidade.

## 2.2 A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

O letramento, campo de estudos conhecido mais amplamente a partir dos pesquisadores brasileiros Mary Kato (1986), Leda Tfouni (1988), Ângela Kleiman (1995) e Magda Soares (1996), em meados dos anos 1990, é um conceito que se relaciona com o de alfabetização, porém é mais amplo, conforme, por exemplo, explica Mortatti (2004, p.11):

aquisição, utilização e funções da leitura e escrita em sociedades letradas, como habilidades e conhecimentos que precisam ser ensinados e aprendidos, estando relacionado também com a escolarização e a educação abrangendo processos educativos que ocorrem em situações tanto escolares quanto não escolares.

Inicialmente é importante esclarecer que os processos de alfabetização e letramento são diferentes, mas que ambos estão intimamente ligados ao processo de escolarização dos sujeitos. O letramento se refere às diversas capacidades

desenvolvidas pelos sujeitos nos diferentes usos das habilidades de leitura e escrita, não sendo uma prática exclusiva dos espaços escolares, pois as práticas de letramento também ocorrem em contextos exteriores à escola, ou seja, em outras esferas sociais, como a igreja, o mercado, o clube, etc.

No Brasil, o termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela. Podemos falar, ainda nos dias de hoje, de um alto índice de analfabetos, mas não de “iletrados”, pois sabemos que um sujeito que não domina a escrita alfabética, seja criança, seja adulto, envolve-se em práticas de leitura e escrita através da mediação de uma pessoa alfabetizada, e nessas práticas desenvolve uma série de conhecimentos sobre os gêneros que circulam na sociedade. (ALBUQUERQUE, 2007, p.16-17).

Na maioria das vezes, um indivíduo para se alfabetizar exige a mediação da escola para a compreensão desse aprendizado, pois não basta possuir contato com os diversos tipos de textos, ou seja, o convívio com o mundo letrado não garante o aprendizado desse sistema. Porém, para ser letrado o sujeito não necessita da mediação da escola ou dos saberes escolarizados. Soares (1998, p.47) faz distinção entre alfabetização e letramento:

alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Existe uma forte ligação entre o letramento e os saberes que os sujeitos possuem ao ingressar na escola, quando nos propomos a pensar a escolarização a partir dos conhecimentos de cada indivíduo, os quais precisam ser considerados para o planejamento das atividades pedagógicas. Essa reflexão é pertinente a todas as áreas do conhecimento, não apenas da linguagem (em sentido amplo) ou da língua portuguesa.

Dessa maneira, é necessário pensar sobre o letramento nas diversas áreas do conhecimento, compreendendo a leitura e a escrita como saberes multidisciplinares, já que ler e escrever são práticas pertencentes a todas as disciplinas e são habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade.

Ler e escrever diversos tipos de textos, assumir pontos de vista e escrever sobre eles, promovendo um diálogo permanente entre o conhecimento humano existente e o mundo, tornando-se assim um sujeito leitor e produtor de textos é a

principal tarefa da escola, já que este é espaço privilegiado para tais aprendizagens significativas. Guedes e Souza (2006, p.15) afirmam que:

A escola insere o aluno no contexto de diálogo da cultura, um diálogo que se dá por escrito; por isso, ensinar o aluno a escrever para que ele possa participar desse diálogo é tarefa de toda escola. E, para que ele possa participar desse diálogo na condição de produtor de conhecimento, nenhuma das disciplinas da escola pode adotar o resumo, a paráfrase, o esquema, a anotação como seu texto preferencial: nenhuma área pode privilegiar formas textuais em detrimento da escrita para exercitar o entendimento e produzir sentido.

Promover essas habilidades nas diferentes áreas do conhecimento depende do professor, que é o mediador dessas aprendizagens que possibilitam o crescimento pessoal e social dos alunos. Sendo assim, ler e escrever nas diferentes áreas do currículo escolar é um desafio, ampliar esses conhecimentos é tarefa a ser promovida por todos os professores e setores da escola.

Esse compromisso constitui condição indispensável à formação do estudante. Por isso, as diferentes áreas de conhecimento devem procurar refletir a respeito do ler e do escrever como questões específicas do seu fazer, como forma de ensinar a pensar e como possibilidade de estabelecer relações interdisciplinares que certamente enriquecerão a prática pedagógica.

É por meio da leitura que é possível promover o aprendizado dos saberes indispensáveis a cada área, ler e interpretar, ou seja, dialogar com os textos<sup>18</sup> lidos e vincular, através da escrita, os conteúdos e conceitos específicos.

A provocação que está lançada é que o tema ler e escrever, como tarefa de todas as áreas, motive um olhar e um refletir sobre a ação do professor e da escola em seu conjunto, sobre seus compromissos. Esperamos que o tema venha a abrir perspectivas para que, na escola, um pergunte ao outro sobre o que pensa ser ler e escrever em sua área; que desperte o interagir orientando para uma formação mais ampla, completa e dinâmica; que seja viável encaminhar ações interdisciplinares possíveis e desejáveis. E ainda, que entre colegas professores possa se estabelecer um diálogo constante a respeito das atividades de ler e escrever, isto é, sobre a atividade de ensinar, oportunidade de construir sentido e produzir conhecimento. (BRASIL, 2002, p.6).

Construindo assim, uma escola que se distancie cada vez mais da antiga prática de transmissão de conhecimentos, que estariam compartimentados em

---

<sup>18</sup> Quando me refiro a textos, o faço no sentido amplo da palavra, ou seja, não se refere apenas aos textos escritos, mas a todas as possibilidades de leitura existentes que produzem sentido.

gavetas, cujo conteúdo não “conversaria” um com o outro. Pensar o letramento como presente em todas as áreas de conhecimento significa concebê-las como tipos de linguagens que se complementam.

### 2.3 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Os primeiros registros sobre aperfeiçoamento docente no Brasil datam da década de 1960. Já em 1970 houve uma expansão da necessidade de formação continuada, pois o momento histórico requeria recursos humanos mais qualificados. Na década de 1980, a preocupação com a educação intensificou-se e pode-se perceber a importância dos programas de formação continuada de professores correlacionados à prática docente, e, desde então, percebe-se uma dificuldade de articular o que vem sendo oferecido nas formações continuadas para professores e as necessidades sentidas pelos docentes nas escolas.

Foi a partir da década de 1990 que os estudiosos começaram a defender a formação do professor em serviço, ou seja, no seu local de trabalho e que essa formação fosse realizada com a participação ativa dos profissionais através de uma reflexão contínua sobre a prática.

Nesse período em que o professor foi percebido em destaque, sua formação contraditoriamente, segundo SOARES (2008), sofre um processo de “aligeiramento”, fragmentação e esvaziamento de conteúdo, principalmente no que se refere aos profissionais que atuam ou irão atuar na escola pública.

É importante observar que as finalidades e as concepções de formação continuada no Brasil foram se modificando ao longo do tempo, pois estavam diretamente ligadas ao contexto econômico, político e social do país. Nesse sentido, é possível fazer um paralelo com os termos que eram empregados e a significação que adquiriam naquele contexto, tais como “treinamento”, “reciclagem”, “aperfeiçoamento”, “capacitação”, etc. Dessa maneira, vale destacar que esses termos foram sendo substituídos por outros de significados mais abrangentes na medida em que a formação continuada foi adquirindo funções e papéis diferenciados.

A partir daí, é importante estar atento para as diversas tendências de formação continuada que surgem em decorrência das diferentes concepções, o que tem gerado formações continuadas que surgem geralmente através dos órgãos

governamentais, os quais não consideram na elaboração das propostas a necessidade ou os problemas enfrentados pelos professores nas escolas. Ribas (2000, p. 40) complementa esta ideia, afirmando que:

o desvio torna-se evidente diante da falta de uma política de formação de professores e de práticas não ajustadas à preparação necessária nos vários momentos em que ela ocorre. Tais práticas refletem um desconhecimento da situação do trabalho docente e uma interferência orientada para fins outros que não os definidos pelas necessidades dos profissionais e/ou do ensino.

Nesse sentido é possível afirmar que para se propor uma formação continuada para professores é imprescindível que se ouça esses sujeitos, para que, então, a partir do contexto em que estão inseridos, seja elaborada essa formação, para que a mesma alcance minimamente os resultados esperados.

Sabemos que, ao pensar a formação continuada de professores, não podemos nos deter apenas no conteúdo, na perspectiva ou nos objetivos dessa formação, pois há vários outros fatores que interferem para se alcançar as mudanças significativas que tanto almejamos. Por exemplo, as concepções de educação envolvidas, as metodologias, a avaliação, a gestão, as condições de trabalho, de salário, de jornada, entre outros, pois estas estão intimamente relacionadas aos resultados que esperamos. Sendo assim, podemos afirmar que a formação continuada é um requisito necessário, mas não suficiente para a construção da qualidade da educação e que precisa estar articulada a outras políticas públicas.

A formação continuada deve ser concebida como um processo contínuo e permanente, espaço no qual os profissionais possam aprimorar seus referenciais teóricos e suas práticas pedagógicas de forma comprometida para uma ação pedagógica mais qualificada. Nesse sentido, destaco o que expõe Saviani (2009, p.150):

A formação profissional dos professores implica, pois, objetivos e competências específicas, requerendo em consequência estrutura organizacional adequada e diretamente voltada ao cumprimento dessa função.

E em relação à especificidade da EJA, é preciso que essa formação contribua para o melhoramento das práticas dos professores na sala de aula, ou seja, que responda às necessidades da realidade, pois sabemos que muitos professores que

atuam na EJA não tiveram na sua formação inicial a abordagem de conhecimentos teórico-metodológicos que fundamentem suas práticas nessa modalidade.

Isso faz com que os professores que atuam na EJA, façam adaptações nos conteúdos e na metodologia que utilizam no ensino regular, descaracterizando o público dessa modalidade, ou seja, sem levar em consideração o tipo de aluno, seus interesses e suas condições de vida.

Realizar a formação de professores, já é um desafio a ser encarado, quando se delimita aos professores que atuam nessa modalidade, esse desafio é ampliado, como tudo que se refere à EJA. Arroyo (2005, p. 19) reafirma a ideia de que a EJA “é um campo ainda não consolidado nas áreas de pesquisa, de políticas e diretrizes educacionais, da formação de educadores e intervenções pedagógicas”.

Para a realização da intervenção pedagógica, como mencionado, foi realizado no segundo semestre de 2016 um diagnóstico com os sujeitos da pesquisa, e já que estou abordando a formação dos professores considero importante trazer os dados que foram coletados e se referem a essa discussão. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram os professores que iriam atuar com a EJA – anos finais do ensino fundamental, no primeiro semestre de 2017. Dos 14 sujeitos a quem foi entregue o questionário de diagnóstico, apenas nove devolveram o questionário preenchido, os quais apontaram as seguintes respostas:

<b>Professor</b>	<b>Magistério</b>	<b>Graduação</b>	<b>Especialização</b>	<b>Tempo de atuação na EJA</b>
1	X	Ciências físicas e biológicas Matemática	Ensino de matemática	20 anos
2	X	Estudos sociais (licenciatura curta)		16 anos
3			Pedagogia gestora, supervisão e orientação escolar	21 anos
4		Letras		20 anos
5	X	Pedagogia	Informática para educação	10 anos
6		Letras		6 anos
7		Tecnólogo em processamento de dados		7 anos

8	X	História	Educação Infantil. Tecnologias para educação	8 anos
9		Letras (Português, espanhol e inglês)	Pedagogia gestora	10 anos

Tabela 5- Dados dos professores- Criada pela pesquisadora a partir das respostas dos questionários do diagnóstico.

Como é possível verificar na tabela acima, dos nove professores que devolveram o questionário preenchido, quatro professores mencionaram que cursaram magistério, todos os professores possuem graduação (mesmo um deles não tendo citado), cinco professores mencionaram que possuem curso de especialização.

Quanto ao tempo de serviço na modalidade, o professor que atua há menos tempo na EJA, já o faz há seis anos e o que possui mais tempo de atuação nessa modalidade já o faz há 21 anos, não necessariamente na escola em que ocorrerá a intervenção. Outra informação que é relevante mencionar e não consta na tabela acima, é que dos 14 professores, apenas quatro atuam na sua disciplina de formação acadêmica.

Também foi questionado aos professores sobre algumas concepções que possuíam acerca de seus alunos, no que se refere a perspectiva de letramento nas diversas áreas do conhecimento. No questionário aplicado, havia, portanto, duas perguntas dissertativas, para ilustrar melhor as respostas dadas pelos professores. Organizei a tabela abaixo com as respostas. No que se refere à primeira delas, temos o seguinte quadro de dados:

Professor	Tu consideras que os alunos chegam alfabetizados na EJA?
1	<i>Sim, a maioria.</i>
2	<i>Dentro dos limites deles, sim.</i>
3	<i>Considerando que a nossa escola oferece as totalidades, 4, 5, e 6, os alunos chegam sim alfabetizados.</i>
4	<i>Alguns, sim; outros não. Mas a maioria fica um tanto esquecida do que já estudou.</i>
5	<i>Sim, a maioria com muitas dificuldades, porém já alfabetizados.</i>
6	<i>Sim, até porque eles passaram por uma prova classificatória, mas com muitas dificuldades de aprendizagem.</i>
7	<i>Sim, são poucos os casos em que os alunos, tem dificuldades tanto na leitura quanto na escrita.</i>
8	<i>Alfabetizados sim! Mas as dificuldades que apresentam (alguns deles) são</i>

	<i>enormes. Não se pode generalizar! Tenho alunos que concluíram o ensino médio com ótimas notas, que vieram da EJA.</i>
9	<i>Atualmente não.</i>

Tabela 6- Concepções dos sujeitos- Criada pela pesquisadora com as respostas da pergunta de número três do questionário aplicado no diagnóstico.

Como foi possível observar, quando perguntados se consideram que os alunos chegam alfabetizados na EJA, oito professores responderam que consideram que a maioria dos alunos chega alfabetizado, porém mencionam que os mesmos chegam com muitas dificuldades de “aprendizagem”.

Nesse sentido, é importante observar mais atentamente as falas dos professores 5 e 6 que mencionam que os alunos chegam na turma de EJA dentro daquilo que eles consideram “alfabetizados”, no entanto, concluem dizendo que a maioria dos alunos possuem muitas dificuldades de aprendizagem. Isso nos remete a pensar qual conceito de alfabetização possuem esses professores, já que sabemos que na sociedade atual não basta que o sujeito saiba ler, escrever e realizar as quatro operações básicas da matemática para ser considerado alfabetizado, esse conceito ampliou-se quando o letramento surgiu para agregar mais especificidades a esses saberes que os sujeitos precisam aprender para serem então considerados alfabetizados e letrados, os quais são processos diferentes de ensinar e aprender, porém se complementam, como salienta Soares (2004, p.97):

[...] também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Desse modo, nos cabe pensar que os professores ainda possuem uma visão restrita do que é alfabetização, já que inferiram que os seus alunos de EJA, como pertencem aos anos finais do ensino fundamental, já devem possuir esses conhecimentos. Isso não é o que observamos quando eles mesmos mencionam que os alunos possuem muitas dificuldades, as quais na visão dos professores não estão diretamente relacionadas à leitura e à escrita, mas que estão sim ligadas a essas aprendizagens, pois a leitura e a escrita são conhecimentos básicos para o aluno desenvolver sua aprendizagem em qualquer área do conhecimento.

É possível observar também que apenas um professor disse que atualmente



os alunos não ingressam alfabetizados. Para visualizarmos melhor as respostas dadas para a segunda pergunta dissertativa, que havia no questionário, segue a tabela abaixo:

<b>Professor</b>	<b>Como se pode colaborar para que os alunos continuem progredindo na leitura e escrita, aprendendo conhecimentos das diferentes áreas do conhecimento?</b>
1	<i>Incentivando a leitura, trabalhos de pesquisa e etc.</i>
2	<i>Incentivando-os à leitura com temas de interesse do aluno. Globalizando.</i>
3	<i>Acredito que incentivando a leitura, proporcionando momentos em ambiente apropriado, como a biblioteca. Em sala de aula, propiciando ao aluno o desenvolvimento oral, para expressar-se cada vez mais.</i>
4	<i>Através da leitura de textos variados, empregando assuntos atualizados e com pesquisa de vocabulário. Às vezes, os resultados não são imediatos, mas no estudo de conteúdos multidisciplinares, os avanços são melhores.</i>
5	<i>Proporcionando-lhes atividades que possam desenvolver a leitura e interpretação, como os trabalhos com livros ou pequenos textos repetidamente.</i>
6	<i>Incentivando à leitura, produção textual, interpretação de textos.</i>
7	<i>Pode-se usar a internet entre outras ferramentas de mídias como o DVD e a televisão, etc.</i>
8	<i>Acredito que se faz necessário uma reformulação nos conteúdos, onde leitura, interpretação de texto, ortografia e produção textual sejam mais trabalhados. Pode-se colaborar trabalhando com os vários gêneros literários, trabalhando com muita produção textual e conscientização por parte dos professores de que todos podem e devem cobrar uma melhor escrita dos alunos.</i>
9	<i>Não permitindo que alunos aprovelem sem condições para isso.</i>

Tabela 7- Concepções dos sujeitos- Criada pela pesquisadora com as respostas da pergunta de número quatro do questionário aplicado.

Como se percebe nas respostas da tabela acima, quando questionados sobre de que maneira os professores podem colaborar para que os alunos progridam na leitura e na escrita, através dos conhecimentos de diferentes áreas, dos nove professores que devolveram o questionário, sete deles responderam que é fundamental que a leitura e a interpretação sejam incentivadas. Apenas um professor mencionou que não se pode permitir que alunos que não tenham as condições necessárias para avançar sejam aprovados, e outro professor sugeriu uma reformulação nos conteúdos de um modo geral, em que a leitura, a interpretação, a ortografia e a produção textual sejam trabalhadas com mais intensidade pelos professores, e que estes sejam conscientizados da importância desse trabalho em todas as disciplinas e façam essa “cobrança” aos seus alunos. Neste momento penso que é importante trazer para essa discussão, o conceito de disciplina, conforme Santomé (1998, p.55):

Uma disciplina é uma maneira de organizar e delimitar um território de trabalho, de concentrar a pesquisa e as experiências dentro de um determinado ângulo de visão. Daí que cada disciplina nos oferece uma imagem particular da realidade, isto é, daquela parte que entra no ângulo de seu objetivo.

Desse modo, é preciso considerar que formar alunos leitores e escritores nas diferentes áreas do conhecimento deve ser objetivo em comum de todas as disciplinas e, portanto, de todos os professores. Nesse sentido, devemos considerar um ensino globalizado para os nossos alunos, como mencionado pelo professor 2. Para tanto, se faz necessário superar os moldes tradicionais de ensino, pois a sociedade vem se transformando, devido em grande parte aos avanços tecnológicos e a escola continua estagnada no século XIX. É preciso estimular os alunos a pensar interdisciplinar e globalmente, pois de acordo com Santomé (1998, p.90):

Cada vez mais insistentemente repete-se que vivemos em um mundo global, mas as tarefas escolares que os alunos são estimulados e/ou obrigados a realizar raramente levam em conta as dimensões internacionais em todos e cada um dos blocos de conteúdo que formam o projeto curricular.

A partir da tabela acima, é possível identificar nas falas dos professores, três eixos para reflexão. O primeiro deles é a concepção de interdisciplinaridade e globalização, o segundo eixo é o discurso sobre avaliação e o terceiro são as percepções dos professores no que se refere à leitura e produção de textos.

Em relação ao primeiro eixo, cabe então definir primeiramente o conceito de interdisciplinaridade e diferenciá-lo do conceito de multidisciplinariedade, o qual foi mencionado pelo professor 4. Para isso busquei apoio em Santomé (1998, p. 70), quando ele menciona a proposta de hierarquização de níveis de colaboração e integração entre disciplinas proposta por Jean Piaget, que diz:

Multidisciplinariedade. O nível inferior de integração. Ocorre quando, para solucionar um problema, busca-se informação e ajuda em várias disciplinas, sem que tal interação contribua para modifica-las ou enriquecê-las. Esta costuma ser a primeira fase da constituição de equipes de trabalho interdisciplinar, porém não implica em que necessariamente seja preciso passar a níveis de maior cooperação.

Interdisciplinaridade. Segundo nível de associação entre disciplinas, em que a cooperação entre várias disciplinas provoca intercâmbios reais; isto é, existe verdadeira reciprocidade nos intercâmbios e, conseqüentemente, enriquecimentos mútuos.

Com essa diferenciação realizada vale destacar que esses conceitos são

complexos de serem compreendidos sem um aprofundamento dos seus estudos, mas creio que os professores se refiram quando utilizam esses termos num trabalho pensado e realizado pelas diferentes disciplinas, de forma conjunta em busca de um determinado objetivo.

Quanto ao segundo eixo captado a partir das falas dos professores, me refiro especialmente a fala do professor 7, a qual nos remete a pensar sobre a concepção de avaliação que esse docente possui, pois provavelmente seja aquela que não consegue se desvencilhar da nota, da prova como único instrumento de avaliação, da “decoreba” dos conteúdos. Portanto, não se trata do entendimento da avaliação como processo favorável para compor o planejamento, o qual colabora com a aprendizagem dos sujeitos. Compreendo a avaliação como ação mediadora, e não final de um processo, “o professor, nesse sentido, deve procurar descobrir no trabalho produzido não só os recuos, mas, sobretudo, os avanços”. (DALLA ZEN, 1997, p.45-46). Desse modo é preciso desconstruir o estereótipo de que professor bom é aquele que aprova, pois como reitera Barbosa (2008, p.1):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Por meio dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e, também, reorientar o trabalho docente. Assim, a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuições de notas.

Em relação ao terceiro eixo, que foi identificado na fala da maioria dos professores, nos impulsiona refletir sobre a necessidade de se estimular a leitura na escola, pois talvez os nossos alunos não tenham uma vivência mais significativa em relação a esses saberes, pois como afirma Dalla Zen (1997, p.36):

[...] se a leitura e a escrita não constituem uma prática importante na vida cotidiana, o tipo de valor que estas atividades assumem não poderá servir para sua aprendizagem e seu desenvolvimento.

Desse modo, é de fundamental importância o exercício de incentivo à leitura que os professores reconhecem que precisa ser feito para colaborar com o progresso dos alunos nas aprendizagens de leitura e escrita, a produção de textos nas diferentes disciplinas, de modo que possam expressar suas aprendizagens, já que cada disciplina possui seu vocabulário próprio e, muitas vezes, tipos de texto

mais adequados a determinados conteúdos, o que no todo, possibilita ao aluno a interação com diferentes tipos de texto, os quais requerem uma organização específica na sua leitura, interpretação e redação.

Nesse sentido, também é imprescindível pensar na realização de formação continuada para professores da EJA a partir dos espaços escolares em que atuam, considerando as características dos alunos reconhecidos pelos próprios docentes, conforme apontado acima.

## 2.4 AVALIAÇÃO

A avaliação faz parte do processo de ensino e aprendizagem, tendo sua relevância também para (re) orientar o planejamento, ou seja, redimensionar as ações pedagógicas necessárias para se alcançar um objetivo; portanto, é um instrumento que visa contribuir para a organização didática do conhecimento.

Ela não deve servir apenas para demonstrar resultados, classificando e rotulando os sujeitos, é importante superar esse tipo de avaliação, pois foi essa perspectiva avaliativa que justamente colaborou para excluir os alunos da escola em idade regular e que passaram a formar o contingente que deu origem às classes de EJA.

Os resultados das avaliações, os quais muitas vezes são obtidos em situações pontuais, e que inclusive geram muita pressão e desconforto aos alunos, devem servir para verificar a qualidade e orientar o processo de construção do conhecimento pelo educando, oferecendo alternativas de acordo com as necessidades. Corroborando com isso, Libâneo (1994, p.195) argumenta que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

Dessa maneira, a avaliação, como foi concebida por muito tempo, precisa ser superada, pela avaliação contínua e processual, aquela que acompanha a construção dos conhecimentos e retoma o processo assim que percebe a necessidade de melhor compreensão de alguns saberes. Essa perspectiva de

avaliação exige um maior comprometimento por parte do professor e um maior envolvimento nas atividades propostas por parte do aluno.

Sabemos que ainda é difícil distanciar a avaliação dos aspectos quantitativos, pois estes ainda tendem a ser os mais valorizados pelo professor em detrimento do aspecto qualitativo, haja vista que este último exige mais tempo do professor, porém ambos são necessários e integram o processo de escolarização e devem propiciar ao educador a reflexão sobre a sua prática. A LDBEN (Lei 9394/96) preconiza em seu Artigo 24, Inciso V, Alínea a, a “avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; [...]”. Dessa maneira, para compor essa avaliação que compreenda o sujeito como um todo o professor precisará fazer uso de diversas técnicas e instrumentos, porém isso não significa dizer que a prova escrita não deva ser utilizada, principalmente em momentos que servem para diagnosticar os conhecimentos dos alunos, como acontece no momento da classificação e seriação dos alunos da EJA. Com o intuito de ratificar esse argumento, Moretto (2005, p.95-96) diz que:

Avaliar a aprendizagem tem um sentido amplo. A avaliação é feita de formas diversas, com instrumentos variados, sendo o mais comum deles, em nossa cultura, a prova escrita. Por esse motivo, em lugar de apregoarmos os malefícios da prova e levantarmos a bandeira de uma avaliação sem provas, procuramos seguir o princípio: *se tivermos que elaborar provas que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes.*<sup>19</sup>

Nesse sentido, é que as avaliações diagnósticas para ingresso na EJA devem ser vistas como uma possibilidade de romper com a visão excludente e punitiva das provas, pois é a partir delas que se torna possível formar as turmas nessa modalidade, buscando classificar os alunos a partir dos conhecimentos demonstrados no instrumento, pensando em qualificar o trabalho pedagógico.

Diversos elementos e instrumentos devem ser utilizados para compor a avaliação dos alunos e podem ser usados em sala de aula, conforme a intenção do trabalho, de modo que subsidiem o planejamento do professor, para que este possa detectar as dificuldades dos alunos e, recorrendo a novas estratégias de ensino, possibilite a aprendizagem.

---

<sup>19</sup> Grifo do autor.

Como possibilidades para compor uma avaliação diagnóstica, podemos mencionar a técnica cloze<sup>20</sup>, como procedimento que visa avaliar a proficiência leitora do sujeito, através da inferência e adequação ao contexto; assim como na ampliação do número de questões dissertativas, aquelas que exijam do aluno um posicionamento e/ou interpretação e ainda a possibilidade de escrever pequenos textos, tudo elaborado de forma contextualizada, buscando romper com a avaliação fragmentada, indo em direção à formação de uma consciência crítica do estudante.

Neste trabalho, o objeto de intervenção foi justamente o instrumento de avaliação diagnóstica utilizado na escola para classificar e distribuir os alunos nas diferentes totalidades da EJA. O teste classificatório, como é chamado na escola, possuía 45 questões, assim distribuídas: 15 questões de Língua Portuguesa, 15 questões de Matemática, 05 questões de História, 05 questões de Geografia e 05 questões de Ciências, todas elas de múltipla escolha, com 04 alternativas, apenas 01 correta; no final da prova havia um cartão resposta para os alunos transferirem suas respostas. No momento da correção das provas, todas as questões possuíam o mesmo valor e, conforme o número de acertos do aluno, era classificado em uma das totalidades 4, 5 ou 6. Por outro lado, aquele sujeito que obtivesse um número muito pequeno de acertos, era considerado inapto a cursar os anos finais do ensino fundamental e então encaminhado para as escolas que ofertam os anos iniciais na EJA.

Nessa modalidade, a avaliação inicial é bastante comum, pois é uma das maneiras de conhecer o perfil dos alunos, pois chegam à escola em diferentes níveis de escolaridade e a realização dos testes é fundamental para formação das turmas. Portanto, a avaliação diagnóstica é realizada no início de um processo de ensino e aprendizagem e deve ser utilizada para obter informações acerca dos conhecimentos dos estudantes, ou seja, o conhecimento prévio de cada um para auxiliar no delineamento de pontos de partida de processos de ensino. Dessa maneira, se constitui instrumento essencial para os processos de ensino e aprendizagem, visando a delimitação de pontos de partida e/ou retomada para o ensino. Sobre isto Sanmartí (2009, p.31) elucida:

---

<sup>20</sup> Este consiste na utilização de um texto lacunado, o qual deve ser preenchido pelo leitor através da estratégia de inferência na leitura do mesmo.

A avaliação diagnóstica inicial tem como objetivo fundamental analisar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem, para tomar consciência (professores e alunos) dos pontos de partida, e assim adaptar tal processo às necessidades detectadas. Em consequência, as atividades iniciais de todo o processo de ensino deveriam ter, entre outras coisas, um componente de avaliação inicial.

Tendo em vista o exposto, a avaliação diagnóstica tem a intenção de qualificar o processo de ensino e aprendizagem, pois a partir dos dados obtidos, o professor pode prever a necessidade de realizar algumas ações para propiciar as condições necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem, buscando estratégias contextualizadas com a realidade atual, articulando os conhecimentos com a vida dos sujeitos.

Dessa maneira, a avaliação da aprendizagem, conforme explica Jorba e Sanmartí (2003, p.26), apresenta duas funções: “uma de caráter social, de seleção e classificação do aluno, e outra de caráter pedagógico, de ajuste do processo de ensino e de aprendizagem”.

### 3 METODOLOGIA

A intervenção descrita e analisada neste relatório buscou problematizar e provocar algumas mudanças no instrumento de avaliação diagnóstica para ingresso de alunos na EJA Anos Iniciais do Ensino Fundamental da E.E.E.M. Hermes Pintos Affonso.

Para alcançar este objetivo, realizei, enquanto pesquisadora, uma formação continuada na escola com esses sujeitos. A abordagem utilizada foi a intervenção pedagógica, cujas pesquisas são, conforme Damiani, “investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam”. (DAMIANI et al., 2013, p. 58).

Dessa maneira, busquei alcançar, com a intervenção pedagógica que propus, a modificação do teste realizado para ingresso dos alunos na EJA, numa perspectiva de letramento nas diferentes áreas do conhecimento, assim como qualificar com isso a formação das turmas, ou seja, a classificação e distribuição dos alunos nas diferentes totalidades, o que possibilitaria a realização de uma prática docente mais voltada às especificidades daquele grupo de alunos e conseqüentemente contribuiria para os processos de ensino e aprendizagem. Para que o objetivo geral dessa intervenção seja alcançado, utilizarei alguns procedimentos metodológicos que serão descritos nas seções a seguir.

#### 3.1 MÉTODO DA INTERVENÇÃO

A partir da coleta dos dados obtidos nos questionários do diagnóstico da pesquisa, foram realizados encontros de formação, a partir de temáticas capturadas a partir dos questionários e das anotações pertinentes às observações realizadas no diagnóstico, tendo por base as características e o interesse dos participantes. Estes encontros se deram numa perspectiva de Rodas de Formação, as quais:

[...] se destacam pela qualidade das partilhas entre os participantes. Nessa Roda, todos têm algo a ouvir e algo a dizer. Essa configuração, com o objetivo de formar-se formando, nos mostra a possibilidade de construção de um espaço em que as aprendizagens se constroem por meio da relação entre os sujeitos. (ALBUQUERQUE e GALIAZZI, 2011, p.388).



Nas Rodas de Formação a cada encontro se elegeu um relator, o qual ficou responsável por fazer os registros, ou seja, realizando as anotações pertinentes ao encontro, a partir do seu ponto de vista, como forma de “retratar a caminhada de formação daquele grupo”. (ALBUQUERQUE e GALIAZZI, 2011, p.389). O relator foi eleito pelo grupo de professores, a cada dia se fez nova eleição para que outro professor assumia esse papel. A figura do relator foi de fundamental importância nas Rodas de Formação, já que foi ele quem teve a função de transcrever todas as percepções do grupo naquele dia, e essas anotações serviram posteriormente como instrumento para a análise da intervenção.

Organizei seis Rodas de Formação, com duração de três horas, esses momentos de formação foram previstos no calendário escolar da EJA. Na primeira Roda, dei a cada professor uma pasta com algumas folhas avulsas para realizarem suas anotações, assim como a programação da nossa formação.

Ao final de cada encontro, os professores responderam também a um questionário avaliativo<sup>21</sup> com perguntas relacionadas àquele encontro específico. Esse instrumento foi utilizado para que ao término de cada encontro eu pudesse saber quais as percepções dos professores com relação àquele encontro, sobre os conceitos discutidos e a metodologia utilizada, para que, se necessário, eu pudesse rever a dinâmica dos encontros de formação. Dessa maneira, este instrumento foi utilizado nesse momento da intervenção, pelas razões indicadas a seguir pelos autores:

um conjunto de perguntas sobre um determinado tópico que não testa a habilidade do respondente, mas mede sua opinião, seus interesses, aspectos de personalidade e informação biográfica. (YAREMKO, HARARI, HARRISON & LYNN, 1986, p. 186 *apud* GUNTHER, 2003, p.2).

Esse momento foi importante, pois serviu para a pesquisadora refletir sobre os momentos que precisavam ser aperfeiçoados no trabalho de intervenção, servindo de subsídio para a avaliação de cada formação a fim de redimensionar e garantir a qualidade e a continuidade de cada encontro.

---

<sup>21</sup> Os questionários avaliativos de cada encontro estarão nos apêndices.

#### 4 AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Como última e fundamental fase de uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica, a avaliação da intervenção realizada deve ser um detalhamento e a especificação dos instrumentos utilizados na coleta e análise de dados e principalmente a interpretação dos mesmos.

Essa análise se deu numa perspectiva de análise textual discursiva, a qual é “uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”. (MORAES, R; GALIAZZI, M.C; 2006, p.118). Conforme os autores, esta análise se processa da seguinte forma:

[...] com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador.

Fiz uso de todos os instrumentos de anotações utilizados pelos professores no decorrer das Rodas de Formação, assim como das anotações realizadas a partir da minha observação<sup>22</sup> ao final dos encontros, bem como das informações coletadas nos questionários<sup>23</sup> respondidos pelos professores ao término de cada encontro, avaliando assim se o objetivo de cada encontro foi alcançado. Também utilizei as anotações realizadas pelo relator no decorrer das Rodas para analisar a compreensão das temáticas abordadas em cada encontro, destacando/grifando conceitos e os significados deles para os professores.

Nesse momento fiz uso das técnicas de categorização, ou seja, realizei a articulação e a reunião das unidades de significado que se assemelham, para criar as categorias de análise, “num movimento intenso de interpretação e produção de argumentos”. (MORAES,R; GALIAZZI,M.C; 2006, p.118).

---

<sup>22</sup> “Para que não se perca algum detalhe que futuramente será relevante à pesquisa, o referido registro será feito logo após a observação não estruturada.” (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 192).

<sup>23</sup> Esses questionários foram entregues aos professores ao término de cada Roda de Formação e puderam ser respondidos prontamente pelos sujeitos ou entregues no dia seguinte, de acordo com a disponibilidade de cada um deles.

#### 4.1 ANALISANDO AS RODAS DE FORMAÇÃO

Nesta seção fiz as análises da intervenção pedagógica realizada, a qual foi o objeto de pesquisa desse relatório. Analisei, portanto os dados e informações coletados nas seis Rodas de Formação que realizei com os professores da Educação de Jovens e Adultos. Busquei apoio teórico nos autores para refletir sobre as falas dos professores, com relação aos temas, assuntos e aspectos abordados na formação pedagógica. Dessa maneira, organizei a análise de cada Roda individualmente, observando atentamente as questões relacionadas às atividades propostas, procurando destacar algumas categorias que surgiram durante a análise, assim como dialogar com os dados e informações do diagnóstico da pesquisa numa tentativa de aprofundar a reflexão sobre alguns argumentos.

É importante mencionar aqui que os docentes dessa modalidade de ensino, até então nunca tinham participado de uma formação pedagógica que tratasse de temas e assuntos pertinentes especificamente a essa modalidade, em serviço, ou seja, na escola em que atuam. Essa é uma das razões que justificam a relevância dessa formação continuada ter sido realizada com esses sujeitos, nesse momento e espaço.

Para sintetizar o planejamento das Rodas de Formação, elaborei uma tabela com as principais informações de cada encontro:

<b>Dia</b>	<b>Horário</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo</b>
06/03/2017	19h às 22h	Conhecendo a realidade local.	Analisar e refletir a partir de informações e dados estatísticos sobre os alunos que compõem as classes de EJA na escola.
07/03/2017	19h às 22h	Ampliando o conceito de letramento.	Ampliar o conceito de letramento considerando as diversas áreas do conhecimento
08/03/2017	19h às 22h	Avaliação dos sujeitos na EJA.	Refletir sobre os processos de avaliação dos sujeitos na EJA.
09/03/2017	19h às 22h	Leitura e produção de textos.	Compreender os processos de leitura e escrita na perspectiva do letramento. Reconhecer a leitura e a produção de textos como uma possibilidade de articulação entre as diferentes áreas do conhecimento e manifestação de distintos saberes.
10/03/2017	19h às 22h	Repensando o teste classificatório.	Analisar o teste classificatório a partir dos conceitos estudados e de outras estratégias de avaliação. Incorporar outras estratégias de avaliação dos alunos que ingressam na EJA em sua escola.
11/03/2017	09h às 12h	(Re) construindo o teste	Incorporar outras estratégias de avaliação

		classificatório.	dos alunos que ingressam na EJA em sua escola.
--	--	------------------	--

Tabela 8- Planejamento das Rodas de Formação.

#### 4.1.1 Roda de Formação 1: conhecendo a realidade local

Na primeira Roda de Formação realizada no dia 06 de março de 2017, os professores foram recebidos com um delicioso café da tarde, com a intenção de demonstrar que todos os momentos foram pensados cuidadosamente para proporcionar um ambiente agradável e acolhedor, o qual favorecesse o diálogo e a reflexão.

A primeira atividade realizada então foi de análise combinatória que deveria ser feita a partir dos itens servidos no café (pão, presunto, queijo, margarina, doce de leite, bolo, rocambole, pizza, café, suco e chá). Esta atividade gerou bastante discussão e descontração e foi pensada justamente com o intuito de fazer com que os professores a percebessem como uma possibilidade ou sugestão para trabalhar em aula, com os seus alunos da EJA, aspectos relativos à confraternização através do alimento, o que é uma prática de muitos grupos culturais, relacionados ao conteúdo matemático “análise combinatória”, pertencente ao bloco “tratamento da informação<sup>24</sup>”.

O segundo momento desta Roda de Formação, foi a exibição do vídeo “Vida Maria”<sup>25</sup>, que aborda a história de uma menina chamada Maria José que está aprendendo a escrever seu nome, quando é interrompida pela mãe, que lhe exige que vá cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça. A menina vai crescendo e com o passar dos anos, casa-se e tem filhos, os quais trata da mesma forma como foi tratada na infância e o ciclo continua a se reproduzir com as outras Marias suas filhas, netas e bisnetas. A partir do vídeo, os professores foram convidados a refletir sobre algumas questões<sup>26</sup>. Então pedi a eles que registrassem suas impressões por escrito. O primeiro questionamento que fiz foi para que, a partir do contexto apresentado no vídeo, fizessem uma comparação sobre as semelhanças e diferenças com a nossa realidade em Jaguarão.

<sup>24</sup> BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Matemática**. Brasília: MEC/SEF. 1997

<sup>25</sup> CEARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. **Vida Maria**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4&list=PLZR239gsFMqx8VhzOIQh8i\\_Q4X7TNCyln](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&list=PLZR239gsFMqx8VhzOIQh8i_Q4X7TNCyln)  
Acesso em: 27/11/2016.

<sup>26</sup> APÊNDICE A

Quanto às semelhanças, os professores acreditam que ainda existam famílias que não reconhecem a importância do estudo e, também, ainda que em menor número, aquelas famílias que os irmãos mais velhos tem que deixar os estudos e começar a trabalhar mais cedo, para ajudar no sustento do lar, como é possível identificar na fala deste professor:

*Hoje em dia, ainda encontramos famílias com a mesma realidade do vídeo. Talvez não tenhamos famílias tão numerosas, mas a importância do estudo, também não é dada.*

Em relação às diferenças que perceberam ao relacionar o vídeo com o contexto atual, os professores consideraram que algumas mudanças já aconteceram na sociedade em relação à importância que é dispensada aos estudos, como é possível perceber a partir da fala de um professor:

*Acredito que hoje em dia as pessoas estão muito mais esclarecidas e evoluídas quanto a total importância de uma boa educação e ao estudo, e o quanto isto faz diferença em todos os aspectos de sua vida.*

É possível identificar na fala desse professor que o mito do alfabetismo ou da escolarização ainda é muito presente, foi possível identificar que a escola e o estudo aparecem como possibilidade quase que única de valorização, ascensão e progressão pessoal. Nesse sentido, Graff (1990, p.31) nos contextualiza que:

[...] até muito recentemente, as concepções acadêmicas e populares sobre o valor das habilidades de ler ou escrever têm quase universalmente seguido posições e expectativas normativas a respeito de vagos – mas ao mesmo tempo poderosos – efeitos que presumivelmente acompanhariam a difusão do alfabetismo.

Desse modo, o alfabetismo segundo Graff (1990) foi historicamente mal compreendido, no sentido de que ele por si só garantiria ao sujeito uma condição diferenciada. Essa compreensão também é recorrente na fala de outro professor, que diz:

*Hoje em dia as pessoas têm mais facilidade e acesso à escola. Independente da dificuldade, a grande maioria procura estudar.*

Essas falas permitem refletir sobre os fatores que contribuíram para a necessidade de criação das classes de EJA, pois foram esses sujeitos que não puderam frequentar a escola na idade adequada, sendo esta falta de acesso e de condições de permanência o que gerou essa demanda educacional. De acordo com Ferrari (2011, p. 2) é imprescindível que o jovem de EJA seja visto como uma pessoa, “cujas condições de existência remetem à dupla exclusão, de seu grupo de pares da mesma idade e do sistema regular de ensino, por evasão ou retenção”. Temos também os fatores socioeconômicos e culturais, a entrada precoce no mercado de trabalho, a baixa autoestima, as dificuldades de aprendizagem, preconceito de gênero e etc. Em relação à autoestima dos alunos que ingressam na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, os documentos oficiais também emanam suas considerações a respeito:

Uma das principais características do aluno EJA é sua baixa auto-estima, reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou seja, a sua eventual passagem pela escola muitas vezes marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Já que seu desempenho pedagógico anterior foi comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (BRASIL, 2006, p. 19).

Ainda sobre as reflexões suscitadas a partir do vídeo “Vida Maria”, provoquei os professores problematizando sobre o significado e a importância atribuídos à leitura e à escrita pelos jovens e adultos que estão inseridos em nossa realidade. De maneira geral, os professores respondem a essa pergunta refletindo sobre a importância da leitura e da escrita, como ferramentas indispensáveis à comunicação entre os sujeitos, porém mencionam que as tecnologias ao mesmo tempo em que exigem que a pessoa saiba fazer uso desses códigos, também não reivindicam uma maior complexidade, pois basta que consigam se comunicar e expressar seus pensamentos, por exemplo, nas redes sociais.

Para Soares (2006) são exigidas habilidades diferentes que estão relacionadas ao conceito de letramento, pois:

as competências que constituem o letramento são distribuídas de maneira contínua, cada ponto ao longo desse contínuo indicando diversos tipos e níveis de habilidades, capacidades e conhecimentos, que podem ser aplicados a diferentes tipos de material escrito. (SOARES, 2006, p. 70-71).

Para os professores esse outro tipo de letramento, o letramento digital ou tecnológico, ao utilizar a escrita de forma coloquial, principalmente, talvez faça com que os jovens não percebam a importância de apropriarem-se desse sistema, como é possível perceber na fala de um professor:

*Hoje vivenciamos jovens com curso superior ou no ensino médio com muita dificuldade de escrita e leitura.*

Dessa maneira, a terceira pergunta feita aos professores, buscando compreender a importância desses aprendizados na vida daquelas pessoas retratadas no vídeo, foi para saber o significado de ler e escrever na vida daqueles sujeitos. Os professores compreenderam que a leitura e a escrita não tinham nenhum significado na vida daquelas pessoas adultas, das quais a maioria sabia apenas escrever o próprio nome, pois o importante para eles era o trabalho, a subsistência e o sustento do lar, pois como foi possível observar no vídeo, o trabalho daqueles sujeitos era unicamente braçal e, dessa maneira, julgavam que esses conhecimentos não poderiam contribuir para as tarefas que desempenhavam, e que, portanto, não era importante. Já as Marias crianças tinham interesse por ler e escrever, no entanto, porque os sujeitos adultos tinham outro modo de ver a necessidade desse conhecimento, estes desvalorizavam e reprimiam o interesse das pequenas. Esta percepção é possível de ser conferida na fala de um professor:

*Não tinha importância, as tarefas do dia-a-dia, a sobrevivência era mais importante. Ler e escrever não era fundamental.*

Esse modo dos sujeitos que pertencem às classes populares de ver o conhecimento é bastante comum, pois costumam valorizar o trabalho em detrimento dos estudos, nesse sentido é possível segundo Vogel e Mello (1991 apud SOUZA; ALBERTO, 2008 p. 714):

Para a criança e o adolescente das classes populares, determinados privilégios desfrutados no seio familiar são perdidos à medida que esses sujeitos crescem e passam a ter condições de fazer certas tarefas. Esse fato vem ratificar a cultura do trabalhador, segundo a qual, para os filhos das classes populares, trabalhar, mesmo em idade precoce, é uma forma de ocupar o tempo e aprender um ofício. Nesse sentido, o trabalho é entendido não só como uma necessidade, mas também como uma virtude.

Nesse sentido, observamos que algumas pessoas ainda possuem essas concepções, de que a escolarização não é importante e que, por isso, é dispensável, o que vai ao encontro do que é proposto por Graff (1990), pois o mesmo critica a ideia de que a escola é a salvação dos sujeitos. Isso muitas vezes implica no abandono consentido pelos pais dos jovens, que mais tarde estarão recorrendo às classes de EJA para concluir seus estudos.

Dando continuidade às atividades realizadas nesta Roda de Formação, cujo objetivo central era analisar e refletir a partir de informações e dados estatísticos sobre os alunos que compõem as classes de EJA na escola, trouxe neste momento a apresentação de alguns conceitos e dados estatísticos do nosso município, assim como da escola, no que concerne principalmente à alfabetização, ao analfabetismo e aos analfabetos funcionais, para discussão com os professores.

A partir da exposição dialogada, mencionada acima, e das reflexões realizadas em grupo, solicitei aos professores que respondessem algumas perguntas<sup>27</sup> por escrito, como maneira de organizar melhor suas impressões. A questão número 1 referia-se ao índice de analfabetos funcionais, questionando quantos desses sujeitos são alunos da EJA.

Quase todos os professores responderam que a maioria dos nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos faz parte desse número de analfabetos funcionais, ou seja, devem ter concluído no máximo o 5º ano do ensino fundamental e possuem dificuldades no que se refere às aprendizagens da leitura e da escrita, pois buscam a escola para cursar as etapas que correspondem aos anos finais do ensino fundamental. Dessa maneira, o termo analfabetismo funcional foi utilizado, no Brasil:

[...] para designar um meio termo entre o analfabetismo absoluto e o domínio pleno e versátil da leitura e da escrita, ou um nível de habilidades restrito às tarefas mais rudimentares referentes à “sobrevivência” nas sociedades industriais. (RIBEIRO, 1997, p. 145).

Nesse sentido, há uma preocupação para superar o analfabetismo funcional ainda existente com esse grande número de sujeitos nessa condição. Um dos esforços está explicitado de modo direto em três metas do Plano Nacional de Educação (PNE) que tratam da EJA. São as metas 8 (equalização dos anos de

---

<sup>27</sup> APÊNDICE B.



estudo da população entre 15 e 29 anos), 9 (universalização da alfabetização e redução do analfabetismo funcional) e 10 (articulação da EJA com a educação profissional).

Buscando compreender o conceito de alfabetização dos professores que atuam com a Educação de Jovens e Adultos, questionei sobre o que entendiam sobre alfabetização.

A maioria dos professores menciona que esse conceito se refere a aprender a ler e a escrever, alguns complementam dizendo que o sujeito deve saber interpretar ou entender o que lê e escreve, um outro professor diz que *é o processo de elaborar a linguagem através de símbolos linguísticos* e um outro ainda diz que *hoje, a alfabetização vai além do simples fato de decodificação*. A partir dos excertos apresentados, é possível identificar que os professores que atuam nas classes de EJA possuem dificuldades em expressar sua compreensão acerca do que é ser alfabetizado.

Para complementar os entendimentos dos professores acerca desse conceito, perguntei a eles quando é possível considerar um sujeito plenamente alfabetizado. Os professores ao responder a este questionamento, demonstraram a mesma compreensão verificada na pergunta anterior, todos eles, atribuíram à alfabetização o fato do sujeito saber ler, escrever e interpretar, como é possível observar na seguinte fala:

<i>Quando sabe ler, escrever e interpretar o que lê e escreve e ainda aplicar esses conhecimentos no seu cotidiano.</i>
---

Buscando ampliar a compreensão acerca dos entendimentos dos professores quanto aos conceitos abordados, questionei se eles consideravam que os alunos ingressam nas turmas de EJA da escola plenamente alfabetizados. Nesse momento é importante mencionar que essa mesma pergunta foi realizada no questionário para o diagnóstico dessa pesquisa e, naquele momento, oito professores responderam que consideram que a maioria dos alunos chegava alfabetizado, porém mencionaram que os mesmos chegam com muitas dificuldades de “aprendizagem”. Neste caso suponho que sejam dificuldades de leitura e escrita. Apenas um professor naquele momento disse que considerava que os alunos não ingressavam alfabetizados. Essa impressão dos professores foi modificada, pois desta vez a

maioria dos professores respondeu que não considera todos os seus alunos alfabetizados e um deles complementa dizendo:

*Não, eles vêm com muitas falhas principalmente na leitura e interpretação.*

Acredito que os professores sentem dificuldade para expressar sua compreensão acerca do que é alfabetização, pois é um conceito que sofreu muitas modificações com o passar dos anos, ou quais as aprendizagens deve um sujeito ser capaz de realizar para ser considerado como tal. Trata-se de um conceito complexo, pois os próprios estudiosos do campo perceberam que se faz necessário ampliar essa discussão. Justamente pela necessidade de ampliar o conceito de alfabetização que o conceito de letramento surgiu, como bem destaca Soares (2004, p.97):

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

O quarto momento da Roda de Formação foi realizado a partir de uma apresentação de slides, quando pude fazer um breve histórico do funcionamento da EJA e dos processos de *juvenilização* de suas classes, procurando contemplar esse fenômeno que acontece nesta escola, pois a grande maioria dos nossos alunos encontra-se na faixa etária entre os 15 e 17 anos. Desse modo, na Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental (BRASIL, 2001, p.36) consta que:

No público que efetivamente frequenta os programas de educação de jovens e adultos, é cada vez mais reduzido o número daqueles que não tiveram nenhuma passagem anterior pela escola. É também cada vez mais dominante a presença de adolescentes e jovens recém saídos do ensino regular, por onde tiveram passagens acidentadas.

Após essa abordagem expositiva e as discussões realizadas, pedi que os professores manifestassem por escrito suas opiniões, no que se refere aos sujeitos que cursam essa modalidade de ensino, o que leva esses indivíduos a migrarem para as classes de EJA. Os professores apontaram somente aspectos negativos, os quais segundo eles são os que determinam o ingresso dos alunos nessa modalidade, tais como: indisciplina, desmotivação/desinteresse e distorção idade/série, como podemos observar na fala deste professor:

*Acredito que são vários fatores: alguns começam a trabalhar no período diurno, outros por falta de motivação acabam abandonando a escola e só depois de algum tempo decidem retornar.*

Como forma de fomentar a discussão, trouxe para a leitura coletiva o texto intitulado “A relação do estudante com o conhecimento escolar” (PARANÁ, 2016), o qual aborda, na visão de Charlot (2000), a relação dos jovens com o saber. E, em seguida, fiz mais um questionamento<sup>28</sup> aos professores para saber como eles consideram que os sujeitos das classes de EJA se relacionam com o saber. Os professores consideram a relação dos alunos com o saber, permeada de dificuldades e com desinteresse em agregar conhecimentos, buscando apenas a certificação escolar, como diz um professor:

*Com dificuldade, pois devido aos sucessivos fracassos se acham incapazes.*

Como última atividade proposta nesta Roda de Formação, os professores receberam um questionário<sup>29</sup> para avaliar o encontro.

A partir das respostas obtidas, algumas reflexões são pertinentes, como por exemplo, sobre o sentimento de pertencimento que os professores explicitaram em suas falas, sobre fazer parte de um processo de formação, o qual envolve o diálogo, a troca, o debate, o encontro etc. Nesse sentido, Oliveira (2014, p.1) diz que:

Cada educador tem uma história para contar que representa suas trocas, suas certezas e inquietações. É no diálogo com seus pares, revelando os percursos cotidianos do que acontece em sala de aula e em outros espaços da escola, que irá tecendo ou não a construção de uma equipe. Os momentos de estudo em grupo proporcionados aos educadores são

---

<sup>28</sup> APÊNDICE C

<sup>29</sup> APÊNDICE D

relevantes para provocar essa construção. Sair do individual e pensar também no coletivo. (p.1)

As falas dos professores nesse sentido nos permitem pensar, como muitas vezes o fazer pedagógico ainda é sozinho, e o quão importante é possibilitar esses espaços de formação na escola, nos quais seja oportunizado aos docentes parar e pensar na sua prática junto aos seus pares. É preciso que os professores sejam provocados e instigados para irem além das subjetividades do campo das ideias e possam viabilizar ações concretas no cotidiano escolar. Dessa maneira, Oliveira (2014, p.1), afirma que:

Propiciar esse conhecimento por meio dos estudos, debates e reflexões, utilizando-se dos momentos de formação continuada, poderá permitir no universo da sala de aula um educador revigorado e cômico de sua responsabilidade e potencialidade no processo de ensino e de aprendizagem.

Os professores que participaram desta primeira Roda de Formação demonstraram, estar satisfeitos pela oportunidade de participar de momentos como esse, nos quais se realiza um debate significativo acerca dos temas abordados, como se pode perceber na fala de um professor:

*É importante debatermos assuntos sobre nossos jovens, assuntos os quais muitas vezes até por falta de tempo não são trabalhados.*

Como é possível identificar, na fala do professor acima, é preciso que a escola dedique um espaço no seu tempo para reflexão e formação dos professores, para que a tarefa docente não seja um exercício isolado de cada professor, em cada sala de aula, mas que venha a ser realizado pelo grupo. De acordo com (Oliveira, 2014, p.2), por isso esses momentos de formação pedagógica, são tão essenciais na vida do professor:

Os encontros de formação continuada poderão constituir-se em momentos de vislumbres provocados pelas vozes dos educadores, a voz da sala de aula em diálogo com diferentes autores/teóricos que podem permitir resignificar ou ratificar suas práticas. O mediador desses encontros tem um papel fundamental de instigar, provocar e refletir junto em uma perspectiva de construção dialógica.

Sendo assim é possível reiterar minha crença no papel da formação continuada para qualificação da prática docente na escola, de modo que se ampliem as possibilidades de um fazer pedagógico mais atento aos processos de ensino e aprendizagem dos alunos.

Indo ao encontro desse intuito, o Plano Nacional de Educação (2014) prevê entre as 20 metas, que deve cumprir até o ano de 2024, duas metas relacionadas à formação dos professores da educação básica. A meta 15 prevê formação inicial em nível superior, na área de atuação dos sujeitos em cursos de licenciaturas; e a meta 16, “formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino”. Desse modo, pretende-se que pelo menos até o final do prazo deste plano, 50% dos professores possua pós-graduação.

#### **4.1.2 Roda de Formação 2: ampliando o conceito de letramento**

Na segunda Roda de Formação, realizada no dia 07 de março de 2017, o café foi “poético”: além dos itens servidos no primeiro encontro acrescentei biscoitos caseiros, que foram confeccionados pela merendeira da escola. Na mesa em que foi servido este café, deixei espalhados aleatoriamente alguns cartões, numerados no seu verso, cada cartão continha uma estrofe do poema “O que é letramento?”<sup>30</sup> de Kate Chong, já que o objetivo desta Roda de Formação era “compreender o conceito de letramento considerando as diversas áreas do conhecimento”. Em uma das estrofes do poema é mencionado uma receita de biscoitos, acrescentei esse item ao café e dei para cada professor participante um imã de geladeira com a receita do biscoito<sup>31</sup>. Após o café, pedi aos professores que conforme o número da estrofe que haviam pegado, que fizessem a leitura oral, e assim lemos o poema.

Esta atividade teve a intenção de ilustrar as diversas possibilidades de letramento, tais como o letramento culinário, através do gênero textual receita. Assim, leitura e escrita estão presentes em situações cotidianas, para além da esfera escolar, embora o letramento promovido por esta instituição ainda seja o mais legitimado.

---

<sup>30</sup> ANEXO A-

<sup>31</sup> ANEXO B-



Foto 1-Biscoitos

Logo após as atividades do “Café Poético”, convidei os professores a sentarem-se em semicírculo para assistirem o vídeo “Ler devia ser proibido”, o qual abordou a leitura de um ponto de vista crítico, trazendo as formas como os sujeitos se relacionam com a leitura. Para dar início às reflexões, fiz o seguinte questionamento oral: “O que o vídeo nos diz sobre o impacto da leitura e, por sua vez, da escrita na vida das pessoas?”, o qual serviu para que os professores pudessem manifestar suas ideias e impressões a partir do vídeo, fazendo relação com os estudos sobre letramento, no que diz respeito ao caráter social da leitura e da escrita.

Essa atividade de diálogo contribuiu para que os professores pudessem fazer o registro escrito dos questionamentos que formaram o terceiro momento desta Roda de Formação. A primeira pergunta buscou investigar qual o entendimento dos professores no que refere ao conceito de letramento. Dos sete professores que participaram desta proposta, um deles não respondeu a este questionamento e o outro disse que necessitava de mais esclarecimentos.

1	<i>Práticas sociais em que as pessoas estão inseridas e relacionam com símbolos, códigos, com o mundo escrito.</i>
2	<i>O entendimento de leitura, que o indivíduo tem através dos códigos, como desenhos, cartazes, logomarcas.</i>
3	<i>Aquele aluno que lê e interpreta o que lê.</i>
5	<i>Letramento é quando uma pessoa não precisa passar pela escola para reconhecer certas situações, como por exemplo, um uma cidade grande reconhecer o ônibus que a leva para seu bairro.</i>
6	<i>É a capacidade de ler as ideias de um texto.</i>

A partir das respostas acima, é possível perceber que o conceito de letramento não foi compreendido na sua amplitude, pois os estudiosos argumentam que na sociedade atual não basta um sujeito saber ler e escrever, ele precisa apropriar-se dessas linguagens e fazer uso da escrita, da leitura e da oralidade num contexto que possua sentido, envolvendo hábitos e atitudes. Corroborando com isso, Soares (2004, p.96) esclarece:

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto.

É importante salientar que os professores que atuam nessas classes de EJA realizaram sua formação inicial há mais de 20 anos, portanto, quando os estudos sobre letramento começaram a ser abordados nos cursos de licenciatura, eles já haviam concluído sua graduação. Esta informação é relevante, pois reitera a necessidade dos professores participarem de cursos de formação continuada, os quais servirão para se apropriarem de novos conceitos e das discussões atuais no campo da educação.

Um dos fatores imprescindíveis quando se fala de letramento é o contexto, pois para letrar é preciso que algumas condições sejam consideradas, e uma delas é que os professores tenham a clareza de que o letramento não é uma responsabilidade apenas do professor de Língua Portuguesa, mas dos profissionais de todas as áreas do conhecimento, pois é fundamental que os alunos leiam e escrevam em todas elas. Dessa forma, o correto é usar letramentos no plural, pois lemos e escrevemos por motivos variados, com intenções e fins diversos, em contextos específicos relativos a saberes também diferentes. Nesse sentido Palandré e Aguiar (2009, p.56) destacam que:

Os letramentos, no entanto, são práticas sociais, diferentes linguagens, vários níveis de habilidades e conhecimentos sobre a leitura e a escrita e seus usos, requerendo formas de aprendizagens relacionadas aos campos das atividades humanas e não apenas à escola. Outras agências sociais

como a família, a igreja, a rua e o local de trabalho também são responsáveis pelo desenvolvimento dos letramentos, porém de maneira diferenciada da escola, cujo objetivo é o ensino sistematizado do conhecimento científico produzido pelo homem.

Dando continuidade às reflexões acerca do conceito de letramento, pedi aos professores que diferenciassem os processos de alfabetização e letramento. É importante mencionar, que é possível que um sujeito seja letrado sem ser alfabetizado, exemplo que é citado pela fala do professor 5:

*Letramento é quando uma pessoa não precisa passar pela escola para reconhecer certas situações, como por exemplo, um uma cidade grande reconhecer o ônibus que a leva para seu bairro.*

Portanto, alfabetização é aprender o sistema de escrita e letramento é ter habilidade para usá-lo: eles são indissociáveis, porém não há uma relação cronológica ou hierárquica desses aprendizados, qualquer um deles pode acontecer primeiro ou ambos ao mesmo tempo. Desse modo, Soares (2004, p.100) argumenta que:

[...] no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita.

Ainda no terceiro momento desta Roda de Formação, o qual foi reservado para os professores registrarem suas percepções acerca de alguns conceitos que envolvessem letramento, perguntei a eles se os seus alunos da EJA estão avançando em seu processo de letramento. A maioria dos professores acredita que sim, porém alguns atribuíram a responsabilidade por desenvolver esse aprendizado aos próprios alunos, como é possível exemplificar com a fala de um dos professores, em que se percebe um discurso de culpabilização do aprendiz:

*Oportunidades para isso são ofertadas, porém depende da força de vontade de aprender de cada um deles.*



Esse tipo de visão do professor é considerado por Hoffmann (2009, p.54), como uma visão comportamentalista. A autora aponta pelo menos três argumentos pelos quais os professores responsabilizam os alunos pelo fracasso escolar. Nesse sentido, ela afirma:

Dessa forma, o professor não assume absolutamente a responsabilidade em relação ao fracasso do aluno. Em primeiro lugar, porque representaria assumir sua incompetência na organização do trabalho pedagógico, uma apresentação inadequada de estímulos à aprendizagem. Em segundo lugar, porque aquilo que faz geralmente se traduz em resultados positivos. Ou seja, alguns alunos, ou a maioria, aprendem. Se a ação produz modificação de comportamentos em alguns alunos, então o problema está nos alunos e não na ação do professor. Sem ultrapassar a visão comportamentalista de conhecimento, nenhuma outra hipótese é levantada pelo professor sobre as dificuldades que os alunos apresentam, senão a sua desatenção e desinteresse. Em terceiro lugar, porque, coerente com tal visão de conhecimento, o avaliar reduz-se, para ele, à observação e ao registro dos resultados alcançados pelos alunos ao final de um período. Tal visão não absorve uma perspectiva reflexiva e mediadora da avaliação.

Nesse sentido, também é importante considerar as reflexões propostas nos estudos de Street (2003), pois nos ajudam a compreender melhor o discurso da culpabilização, seja do aluno, seja do professor, quando os autores descrevem uma abordagem acerca dos modelos de letramento:

No modelo autônomo de letramento, as diferentes práticas sociais não são consideradas responsáveis pela formação dos sujeitos. Nesse modelo, a leitura e a escrita são tidas como práticas neutras e por si seriam responsáveis pelo progresso e ascensão social. A prática desse modelo autônomo de letramento nas escolas tem imputado a culpa pelo fracasso escolar aos alunos, ao invés de se analisarem os processos de exclusão que ocorrem nas sociedades contemporâneas. A escrita, relacionada apenas ao desenvolvimento cognitivo, desconsiderando as diferenças culturais e sociais de seu uso, gera posicionamentos preconceituosos, reducionistas e inadequados. Quando essa concepção subjaz à alfabetização de jovens e adultos, os conhecimentos prévios desses alunos são desconsiderados, e a aprendizagem ocorre mecanicamente, sem compreensão e com sentido apenas instrumental. (PALANDRÉ e AGUIAR, 2009, p.59):

Essa fala me remete a pensar que o aprendizado ocorre na interação do sujeito com o objeto, no caso da alfabetização e do letramento, isso se refere na relação de proximidade do aluno com a leitura e a escrita, que deve ser proposta pelo professor de cada disciplina. Nessa perspectiva Soares (2004, p.100) aborda que:

Esse alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da

língua escrita, é, sem dúvida, o caminho para a superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização [...].

Na continuidade dos questionamentos, perguntei aos professores o que eles entendiam por funções sociais da língua escrita e quais seriam essas funções, na perspectiva de cada um deles. A maioria respondeu que a principal função social da escrita é a comunicação, pois é através dela que os sujeitos interagem na sociedade, se expressam através das redes sociais e outras ferramentas tecnológicas, trocam experiências e conhecimentos, interpretam e se posicionam, como é possível verificar no quadro abaixo:

<b>Professor</b>	<b>O que tu entendes por funções sociais da língua escrita? Que funções seriam essas?</b>
1	<i>Comunicação, as pessoas podem trocar experiências através da escrita, ainda mais com a evolução da internet.</i>
2	<i>O poder da comunicação. A interação com o meio social.</i>
3	<i>Que o aluno que lê tem mais conhecimento do que se passa ao seu redor. Não se deixa ser enganado e entra em discussão sobre qualquer assunto.</i>
4	-
5	<i>Funções sociais seriam os benefícios que se usa com o que se aprende. Fazer uso daquilo que aprendeu para seu benefício.</i>
6	-
7	<i>Entendo que seja uma função primordial, uma vez que as mídias colocam muitas vezes as notícias, reportagens, etc., com a visão do próprio jornalista e cabe ao leitor fazer a sua interpretação e posicionar-se.</i>

Na última pergunta desse roteiro de reflexões acerca do letramento, procurei especificar a compreensão desse conceito, quando questionei aos professores, se na disciplina que lecionam há conhecimentos ou atividades que poderiam ser trabalhados numa perspectiva de letramento. Cada professor procurou responder de acordo com sua disciplina, trazendo aspectos diferentes, como é possível verificar no quadro a seguir:

2	<i>Cubos coloridos, gráficos, quem sabe...contas resolvidas mentalmente.</i>
3	<i>Questões voltadas ao cotidiano do aluno, como meio ambiente, saúde, corpo humano e etc.</i>
5	<i>Na área em que eu atuo pode ser apresentar um texto em que eles possam fazer não apenas uma leitura, mas sim uma interpretação do tema em questão.</i>
6	<i>Linguagem culta e coloquial, linguagem verbal e não verbal, sentido próprio e figurado.</i>
7	<i>Participação em rodas de leitura dos conteúdos, questionamentos, dar ao aluno oportunidade expressar-se e colocar sua opinião.</i>

É importante destacar nas sugestões dos professores, o que o professor número 3 diz: “*Questões voltadas ao cotidiano do aluno*”. Isso significa que para alcançar este objetivo o professor precisa preocupar-se em preparar a aula, ou seja, nessa escrita está presente rastros do discurso sobre pensar o planejamento a partir do conhecimento prévio dos alunos, buscando contextualizar o conteúdo ou as atividades com temáticas que sejam de interesse dos estudantes e que possam ser relacionadas a práticas do dia-a-dia, ou seja, atividades que possuam significado para os alunos, as quais possam relacionar ou até mesmo vivenciar na sua vida fora da escola. Como argumenta Mollica (2009, p. 7), “sabemos que os jovens e os adultos possuem saberes prévios, inatos e intuitivos, nos contextos em que estão inseridos e na cultura marcadamente letrada, antes mesmo de ingressar no sistema escolar formal”.

Outro aspecto importante para ser destacado a partir das falas do quadro acima, é o conceito de disciplina que está explicitado, pois é possível observar, de acordo com a resposta de cada professor, que pensaram em possibilidades a serem desenvolvidas na sua disciplina de atuação. Desse modo, se faz pertinente pensar sobre o conceito de disciplina, no sentido de desconstruí-lo, romper com seu sentido tradicional, como aponta Santomé (1998, p.55):

uma disciplina é uma maneira de organizar e delimitar um território de trabalho, de concentrar a pesquisa e as experiências dentro de um determinado ângulo de visão. Daí que cada disciplina nos oferece uma imagem particular da realidade, isto é, daquela parte que entra no ângulo de seu objetivo.

Essa fragmentação dos conhecimentos em disciplinas, sem que possuam conexão uns com os outros, ou seja, essa compartimentação em matérias, as quais dificultam a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, pois não se preocupa com qualquer significação para os alunos, se deve-se ao fato de “os conteúdos culturais que formavam o currículo escolar com excessiva frequência eram descontextualizados, distantes do mundo experiencial de alunos e alunas”. (SANTOMÉ, 1998, p.14).

Ao partir para a próxima atividade desta segunda Roda de Formação, a proposta do quarto momento, foi a leitura compartilhada do texto: “É possível medir níveis de letramento?” (MOLLICA, 2009), o qual serviu para subsidiar as discussões relacionadas a esse conceito e embasar a proposta do quinto momento, na qual fiz

uma apresentação de slides para os professores com exemplos de atividades de letramento, relacionadas às diferentes áreas do conhecimento. .

Como última atividade proposta nesta segunda Roda de Formação, os professores receberam um questionário<sup>32</sup> para avaliar o encontro. A partir das respostas obtidas nesse questionário de avaliação, é possível identificar três eixos de reflexão: (1) a formação continuada como motivação, para refletir sobre a própria prática; (2) a formação continuada como espaço de rever conceitos; (3) e a formação continuada como espaço de troca. A partir destes três eixos é imprescindível sinalizar, conforme Leite (2010, p.02) que:

um professor bem formado, motivado, com condições de trabalho adequadas e envolvido em um processo de formação contínua, que lhe forneça elementos para a constante melhoria de sua prática, é o elemento mais importante para a educação de qualidade.

Sendo assim, vale ressaltar que o espaço mais adequado para que ocorram as formações continuadas dos professores é a própria escola, pois é nesse local de atuação do professor que precisamos dispor de momentos para desenvolver novas possibilidades para concretização do ensino e do processo de aprendizagem. Em se tratando dessa orientação, Imbernón (2001, p. 48) afirma que:

a formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes.

Nesse sentido, a escola precisa organizar espaços e momentos para que se realize essa reflexão e análise das práticas pedagógicas que vem desenvolvendo. É preciso parar com a rotina enfadonha que não permite ao profissional repensar o seu trabalho, pois sem essa pausa para observar o que se tem feito, não é possível buscar novas alternativas que visem qualificar o trabalho docente.

Buscando contemplar o primeiro eixo elencado a partir das falas dos professores, que é a formação continuada como motivação, significa dizer que os professores se sentem valorizados quando percebem que estão participando de algo

---

<sup>32</sup> APÊNDICE E.

que foi elaborado para eles, buscando contemplar suas necessidades, dúvidas e anseios. Como é possível perceber na fala do professor:

*Penso que as diversas atividades, quanto ao aspecto didático e o clima descontraído nos contagiaram para futuras atividades docentes.*

Nesse sentido, é que essa formação continuada foi elaborada na perspectiva das Rodas de Formação, buscando estabelecer o diálogo fundamental para a construção do conhecimento, desse modo, na esteira da valorização docente, Vogt (2012, p.3) assinala que:

Na verdade, todo este processo de formação continuada também se constitui como um investigar a si próprio, um investigar a escola e sua realidade, um investigar os alunos com quem trabalho e um investigar o meu colega professor, pois com ele posso aprender e trocar experiências, para a construção coletiva de uma vivência pedagógica eficiente. Esta investigação possibilita que o formador deste processo saiba quais são as informações que o professor possui e como ele percebe e vivencia o cotidiano da escola, para, então, transformar estes dados “investigados” em conteúdos de formação. Não basta trabalhar a formação com assuntos isolados e dispersos. É imprescindível que tudo aquilo que está sendo trabalhado no processo formativo esteja realmente relacionado com as necessidades escolares e ajudem a tornar o processo educativo mais atraente e eficaz.

Esse cuidado que o formador precisa ter ao organizar os momentos de formação nos remete ao que os professores mencionaram na avaliação da primeira Roda de Formação, que é o sentimento de pertencimento, o fazer-se parte, o perceber-se contemplado, e isso se deve à atenção com que esse processo formativo de professores foi pensado e elaborado.

O segundo eixo considerado a partir das falas dos professores ao realizarem a avaliação da segunda Roda de Formação é que percebem a formação continuada como espaço para rever conceitos, ou seja, como momento de aperfeiçoamento e atualização, como é possível observar nos excertos das falas dos professores, que seguem abaixo:

*[...] já estava clara no meu conceito, mas que eu não conseguia de fato explicitá-los.*

*[...] rever alguns conceitos e aprender novos conceitos.*

*Esclarecer um pouco mais [...]*

Sabemos que a sociedade está em constante transformação e grande parte dessas mudanças se deve aos avanços tecnológicos, os quais estão cada vez mais inseridos no contexto escolar. A partir desses fatos, é possível perceber que muitos professores sentem necessidade de revisar algumas aprendizagens que fizeram ao longo do seu caminho profissional.

Devemos considerar positiva essa necessidade, pois demonstra que os professores, mesmo diante de tantas adversidades inerentes à profissão docente, estão preocupados em qualificar sua prática pedagógica. Isso se percebe quando se veem envolvidos em espaços que os permite refletir sobre a sua prática em sala de aula. Por isso, reafirmo a importância de possibilitarmos, dentro da escola tempos e espaços para formação continuada dos professores em serviço, pois essa prática está garantida em lei, como é possível observar no Artigo 62 parágrafo único da LDBEN (BRASIL, 1996):

Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação.

As instituições de ensino precisam apropriar-se do que está garantido em lei e propor essa formação continuada no local de trabalho dos docentes, pois é na escola que precisamos buscar respostas ou soluções, pois é lá que emergem todas as questões que precisam ser pensadas pelos educadores.

Como terceiro eixo que elegi, está a formação continuada como troca, ou seja, é também nesse espaço que os professores trocam informações, sucessos e insucessos de suas ações pedagógicas, buscam alternativas e trocam experiências. Nesse sentido, Almeida (2006, p.85), reitera: “é preciso que haja espaços para que os professores se encontrem, troquem suas vivências, reelaborem suas experiências e tenham retaguarda para implantar seus planos”.

Desse modo, mais uma vez vale destacar que a escola é o local mais adequado para se realizar as ações de formação continuada de professores, pois é o ambiente em que todas as questões emergem, é o espaço em que podemos dar voz e ouvidos uns aos outros e assim buscar outros caminhos, os quais aproximem o docente do seu principal objetivo, que é o desenvolvimento do aprendizado dos seus alunos.

### 4.1.3 Roda de Formação 3: avaliação dos sujeitos na EJA

Esta terceira Roda realizada no dia 08 de março de 2017, como já de costume e esperado pelos professores, se inicia com um café. Além dos itens comumente servidos, acrescentei uma bandeja de cocadas e um prato com pedaços de chocolate. Na mesa ao lado da bandeja de cocadas coloquei um cartão com o poema “As cocadas”<sup>33</sup> de Cora Coralina e, ao lado do prato com os chocolates, o DVD “Como água para chocolate”<sup>34</sup>, em razão da proposta com esses dois tipos de texto. O café servido nesta Roda foi denominado “Café Textual”. Logo após, pedi que um dos professores voluntariamente fizesse a leitura do poema. Esta atividade serviu para que se pudesse refletir sobre os diferentes tipos de textos (poema, filme, etc.), assim como demonstrar possibilidades de atividades para serem realizadas com os alunos da EJA.

No segundo momento da Roda de Formação, para introduzir a temática a ser discutida, cujo objetivo era “refletir sobre os processos de avaliação dos sujeitos na EJA”, pedi aos professores que se sentassem num semicírculo e apresentei os slides intitulados “Escola de Bichos”. A intenção em fazer uso dessa história se deve ao fato de servir para iniciarmos as reflexões sobre as metodologias de avaliação que utilizamos com nossos alunos, pois precisamos considerar as peculiaridades dos sujeitos e, portanto, nem todos podem ser avaliados da mesma forma.

Como terceira atividade proposta aos professores nesta Roda de Formação, solicitei aos professores que registrassem por escrito suas impressões sobre a temática abordada neste encontro, a partir de algumas perguntas que elegi para nortear a discussão.

Inicialmente, pedi aos professores que refletissem e respondessem sobre o que é avaliação. A partir das respostas, foi possível perceber que os professores, ainda relacionam o ato de avaliar como mensuração.

1	<i>Tomar conhecimento do que os alunos entenderam.</i>
2	<i>Verificar se a aprendizagem realmente aconteceu, se o aluno alcançou os objetivos que foram propostos.</i>
3	<i>Tornar de conhecimento do professor a aprendizagem do aluno, levando em consideração a bagagem do mesmo.</i>
4	<i>Medir, com instrumentos o desenvolvimento das atividades propostas, sendo esses</i>

<sup>33</sup> ANEXO C-

<sup>34</sup> ANEXO D-

	<i>instrumentos variados e usados em momentos diferentes durante o processo ensino aprendizagem.</i>
5	<i>Medir a capacidade de conhecimento, ou seja, aprendido.</i>
6	<i>Identificar as habilidades dos alunos, cada um com suas características, experiências e bagagem cultural, sendo inserido no processo de aprendizagem.</i>
7	<i>É avaliar o conhecimento que a pessoa adquiriu no desenvolvimento de uma tarefa.</i>
8	<i>Acompanhar o aluno no seu desenvolvimento, verificando os diversos conhecimentos do aluno, numa perspectiva de leitura, através do letramento de cada um, inserindo esse educando na sua realidade social.</i>
9	<i>Poder testar o que os alunos conseguiram assimilar para si sobre o conteúdo que foi transmitido/ensinado em sala de aula.</i>

Como é possível perceber a partir do quadro acima, sete dentre os nove professores que realizaram esta atividade pensam que avaliar é o processo de verificar resultados, os quais vão indicar se o aluno possui ou não condições de ser aprovado, ou seja, trata-se de uma avaliação classificatória. Já os outros dois professores demonstraram preocupação com as informações que poderão obter a partir dessa situação avaliativa, para melhor conduzir seu planejamento e os processos de construção do conhecimento, ou seja, possuem uma perspectiva formativa do que é avaliar.

É possível observar, a partir das falas dos professores, que estão distantes da perspectiva de avaliação de Hoffmann (2009), no que se refere à mediação entre as aprendizagens dos alunos e o planejamento. Para esses professores, a avaliação está centrada no aluno, nem fazem relação com o seu fazer docente. Desse modo, a perspectiva de avaliação mediadora defendida por Hoffmann (2009. p.51) estabelece que:

Tal paradigma pretende opor-se ao modelo do "transmitir-verificar-registrar" e evoluir no sentido de uma ação avaliativa reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de ideias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados.

Dando continuidade aos questionamentos sobre a temática abordada nesta terceira Roda de Formação, indaguei aos professores em que momentos se avalia na escola. Os professores reconheceram que a avaliação deveria ser realizada diariamente, ou seja, realizada constantemente para que seja mais coerente em todos seus aspectos, mas nas suas falas ficou evidente que não é assim que



acontece em seu planejamento docente, como é possível verificar na fala de um deles:

*Na escola a avaliação é diária, ou deveria ser, como o aluno se desenvolve a frente das questões propostas, sua interação, seu desempenho, sua responsabilidade. Acredito que provas e trabalhos não são suficientes.*

Essa afirmação nos revela que os professores sabem como devem avaliar seus alunos e assumem que não o fazem dessa maneira, mantendo uma avaliação pontual, que não revela o processo de ensino e aprendizagem vivenciado pelos estudantes, como destaca este professor:

*A avaliação escrita é feita ao final de cada bimestre ou trimestre, de acordo com o calendário escolar, mas deveria ser diária.*

Essa informação vai ao encontro do terceiro questionamento realizado com os professores com relação à temática abordada nessa Roda de Formação, quando perguntei “Como os alunos percebem a avaliação?”, o que diante do contexto já mencionado não poderia ser diferente, ou seja, os professores relataram que os alunos não gostam das avaliações, pois se sentem tensos, temerosos, aflitos, assustados, ansiosos e com medo; essas foram as palavras dos próprios professores em resposta ao questionamento, Conforme segue abaixo:

1	<i>Sempre ficam temerosos e aflitos.</i>
2	<i>Os alunos percebem quando são cobrados em sala de aula, quando o professor faz suas exigências, é um momento de tensão.</i>
3	<i>Através das provas e trabalhos.</i>
4	<i>Como algo assustador, que causa medo e traz ansiedade.</i>
5	<i>Percebem através dos trabalhos e testes.</i>
6	<i>Isso depende de qual avaliação está sendo usada. Atualmente eles percebem somente no momento em que fazem provas.</i>
7	<i>Nos finais dos bimestres depois que foram aplicadas provas quantitativas e muito pouco qualitativas.</i>
8	<i>Quando eles são induzidos a responderem aquilo que precisam pensar e trazer para o professor, o que aprenderam anteriormente.</i>
9	<i>Como algo assustador, muitas vezes.</i>

A avaliação desses alunos, se mantém sendo realizada exclusivamente através de provas e trabalhos, como fica evidenciado nas falas do quadro acima.

Para complementar as reflexões acerca das concepções dos professores sobre avaliação, desafio-os então a escreverem sobre o que eles pensam a respeito da avaliação. Os professores reiteraram seu posicionamento, defendendo a avaliação diária, ou seja, contrários à avaliação realizada exclusivamente por meio de provas e trabalhos, para que se possa superar esses momentos estanques que não consideram o desenvolvimento diário dos alunos com as tarefas escolares, tornando estes momentos de angústia e até pânico, conforme eles mesmos caracterizam, nos quais os estudantes não conseguem demonstrar a aprendizagem dos conhecimentos.

Com isso, os professores demonstraram uma postura contraditória no que se refere à avaliação dos alunos, pois sabem como esta deveria ser realizada, porém não o fazem na prática, pois eles mesmos mencionam que utilizam provas e trabalhos como instrumentos de avaliação. Isso nos leva a pensar, quais razões levam a essas escolhas. Posso mencionar algumas, pois realizei na minha observação algumas anotações a esse respeito:

Carga horária de trabalho 40 ou 60 horas semanais, nenhum dos professores de EJA da escola, trabalha apenas 20 horas; isso se deve ao fato da necessidade de ampliação da renda. A rede estadual não recebe o piso nacional do magistério e no governo atual, há meses em que os professores têm seus salários parcelados, o que leva ainda alguns professores a optarem por conciliar outras atividades para complementar a renda, tais como: aulas particulares ou venda de produtos de beleza ou vestuário. Dessa maneira é possível verificar que os professores não possuem tempo disponível para planejamento adequado e tampouco para realizar avaliação formativa dos seus alunos.

O quarto momento da Roda de Formação foi dedicado a refletir sobre os saberes dos alunos, seus conhecimentos prévios e a importância de se identificarem com o conteúdo ou assunto abordado pelo professor, para suscitar o interesse por parte dos estudantes. Com essa perspectiva corrobora Santomé (1998, p.95) dizendo:

Em cada instituição escolar será efetuada uma reinterpretação peculiar desse legado cultural, em função das experiências prévias, conhecimentos, expectativas dos professores e dos estudantes que interagem nas salas de aula e no centro escolar, bem como dos recursos os quais têm acesso, das condições de trabalho e da formação corpo docente.

Essa reflexão foi despertada a partir da apresentação que realizei da História em Quadrinhos: Chico Bento em “O Sabe tudo<sup>35</sup>”, que nos proporcionou momentos de reflexão sobre os conhecimentos que os alunos trazem consigo e o papel do professor na valorização dos mesmos. Sabemos que todos os sujeitos sabem alguma coisa, mas quando se trata de estudantes da EJA, essa gama de conhecimentos e experiências é muito maior, além de ser composta por saberes diferentes daqueles que o professor possui, o que torna o momento de ensino e aprendizagem muito rico, pois é um espaço no qual é possível realizar a interação e a troca que acontece através do diálogo entre o sujeito aluno e o professor. Pulice (apud MOLL, 2004, p.140) esclarece muito bem o papel do educador na EJA, ao citar:

O papel do educador é pensar formas de intervir e transformar a realidade, problematizando-a, dialogando com o educando. Em sala de aula o importante não é “depositar” conteúdos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno: conhecê-lo como indivíduo num contexto social, com seus problemas, seus medos, suas necessidades, valorizando seu saber, sua cultura, sua oralidade, seus desejos, seus sonhos, isto possibilita uma aprendizagem integradora, abrangente, não compartimentalizada, não fragmentada.

Ainda, nesse sentido, convidei os professores para assistirem o vídeo: “Educação e Vida”, o qual trouxe uma mensagem de respeito ao tempo de aprendizagem dos sujeitos, um verdadeiro convite aos educadores para repensar as formas de avaliação com relação aos conhecimentos adquiridos pelos sujeitos, buscando pensar numa perspectiva mais humanizadora.

Logo em seguida, realizei a explanação dialogada a partir dos slides “Avaliação: lançando ‘novos’ olhares e (re) significando práticas”, os quais começam abordando o tema a partir das orientações contidas na LDBEN, problematizando a avaliação como diagnóstico para a condução do ensino e aprendizagem e estratégia de produção do conhecimento, assim como faz a diferenciação entre a avaliação classificatória e a avaliação formativa, na qual, respectivamente, a primeira compreende o processo com ênfase na transmissão do conhecimento e, a segunda, como produção e interação entre os sujeitos envolvidos. Com isso, muda o enfoque da avaliação e dos sujeitos nesse processo que deve ser contínuo e evolutivo.

---

<sup>35</sup> ANEXO E.

Ainda na explanação realizada a partir dos slides, discutimos sobre aspectos a serem avaliados e instrumentos de avaliação como registros de diferentes naturezas, os quais possibilitem a todos envolvidos no processo (estudantes, famílias, escola) ter uma visão evolutiva das aprendizagens; também permitiu refletirmos sobre o uso da autoavaliação, não como instrumento de avaliação restrita de aspectos comportamentais, mas sim a partir da orientação do professor, para se tornar mais uma estratégia que vise direcionar o processo de aprendizagem dos alunos.

Nos momentos finais desta Roda de Formação, solicitei aos professores, mais uma vez, que preenchessem a avaliação<sup>36</sup> deste encontro. A partir das quais pude analisar alguns aspectos:

Como a temática principal discutida nesse encontro foi a avaliação dos alunos, os professores ao responder os questionamentos registraram suas impressões sobre esse conceito. Foi possível identificar três perspectivas de avaliação, são elas: (1) avaliação como processo, (2) avaliação contínua e (3) avaliação integral. A primeira perspectiva capturada nas escritas dos professores se refere a perceber a avaliação como algo que se dá ao longo dos processos de ensino e aprendizagem, serve para constatar progressos e dificuldades, para reorientar o trabalho docente. A segunda delas é a avaliação que sugere acompanhar todos os momentos, todas as aprendizagens num continuum, sem delimitar espaços, visando interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos. E a terceira delas é aquela que busca avaliar todo o contexto em que o sujeito está inserido, levando em consideração seus conhecimentos prévios.

#### **4.1.4 Roda de Formação 4: leitura e produção de textos**

Na quarta Roda de Formação, realizada no dia 09 de março de 2017, em razão dos objetivos desse encontro, trouxe jornais: o café jornalístico foi pensado para que pudesse começar oportunizando a reflexão sobre a compreensão dos processos de leitura e escrita na perspectiva do letramento, assim como proporcionar o reconhecimento da leitura e da produção de textos como uma

---

<sup>36</sup> APÊNDICE F

possibilidade de articulação entre as diferentes áreas do conhecimento e manifestação de distintos saberes.

Dessa maneira, disponibilizei exemplares dos jornais locais e regionais do dia, para que os professores pudessem folhear e/ou ler enquanto saboreavam seu café. Nesse momento, questionei os professores se algum texto daqueles poderia ser aproveitado na aula deles para discutir algum tema/conteúdo da área de conhecimento em que atuam. A partir daí, os professores começaram a buscar nos jornais, mais atentamente, textos que pudessem relacionar com as disciplinas que atuavam.

Os professores de Ciências encontraram textos sobre vacinas e febre amarela; as professoras de Matemática anúncios de vendas e locação de imóveis; o professor de Língua Portuguesa e a professora de Ensino Religioso interessaram-se por uma crônica; a professora de Geografia gostou de uma reportagem sobre o plantio de soja no município; e o que chamou a atenção da professora de História foi um convite sobre uma mateada a ser realizada em comemoração ao Dia da Mulher. É possível perceber que os professores fizeram escolhas pertinentes a sua área de conhecimento, e que consideram o conteúdo de um jornal como uma ferramenta a ser explorada na sala de aula para conduzir a abordagem de alguma temática. Ao fazer uma análise das orientações contidas nos PCN's sobre a importância da leitura em todas as áreas do conhecimento, Gomes e Barbosa (2011, p.5-6) mencionam:

Nos PCN, a leitura é atividade básica para a escrita. Ler para interpretar, ler para se informar, ler para fruição estética, ler para levantar hipóteses, ler para solucionar problemas e, finalmente, ler para escrever: conforme o gênero lido, de acordo com o conteúdo lido, em comparação ao que se aprendeu, ler para reescrever o próprio texto, ler o texto dos colegas, etc. É também importante observarmos que cada área indica os gêneros que lhe são mais específicos para o trabalho com seus conteúdos disciplinares. Essa indicação, não só aponta as demandas específicas de leitura, como aqueles gêneros que muito possivelmente irão fazer parte de atividades de escrita/reescrita e análise pelos alunos de jornais, lendas, poesia, relatos de experimentos, mapas, gráficos, textos de problemas matemáticos, etc.

Dando continuidade à Roda de Formação, no segundo momento, pedi aos professores que respondessem algumas perguntas individualmente e por escrito. Na primeira pergunta questionei aos professores se eles consideravam que, na disciplina que lecionam, é possível instigar os alunos a serem leitores e escritores.

Os professores responderam que consideram importante incentivar a leitura independentemente da disciplina, que cada disciplina pode propor de uma maneira diferente o uso do texto, da leitura e da escrita, com objetivos específicos para o

conteúdo que estiver abordando, oportunizando aos alunos vários benefícios tais como: desenvolvimento do pensamento crítico, ampliação do vocabulário, expressão da opinião de forma escrita, apropriação de diversos conceitos a partir da temática em questão. Para dar início a esse tipo de processo de ensino e aprendizagem, um dos professores sugere que para facilitar a aproximação dos alunos com a leitura se comece conhecendo suas preferências, como é possível observar na sua fala, quando responde ao questionamento realizado:

*Sim, a leitura seja ela de textos, jornais, obras literárias, enriquece a vida das pessoas, basta começar com os incentivos e ver qual o tipo de texto que o aluno mais gosta ou se interessa.*

Essa preocupação em conhecer o que os alunos gostam, para a partir daí explorar possíveis desdobramentos, é também papel do professor que preocupa-se seriamente com o incentivo à leitura e à produção textual dos estudantes, sem julgar as escolhas dos alunos ou realizar imposições, as quais tendem a afastar os alunos ao invés de aproximá-los.

Com a intenção de ampliar o horizonte de possibilidades sobre os diversos tipos de texto, pergunto aos professores quais podem ser utilizados na aula deles, o que respondem mencionando algumas opções, tais como:

1	<i>Charges, crônicas, imagens, músicas, poesias, obras literárias.</i>
2	<i>Diversos, como jornais, revistas, livros, reportagens, anúncios.</i>
3	<i>Em inglês pode se usar traduções de algumas palavras, retiradas de qualquer texto ou enunciado; rótulos, imagens, etc.</i>
4	<i>Textos sobre: vendas de casas, terrenos, automóveis, quantidade de habitantes, medidas, quilometragem e etc.</i>
5	<i>Notícias de jornais e revistas.</i>
6	<i>Diálogos, histórias em quadrinhos, carta, cartão-postal</i>
7	<i>A leitura de crônicas, contos, anúncios publicitários e outros.</i>

Dessa maneira, percebo que os professores conhecem as possibilidades que possuem para explorar a leitura e a escrita nas diversas áreas do conhecimento, o que nos leva a refletir sobre quais razões os levam ao caminho contrário e, por vezes, contraditório.

Para finalizar essa atividade, também questiono aos professores se na disciplina que lecionam é possível promover aprendizagens que envolvam a leitura e a produção textual. Todos os professores respondem que sim, e alguns complementam dizendo:

1	<i>Sim, acredito que é possível desenvolver atividades com a leitura na maioria das disciplinas.</i>
5	<i>Sim, ler as notícias, fazer comparações e expressar sua opinião.</i>
6	<i>Sim, utilizando textos simples que envolvam dados pessoais, atividades diárias ou planos futuros para tradução e produção.</i>
7	<i>Sim, através da ficha de leitura, a leitura e a produção textual ficam enriquecidas.</i>

Mais uma vez os professores reiteram possuir conhecimento sobre a importância e as possibilidades que possuem para explorar a leitura e a escrita nas diferentes disciplinas que lecionam, e não exclusivamente esta como sendo tarefa do professor de Língua Portuguesa. É essencial que todos os professores reconheçam sua responsabilidade no que diz respeito aos diversos letramentos.

No terceiro momento dessa Roda de Formação, pude contar com a riquíssima contribuição da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia dos Santos Moura, a qual realizou uma exposição dialogada sobre leitura e produção textual. A professora Patrícia inicialmente provocou os professores a pensarem a produção textual como uma possibilidade de instrumento de avaliação.

Sabemos que muitos professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental esperam que os alunos cheguem com a questão da aprendizagem da leitura e da escrita superada, ou seja, que realizem uma leitura mais compreensiva e que dê conta dos conhecimentos das áreas, mas muitas vezes se deparam com alunos que ainda possuem dificuldades na leitura e na escrita.

A professora Patrícia também trouxe alguns aspectos importantes sobre a produção de texto e a necessidade de realizar um movimento de preparo dos alunos para essa construção, algumas sugestões de atividades, valorizando momentos para ouvir e capturar as experiências culturais dos alunos, para que possam subsidiar posteriormente a escrita dos sujeitos. Ela destacou que para escrever é preciso que se criem espaços de discussões orais, para que se possa permitir aos alunos perguntar, trocar ideias e experiências, posicionarem-se, criticar, ou seja, mobilizar o pensamento.

A professora ainda salienta que a escola é lugar de aprender os conhecimentos que foram construídos pela humanidade, e que tão somente nesse lugar os alunos teriam acesso a tais conhecimentos. Dessa forma, a escola também é espaço de trabalhar conhecimentos específicos que não tem como relacionar, pois fazem parte da linguagem própria de uma área. No entanto, também deve ser

espaço de contemplar o que interessa aos alunos e transformar isso em conteúdo, por isso é essencial ouvir os alunos a respeito das suas experiências culturais.

A professora ainda salienta sobre a possibilidade de se trabalhar com diferentes gêneros textuais, tendo cuidado para não privilegiar um tipo de texto, ou seja, a necessidade de ampliar e variar os tipos de textos. Também menciona a importância de propor textos escritos, e a partir do texto já pronto reescrever ou abordar outras questões, tais como: características dos textos, fazendo comparações, observando as semelhanças e as diferenças, desenvolver a oralidade, criar estratégias para que se exponham, se tornem mais participativos, mais falantes.

No que se refere à correção/avaliação, a professora sugere que os professores se preocupem em praticar produção textual com os alunos, não necessariamente em corrigir todas as propostas, mas que ao longo de um período estabelecido tenham tido contato com as produções de todos os alunos. Assim como destaca que se deve eleger o que vai avaliar em cada proposta e explicitar isso aos alunos, para que saibam quais aspectos estão sendo analisados.

No momento de avaliar esta Roda de Formação<sup>37</sup>, pedi aos professores que explicitassem a sua opinião em relação ao teste que era até então aplicado para classificação e distribuição dos alunos nas totalidades da EJA. Ao analisar atentamente as respostas dos professores, inicialmente eles afirmam que se trata de um teste seletivo, mas que, no entanto está dando certo. Neste momento cabe refletir se realmente o teste vinha dando certo, se ele traduzia realmente as aprendizagens dos alunos, pois ao verificar mais atentamente os seus históricos, foi possível identificar que vários alunos realizaram o teste mais de uma vez (em anos diferentes) e obtiveram resultados diferentes. É importante ressaltar que a intenção ao realizar o teste é classificar os alunos na totalidade mais próxima das aprendizagens reveladas no mesmo, tendo o cuidado de que os alunos não regredam, ou seja, o seu histórico do aluno é levado em consideração. O que pode acontecer após a realização do teste é o aluno manter-se no ano em que estava no regular ou avançar, o que todos almejam. Porém, ao observar os resultados dos testes de anos anteriores, foi possível identificar, por exemplo, um aluno que foi classificado em um determinado momento na totalidade 5 ou 6 e numa outra

---

<sup>37</sup> APÊNDICE G.



tentativa posterior de ingresso na modalidade ter se classificado na totalidade 4. Com este exemplo, somos levados a refletir sobre o que esse teste realmente demonstra no que se refere às aprendizagens dos alunos, levando em conta que o teste sempre teve o mesmo formato e que, na maioria dos processos de seleção, tratava-se da mesma prova. Esse dado foi possível identificar em relação a vários alunos, o que nos permite problematizar se o mesmo é eficiente como dito por alguns professores.

Outro aspecto relevante, que foi identificado a partir das falas dos professores, se refere ao conteúdo abordado nos testes, pois os professores alegaram que o mesmo era elaborado com questões que envolviam a vivência dos alunos e assuntos da sua realidade. Ao analisarmos o teste, é possível discordar desse ponto de vista dos professores, pois não encontramos no teste, por exemplo, questões sobre Jaguarão, a história ou a geografia do município.

Também é possível observar nas falas dos professores que eles concordam que os testes sejam aperfeiçoados ou que podemos incluir algumas mudanças. No entanto, demonstram medo que essas modificações venham acarretar na diminuição do número de alunos. Como é possível observar na fala deste professor:

*Deve ser feito aos poucos, pois corremos o risco de não termos clientela.*

Nesse sentido, é importante ressaltar que as modificações propostas têm a intenção de qualificar o teste, para que a partir dos resultados obtidos possam ser formadas turmas que contribuam com o aprendizado dos alunos que, por sua vez, compreenderá melhor o momento de aprendizagem do aluno. A partir dos conhecimentos demonstrados pelos alunos, qualificar os processos de classificação e distribuição dos mesmos nas turmas e, com isso, contribuir para o sucesso dos processos de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto que foi identificado a partir das falas dos professores é a preocupação com as correções dos testes, já que a proposta de inserir a produção de textos tornará o teste mais subjetivo e, portanto, mais complexo para ser corrigido. Essa preocupação fica evidente na fala do professor:

*Sempre é bom inovar, porém temos a preocupação com a correção quando se trata de uma avaliação mais subjetiva.*

Essa preocupação é pertinente, pois precisamos considerar que os professores precisarão possuir conhecimentos com relação à temática das questões propostas para poder realizar a avaliação, assim como precisará possuir conhecimentos próprios sobre linguística e produção de textos. A inovação é vista pelos professores como algo positivo, porém demonstram preocupação com os outros aspectos que envolvem a realização dos testes. A correção, ou seja, os critérios de avaliação do teste precisam ser pensados cuidadosamente, pois anteriormente o único critério era o número de acertos e, agora, com a possibilidade de inserção de outras questões de natureza subjetiva, outras estratégias para realização do trabalho avaliativo precisam ser incorporadas.

Esse cuidado é muito importante, pois da avaliação dependerá a formação das turmas, e se classificar-se um sujeito numa etapa superior às suas condições de aprendizagem, ele poderá evadir ou reprovar, pois poderá se deparar com muitas dificuldades; ao contrário também incorre-se no risco de evasão dos alunos, pois se o sujeito for classificado em totalidade inferior aos conhecimentos que possui, poderá desistir, pois poderá não se sentir desafiado.

#### **4.1.5 Roda de Formação 5: repensando o teste classificatório**

A quinta Roda de Formação, realizada no dia 10 de março de 2017, começou com um café, além dos habituais itens servidos, acrescentei pastéis. O cardápio do café era motivo de expectativa dos professores.

Como primeiro momento deste encontro, convidei os professores para realizarmos a leitura do texto “O processo ‘cloze’” (DALLA ZEN, 1997), o qual trata sobre a aplicação da atividade, que visa à compreensão da leitura como estratégia de ensino, pois um dos objetivos dessa Roda era incorporar outras possibilidades de avaliação dos alunos que ingressam na EJA. O cloze “consiste na utilização de um texto lacunado, o qual deve ser preenchido pelo leitor” (p.89), sugeri então que essa atividade fosse incluída na avaliação diagnóstica da escola. A realização do processo “cloze” permite avaliar a competência leitora dos sujeitos, é um excelente recurso para investigação dos processos de leitura, pois como atividade pedagógica:

Propicia não só a ativação do conhecimento prévio, mas também a utilização de chaves sintética e semânticas na busca do significado. Enquanto os leitores selecionam a palavra que melhor se encaixa nos

espaços em branco, põem em jogo as estratégias de predição e inferência, isto é, antecipam elementos que não estão escritos no texto, deduzem pelo contexto. (DALLA ZEN, 1997, p.90).

Para ilustrar melhor sobre a proposta do processo cloze e exemplificar suas possibilidades de variação e/ou adaptação, realizei a atividade com os professores para entenderem a dinâmica do mesmo<sup>38</sup>. Logo após, fizemos a leitura do texto, este momento que foi bastante interativo entre os professores e permitiu observar se as respostas estavam adequadas ou não. De acordo com a autora, “a correção cooperativa, nesse sentido, funciona como um momento rico de aprendizagem. A não confirmação da resposta escolhida oportuniza o encaminhamento à autocorreção”. (DALLA ZEN 1997, p.91).

Esse processo cloze, além de compreender a leitura, permite observar a partir das soluções encontradas pelos sujeitos, alguns aspectos linguísticos, ~~como~~ por exemplo: o uso dos verbos, a linguagem coloquial, a estrutura sintática, a compreensão global do texto, a busca de soluções alternativas, a inferência, a construção de hipóteses etc.

Após essa atividade, como o segundo objetivo desse encontro era analisar o teste classificatório a partir dos conceitos estudados e de outras estratégias de avaliação, distribuí aos professores, cópias dos testes anteriores para que fizéssemos uma análise das questões de cada disciplina. Esse foi um momento de muita interação, pois os professores puderam olhar atentamente as questões, muitas das quais eles próprios haviam elaborado e que foram utilizadas para classificar e distribuir os alunos nas totalidades em anos anteriores.

Para nortear a análise, propus que fossem analisadas as questões da área de conhecimento de cada um, buscando encontrar o foco das discussões da nossa formação, que foi a leitura e a escrita nas diversas áreas. A partir disso, problematizei sobre o tipo de conteúdo e a importância ou relevância daquelas questões para a EJA.

Foi nesse momento que decidimos em grupo quais questões deviam ser descartadas do teste, pois chegamos a conclusão de que se tratava de questões que não revelavam nenhuma informação pedagógica das aprendizagens dos sujeitos. Também foi nesse espaço que os professores explicitaram que tinham medo de realizar muitas modificações no teste e que isso resultasse na diminuição

---

<sup>38</sup> ANEXO F.

do número de aprovados. Então, expliquei a eles que as mudanças propostas tinham a intenção de que o teste pudesse revelar mais informações sobre os alunos, para que a partir disso pudessem qualificar seu planejamento e a condução das suas aulas, não para dificultar o ingresso de alunos nas totalidades.

Nesse momento pedi que os professores elaborassem questões para serem inseridas no teste, a partir da perspectiva de letramento nas diferentes áreas do conhecimento. Para encerrar o encontro desta noite, nos encaminhamos para o refeitório da escola, onde habitualmente foi servido o jantar ao término das Rodas de Formação. Porém a atividade de reflexão desse dia não foi realizada no café, pois planejei propor no jantar. Após o jantar, os professores receberam folha em branco, onde deviam criar critérios de avaliação do que foi servido (salada, prato principal, sobremesa e bebida). No entanto, não obtivemos sucesso nessa atividade, pois os professores se recusaram avaliar a comida servida, pois alegaram se tratar de uma gentileza das merendeiras da escola.

Na avaliação<sup>39</sup> deste encontro pedi aos professores que, após a análise do teste atualmente aplicado, verificassem se há a existência de questões que fazem uso da leitura e escrita na disciplina que lecionam. Os professores disseram que no teste atualmente aplicado não há possibilidades de escrita, já que trata-se de uma avaliação objetiva, mas que já enxergam novas possibilidades.

Também solicitei aos professores que explicitassem suas impressões acerca da (re) construção do teste. Nesse sentido, os professores enumeram vários fatores como produtivos: desenvolvimento da expressividade, leitura e escrita assim como do pensamento. E como dúvidas, os professores continuam demonstrando insegurança com relação às modificações propostas no teste.

#### **4.1.6 Roda de Formação 6: (re) construindo o teste classificatório**

Neste último encontro, realizado na manhã do dia 11 de março de 2017, começamos o nosso café com uma belíssima música de fundo, “Celebra la vida”<sup>40</sup>, de Axel Fernando. Pensei nessa música, por conter uma mensagem motivacional para os professores e por tratar-se de um tipo de texto, que também pode ser usado na prática pedagógica em sala de aula da EJA.

---

<sup>39</sup> APÊNDICE G.

<sup>40</sup> ANEXO G

Essa Roda de Formação tinha o objetivo de incorporar outras estratégias de avaliação dos alunos que ingressam na EJA na escola, e como o centro da nossa reflexão nesse momento é a avaliação, convidei os professores para sentarem-se em semicírculo para assistirem a apresentação de slides cujo título é “Professor sofre”, o qual trata de maneira bem humorada da questão do erro na avaliação dos sujeitos.

Logo em seguida, pedi aos professores que retomassem a atividade do encontro passado e dessem continuidade à elaboração das novas questões, a partir da perspectiva estudada, para os testes que seriam aplicados no 1º semestre de 2017. Ao término dessa proposta, recolhi as questões propostas, para compor a avaliação diagnóstica dos alunos.

Por fim foi servido o almoço, e pude realizar a entrega de uma caneta personalizada com o nome de cada um dos professores, como uma pequena lembrança das Rodas de Formação. Logo após, os professores responderam o questionário de avaliação corresponde a esta Roda de Formação. Nessa avaliação, procurei identificar as percepções dos professores no que se refere à utilização dos diversos tipos de texto nas disciplinas que lecionam, assim como quais contribuições percebem a partir dessa perspectiva. Os professores consideram importante o uso da leitura mais constante para ampliar a compreensão, inclusive de enunciados, além de permitir ao professor dinamizar suas aulas com outras possibilidades de atividades, mais interativas. Também destacam o compromisso com o professor de Língua Portuguesa, já que todas as disciplinas devem ser responsáveis por incentivar a leitura e a escrita e despertar esse interesse nos alunos. Nesse sentido, Antunes (2009, p. 187) menciona que a prática escrita como produção de aspectos discursivos não se limita somente a essa disciplina:

As competências em leitura, compreensão e escrita não se restringem às aulas de línguas. Em geral, o professor de qualquer disciplina apoia suas aulas em textos escritos (embora alguns sejam explicados oralmente), o que é facilitado até mesmo pela indicação de um livro didático específico. Lições de história, geografia, biologia, matemática, etc., para citar apenas esses, são apresentadas em gêneros expositivos, quase sempre, com imagens, quadros, gráficos, que precisam ser lidos, compreendidos, sumarizados, esquematizados, resumidos, em atividades que demandam refinadas estratégias de processamento de sentidos. Um problema de matemática, a análise de uma explicação de biologia, por exemplo, exigem o exercício de múltiplas interpretações, sem sucesso quando não se sabe mobilizar os diferentes tipos de conhecimento suscitados na atividade de leitura.

Os professores mencionam vários fatores que a utilização dos textos pode contribuir, pois a diversidade de possibilidades amplia o conhecimento dos alunos, lhes permite interpretar diferentes tipos de textos e fazer uso em qualquer disciplina, ampliando os horizontes e enriquecendo a produção textual. Como é possível observar nas falas abaixo:

1	<i>É uma boa ideia, pois os alunos precisam ler para compreender os enunciados. Muitas vezes pela falta de leitura isso fica difícil.</i>
2	<i>Acho muito boa, pois o professor não se prende só no livro didático e consegue ministrar uma aula dinâmica.</i>
3	<i>É muito bom mostrar para os alunos que eles podem se expressar textualmente nas diversas disciplinas.</i>
4	<i>Importante para que o aluno se interesse pela leitura.</i>
5	<i>Acredito que é fundamental a utilização de textos em todas as disciplinas, pois não cabe somente ao professor da Língua Portuguesa essa responsabilidade.</i>
6	<i>Acho que melhora, tornando as aulas mais dinâmicas, despertando muito mais interesse a todos, retirando aquela de ideia, de que para esta ou aquela disciplina tem que haver um tipo de texto.</i>

Ainda com a intenção de desconstruir que só o professor de Língua Portuguesa possui responsabilidade, com a leitura e a escrita dos seus alunos, Santos e Silveira (2012, p.1-2) reiteram:

Segundo as orientações apresentadas pelos PCN, todo professor, independente da sua área de formação, deve ter o texto como instrumento de trabalho. Este, por sua vez, deveria ocupar lugar de destaque no cotidiano escolar, pois, através do trabalho orientado para leitura, o aluno deveria conseguir apreender conceitos, apresentar informações novas, comparar pontos de vista, argumentar, etc. Dessa forma, o aluno poderá caminhar adiante na conquista de sua autonomia no processo de aprendizado. No entanto, o que se observa é que construir habilidades e competências que envolvam a leitura e a produção textual é papel atribuído apenas e tão somente aos professores de língua, limitando o espaço do texto na escola.

Enfim, encerro as análises das Rodas de Formação. Neste capítulo procurei evidenciar os aspectos mais relevantes de cada Roda de Formação continuada, trazendo as falas dos professores nos momentos das atividades propostas realizando um diálogo com os autores, buscando contextualizar a realização de cada proposta.

#### 4.2 CONVITE ACEITO: A EXPERIÊNCIA DE UMA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA RECONSTRUÍDA

Nesta seção procurei descrever os momentos que sucederam as Rodas de Formação. Pois o acompanhamento da aplicação dos testes, a correção dos mesmos e a posterior distribuição e classificação dos alunos nas diferentes totalidades, fazem parte do que me propus realizar nessa intervenção. Esse momento se deu a partir do seguinte cronograma:

13 e 14 de março de 2017- Aplicação dos Testes Classificatórios.
15 e 16 de março de 2017- Correção dos Testes pelos professores..
17 de março de 2017- Classificação e distribuição dos alunos nas Totalidades.

Após a intensa semana das Rodas de Formação, outra semana iniciou-se e o objetivo estava mais próximo de ser alcançado. Chegou o dia em que o teste<sup>41</sup> seria aplicado, após tantas discussões e reflexões acerca das questões que deveria conter, estava pronto para servir como avaliação diagnóstica dos alunos que estavam inscritos para ingressar na EJA, no primeiro semestre de 2017.

Essa seleção é realizada para atender a demanda educacional do município no que se refere à conclusão do ensino fundamental e se dá de acordo com as orientações da LDBEN (BRASIL, 1996):

**Art. 38º.** Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

**§ 2º.** Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Para essa seleção, tivemos 234 inscritos. Desse total, 86 pessoas não compareceram e três não foram selecionadas, pois não alcançaram os objetivos propostos na avaliação, e os outros 145 alunos foram aprovados e classificados nas totalidades 4, 5 e 6, conforme os resultados obtidos na avaliação que buscou contemplar as questões dissertativas com maior valor do que as questões de múltipla escolha.

Foram os próprios professores da EJA que aplicaram os testes nas salas de aula. Os alunos foram distribuídos nas salas para realização das provas em ordem alfabética, e cada professor ficou responsável por uma sala, com apoio da supervisão e coordenação pedagógica da escola, assim como da orientação educacional e direção. Com essa dinâmica de apoio, pude me fazer presente em

---

<sup>41</sup> ANEXO H.

todas as salas e, a partir dessa observação, posso afirmar que a grande maioria dos nossos alunos possuía idade entre 15 e 17 anos, e os demais eram maiores de idade, com apenas alguns adultos.

No momento da classificação dos alunos nas turmas, um dos fatores que foi considerado foi o número de acertos de cada estudante; nas questões de múltipla escolha, como descrito na tabela abaixo:

<b>Número de acertos</b>	<b>Classificação</b>
0-10	Desclassificado
11-22	Totalidade 4
23-35	Totalidade 5
36-45	Totalidade 6

Tabela 9 – Número de acertos para classificação.

Os professores dirigiram-se à sala dos professores em posse dos instrumentos de avaliação. Primeiramente, com o gabarito em mãos corrigiram as questões de múltipla escolha. Em seguida, separaram as provas dos alunos pelo número de acertos, conforme tabela acima.

Feito isso, os professores passaram a correção das questões dissertativas, e todos, independentemente da área de conhecimento, participaram desse momento. Os professores concordaram em acrescentar no teste seis questões textuais, na parte que ficou chamada interdisciplinar. Essas questões foram pensadas pelos professores em grupo, procurando contemplar a realidade dos mesmos, e exigiam que o aluno se posicionasse em relação a assuntos de sua vivência, como por exemplo: saneamento básico e moradias, assim como assuntos que são constantemente abordados pelos veículos de comunicação, como, por exemplo: dengue, período eleitoral, preservação do meio ambiente e envelhecimento da população.



- 1- “O crescimento desordenado das cidades invade áreas livres, áreas verdes e locais antigos, desrespeitando a história e a natureza do lugar.”



A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:

- a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia?
- 2- Além da precariedade ou falta de moradia, há outros desafios sociais enfrentados pelas cidades. Entre eles:
- Insuficiência ou baixa qualidade de hospitais, escolas, creches, etc.
  - Precariedade dos serviços de saneamento, como água tratada e encanada e coleta e tratamento de esgoto;
  - Falta ou precariedade de serviços de coleta de lixo, iluminação e pavimentação de vias públicas;
  - Sistema de transporte coletivo deficiente, além dos frequentes congestionamentos nas principais vias de circulação;
  - Elevados índices de violência.

Dos problemas sociais apontados acima, quais deles são observados na região onde você vive?

- 3- Explique, com suas palavras, de que maneira você contribui para a preservação do meio ambiente.
- 4- Diversas tecnologias desenvolvidas pelos seres humanos permitem obter a energia de fontes naturais. Entre elas as usinas eólicas e as usinas termelétricas:

Usinas Eólicas	Usinas Termelétricas
Os ventos giram as hélices da turbina e acionam o gerador. A energia cinética dos ventos conhecida como energia eólica, é convertida em energia elétrica.	A queima de um combustível fóssil, como o gás natural ou o carvão mineral, transforma a energia química em energia térmica. O calor resultante da combustão faz a água da caldeira formar vapor em alta pressão, como em uma panela de pressão. Ele gira a turbina conectada ao gerador.

- a) Entre as duas opções de geração de energia, qual dessas fontes **NÃO** polui o meio ambiente?
- 5- A dengue pode atingir brasileiros de todo o país. O modo mais eficaz de combater a dengue é eliminar o transmissor. Para isso é necessário interromper o ciclo de vida do mosquito.
- a) Quais são os cuidados que devemos seguir para evitar a propagação do mosquito?

5) Observe a charge a seguir e responda:




- a) Você se lembra dos candidatos em que votou nas últimas eleições municipais? Caso tenham sido eleitos, as promessas feitas em campanha estão sendo cumpridas?

Nessas questões, os professores elegeram alguns aspectos para avaliar, tais como: legibilidade, conteúdo e progressão, nas respostas redigidas pelos alunos. Os aspectos linguísticos foram avaliados mais atentamente pelo professor de Língua Portuguesa, que observou pontuação e ortografia. Nesse movimento de correção das provas, todos os professores tiveram contato com a maioria dos testes, e não ficou a cargo do professor de Língua Portuguesa exclusivamente a correção das questões textuais, já que todos os professores puderam avaliar as produções dos alunos. É válido destacar que os professores ficaram surpresos, pelo fato dos alunos responderem as questões dissertativas, pois temiam que essa inovação no teste com o acréscimo desse tipo de questões, não fosse bem recebida pelos sujeitos.

Nas questões textuais, portanto, realizou-se uma ponderação, ou seja, não foi considerado apenas o número de acertos na parte objetiva da prova para realizar a distribuição e classificação dos alunos nas diferentes totalidades. Os professores decidiram considerar o desempenho dos alunos nas questões dissertativas com maior peso. Essa decisão modificou a classificação dos alunos, pois houve casos de alunos que, por exemplo, atingiram na parte objetiva o número de acertos correspondente à Totalidade 4, porém demonstraram um bom desempenho nas questões dissertativas, então ocuparam uma vaga na totalidade 5. O mesmo aconteceu com um aluno (o número 5 das respostas abaixo) que havia ficado classificado na Totalidade 5 e, pelo seu excelente resultado na parte dissertativa, foi classificado na totalidade 6. Nesses casos, o inverso também aconteceu, pois de acordo com o número de vagas, para um aluno avançar, outro tinha que ser

reclassificado, e o fator determinante, nesse sentido, foi o desempenho dos sujeitos nas questões textuais, como aconteceu com o aluno 3 nas questões abaixo.

Abaixo três exemplos com as respostas dos alunos, na primeira questão do teste. Respostas que os professores avaliaram como incorretas. Na questão respondida pelo aluno 1 é possível observar que o aluno possui uma escrita ilegível, a qual nem permite que outros aspectos sejam avaliados. Na resposta do aluno 2, verificamos principalmente dificuldades ortográficas, assim como na terceira resposta. No entanto, este terceiro aluno procurou responder a pergunta com coerência.




A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:

a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia? <sup>?</sup>

os problemas é insetos os lixo os rados.

Aluno 1



A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:


a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia?

A LIPEZA E CUIDAR A NATUREZA:

NÃO PRECUDADA A NATUREZA

ETER A CIDA LI PA

Aluno 2




A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:

a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia?

muitas doenças de várias gravidades como uma dengue, mosquito da dengue porque tem plantas com água parada e também muita lama tem uma vida normal porque não tem água da torneira aqui e etc.

Aluno 3

Nesse sentido, logo abaixo, trago mais três exemplos de respostas dos alunos, as quais os professores julgaram corretas. É possível observar na resposta do aluno 4 uma escrita ortográfica correta, no entanto com falta de acentuação. Já na resposta do aluno 5, verificamos a preocupação do aluno com a acentuação, no entanto, uma falha na separação silábica da palavra “alagamentos”. E na escrita do aluno 6, verificamos dificuldades na concordância verbal e pontuação, porém demonstra ter compreendido a pergunta. Nas respostas dos três alunos foi possível observar aspectos em comum, como por exemplo, uma escrita legível, cujo conteúdo responde ao questionamento realizado.



A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:

a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia?

ACREDITO QUE FICAM VULNERÁVEIS A MUITAS DOENÇAS POR FALTA DE SANEAMENTO BÁSICO E OUTROS PROBLEMAS.

Aluno 4



A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:

- a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia?

Muita sujeira, falta de saneamento básico.  
 Muitos insetos, falta de estrutura para poder ter  
 ou fazer uma casa, e muitos perigos de alagame-  
 ntos com as chuvas porque normalmente moram em  
 barracos feitos de madeiras.

Aluno 5



A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:

- a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia?

A água que para nesses lugares acumula muito  
 inseto principalmente o mosquito da Dengue, e cheio  
 e muito desagradável para o ser humano e municipal-  
 mente a má vontade que os alunos de terem uma cidade  
 limpa com áreas e lugares lindos e limpos, porém  
 vivem em um ambiente desagradável cheio de lixo.

Aluno 6

Desse modo, seguindo os critérios de avaliação acima especificados, os 145 alunos que realizaram os testes, ficaram assim classificados e distribuídos nas diferentes Totalidades correspondentes aos anos finais do Ensino Fundamental na modalidade da Educação de Jovens e Adultos:

Totalidade	Número de alunos
Desclassificados	03
4	15
5A	29
5B	31
6A	39
6B	28

Tabela 10- Número de alunos em cada totalidade.

Quanto ao novo teste classificatório que foi elaborado pelos professores, a inserção de questões dissertativas, ou seja, aquelas que permitem avaliar a leitura e a escrita dos alunos foi o fator que merece destaque, pois nos testes anteriores nenhuma das questões possibilitava verificar a escrita dos sujeitos.

Nesse mesmo sentido de mudança, também é possível observar, ao comparar os testes anteriores, a formatação do novo teste: todas as questões de Língua Portuguesa trazem um tipo de texto diferente. Segue abaixo alguns exemplos:

**1- Leia o texto abaixo.**

**Sucuri-verde**

Esta cobra mede quase 8 metros e é uma das mais fortes e assustadoras da amazônia! Ela é capaz de comer quase todos os outros bichos da floresta, desde os pássaros e macacos que moram nas árvores até os bichos que vivem no solo e na água. E olha que a sucuri-verde nem é venenosa! Ela caça suas presas só com a força do seu corpo.

Qual é o assunto desse texto?

- (A) A moradia da sucuri-verde.
- (B) As características da sucuri-verde.
- (C) O tamanho da cobra.
- (D) Os bichos venenosos.

**3- Leia o texto abaixo.**

Os beija-flores ou colibris (como também são conhecidos) são as menores e mais leves aves do mundo. Talvez por viverem em climas tão diferentes é que existem mais de 350 espécies. O beija-flor gasta muita energia para voar tão rápido, por isso alimenta-se do néctar das flores doces. Para chegar ao néctar das flores o beija-flor usa a sua longa língua. O seu bico, muito fininho, pode chegar a ser tão comprido como o resto do corpo.

Qual é o assunto desse texto?

- (A) A língua das aves.
- (B) As flores doces.
- (C) O beija-flor.
- (D) Os climas.

5- Leia o texto abaixo.

**ALERTA**

**Brasil investiga dois casos de superbactéria**

Secretaria de Saúde de Campinas (SP) apura se moradores da cidade que estiveram na Alemanha estão contaminados. PÁGINA 7

Esse texto serve para:

- (A) deixar um recado.
- (B) divulgar uma campanha.
- (C) informar sobre uma doença.
- (D) vender um produto.

7- Leia o texto abaixo.

**Aii! Uii! Estou ardendo!**

Dias quentes e ensolarados têm tudo a ver com banhos de mar, de rio, de cachoeira... A gente se refresca, nada para lá, para cá... Agora, confesse: você nunca ficou ardido depois de um dia todo exposto ao Sol? Aposto que sim. Na nossa pele, há um tipo de célula conhecida como melanócito, que é responsável pela produção e acúmulo de melanina. Apesar de parecer nome de menina charmosa, a melanina é um pigmento. Isso quer dizer que ela dá a coloração típica de cada indivíduo (uns bem branquinhos, outros morenos, outros negros etc.).

No trecho "Isso quer dizer que ela dá a coloração típica de cada indivíduo...", a palavra "ela" está no lugar de:

- (A) célula.
- (B) melanina.
- (C) pele.
- (D) produção.

10- Leia o texto abaixo.

**Água cidadã**

A gente tem um monte de direitos, os animais também têm, mas e a água, será que ela tem direitos também? Tem sim, e graças à ONU! A Organização das Nações Unidas criou um documento chamado Declaração Universal dos Direitos da Água! Ele tem 10 parágrafos, todos explicando como ela é importante para o nosso planeta! O primeiro item diz, logo de cara, que a água é patrimônio do planeta, e que cada povo e cada nação são responsáveis por ela! Já o parágrafo 7 diz claramente que a água não deve ser desperdiçada, nem poluída e nem envenenada! Puxa, seria legal se todo mundo respeitasse essa declaração, né?

O assunto desse texto é:

- (A) a Declaração Universal dos Direitos da Água.
- (B) a Organização das Nações Unidas.
- (C) o direito do cidadão.
- (D) o respeito aos animais.

Na parte do teste destinada à Matemática é possível observar questões que exigem do aluno a resolução de problemas, muito semelhantes ao que realizam no seu dia-a-dia, assim como questões que envolvem tempo, peso, medidas e dinheiro, conceitos matemáticos que são relacionados às vivências dos sujeitos. Alguns exemplos abaixo:

16- Mauro comprou um tênis por R\$ 180,00, uma calça por R\$ 85,00 e uma camiseta por R\$ 49,00. Deu uma entrada de R\$80,00, o restante quer parcelar em três vezes. Quanto Mauro pagará em cada prestação?

a) ( )R\$80,00

b) ( )R\$78,00

25- Vitória está juntando dinheiro para comprar um fogão que custa 800 reais. Ela já conseguiu juntar 25% dessa quantia. Quanto Vitória ainda precisa juntar para comprar esse fogão?

(A) 200 reais.

(B) 250 reais.

(C) 400 reais.

(D) 600 reais.

27- Dois metros tem \_\_\_\_ centímetros:

(A) 100 cm;

(B) 250 cm;

(C) 200 cm;

(D) 1000 cm;

28- Duas horas tem \_\_\_\_ minutos.

(A) 160 minutos

(B) 120 minutos

(C) 60 minutos

(D) 180 minutos

29) Um quilo de açúcar tem \_\_\_\_ gramas :

(A) 500 gramas

(B) 2500 gramas

(C) 2000 grama

(D) 1000 gramas

Na parte destinada à História, a mudança que se observa é muito significativa, pois antes o teste trazia questões aleatórias tanto da História Geral como da História do Brasil, agora o teste traz questões da história do município de Jaguarão, como se pode observar abaixo:



**31)** A bandeira de Jaguarão é formada por três retângulos e no centro possui um brasão. Quais as cores da bandeira de Jaguarão:

- A( ) Verde, amarelo e vermelho
- B( ) Verde e amarelo
- C( ) verde e vermelho
- D( ) verde, azul e vermelho

**32)** A origem do nome do município de Jaguarão, está relacionada a uma lenda indígena, cujo animal símbolo chama-se:

- A( ) Jaguarão
- B( ) Jagua-ru
- C( ) Leão-marinho
- D( ) Onça

**33)** Jaguarão foi erigida a partir de um:

- A( ) Acampamento Indígena
- B( ) Acampamento militar
- C( ) Acampamento cigano
- D( ) Acampamento espanhol

**34)** Como chama-se o Clube social negro, o qual é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico do Estado (2012):

- A( ) Harmonia
- B( ) Caixeral
- C( ) Vinte e quatro de agosto
- D( ) Jaguareense

**35)** A ponte que liga a fronteira entre Jaguarão e Rio Branco, chama-se “Ponte Mauá” em homenagem à:

- A( ) General Artigas
- B( ) Irineu Evangelista de Sousa
- C( ) Carlos Barbosa
- D( ) Fávio Telis

Essa mesma modificação, também é possível ser observada tanto na parte de Geografia como na parte de Ciências: as questões abordam assuntos do espaço e do meio ambiente do município de Jaguarão.

**36)** O município de Jaguarão situa-se no extremo meridional do Brasil, na fronteira com qual país:

A(  ) Paraguai

B(  ) Uruguai

C(  ) Argentina

D(  ) Bolívia

**37)** O município de Jaguarão, possui de acordo com Censo (2010) em torno de :

A(  ) 20 mil habitantes

B(  ) 28 mil habitantes

C(  ) 32 mil habitantes

D(  ) 38 mil habitantes

**38)** A economia do município de Jaguarão é baseada na pecuária e na agricultura. Os principais cultivos são:

A(  ) arroz e feijão

B(  ) arroz e soja

C(  ) milho e trigo

D(  ) milho e soja

**39)** No município de Jaguarão, em qual bairro é possível ter uma vista panorâmica da cidade:

A(  ) Bela Vista

B(  ) Cerro da Pólvora

C(  ) Centro

D(  ) Keneddy

**40)** Jaguarão está localizado na parte mais meridional do Brasil, e está na rota do:

A(  ) IPHAN

B(  ) MERCOSUL

C(  ) LICEO

D(  ) ORIENTAL

**41)** A árvore símbolo do município, chama-se:

- A( ) Corticeira
- B( ) Anacauita
- C( ) Figueira
- D( ) Pitangueira

**42)** Jaguarão está localizado em qual região:

- A( ) norte
- B( ) sul
- C( ) nordeste
- D( ) sudeste

**43)** O rio Jaguarão nasce no município de:

- A( ) Aceguá
- B( ) Santana do Livramento
- C( ) Bagé
- D( ) Pelotas

**44)** O rio Jaguarão desagua na:

- A( ) Lagoa dos Patos
- B( ) Lagoa Mirim
- C( ) Arroio Grande
- D( ) Canal São Gonçalo

**45)** Jaguarão, está localizado no fronteira entre Brasil e Uruguai, como chama-se a cidade-gêmea deste município:

- A( ) Coxilha
- B( ) Rio Branco
- C( ) Melo
- D( ) Pelotas

Nessa parte objetiva foi possível observar que os alunos acertaram em torno de 50% das questões de Língua Portuguesa e Matemática e em torno de 75% das questões de Geografia, História e Ciências.

As questões acima exemplificadas foram propostas numa perspectiva de letramento das diferentes áreas do conhecimento, ou seja, exigiram dos alunos a leitura e a escrita não só nas questões de Língua Portuguesa. Esses conhecimentos foram necessários para realização de todas as questões, além de conhecimentos gerais.

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção de conhecimento se expressa por escrito. (GUEDES; SOUZA, 2006, p. 15)

Desse modo, é possível observar que muitas mudanças foram realizadas no teste classificatório para ingresso dos alunos na Educação de Jovens e Adultos, também é possível perceber o esforço dos professores em modificar as questões na tentativa de contextualizar o teste e aproximá-lo das vivências dos alunos.

Outro aspecto importante que deve ser ressaltado ao observar o teste é a perspectiva do letramento nas diferentes áreas do conhecimento, ou seja, incluir a possibilidade de ler e escrever em todas as disciplinas, pois conforme orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa:

Cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 30)

Com essa preocupação é que propus algumas modificações na avaliação diagnóstica para ingresso, classificação e distribuição dos alunos nas diferentes totalidades da Educação de Jovens e Adultos, numa perspectiva de letramento, dessa maneira, acredito que o objetivo geral da intervenção foi alcançado.

## 5 CONCLUSÕES

Nesta pesquisa me propus a realizar a formação continuada dos professores da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Affonso, na qual atuo como gestora. A minha decisão em optar por esse caminho da pesquisa, se deu em razão de observar alguns fatores na escola, no que se referia aos processos de *juvenilização* que as turmas de EJA vinham passando com mais intensidade nesses últimos anos. Em relação a esse aspecto, também pude observar algumas falas dos professores em relação a esse aumento do número de jovens nas classes de EJA em momentos como os intervalos e, principalmente, nos conselhos de classe.

Em vista disso, pensei que deveria de alguma maneira contribuir com esses professores. Então, a partir do diagnóstico da pesquisa, percebi a necessidade de realizar uma formação continuada com esses docentes, a qual levasse em consideração dois principais aspectos: o primeiro deles o instrumento de avaliação utilizado para classificar e distribuir os alunos nas diferentes totalidades e o viés do letramento nas diferentes áreas do conhecimento, de forma que se pudesse pensar na leitura e na escrita dos alunos em todas as disciplinas escolares.

Os encontros da formação continuada se deram numa perspectiva de Rodas de Formação. Essa opção foi realizada principalmente em razão de perceber a necessidade do diálogo constante entre os professores, e decidi prezar por isso, pois os professores têm raríssimas oportunidades de troca de conhecimento e experiências.

Considero que as Rodas de Formação contribuíram para o redimensionamento da avaliação diagnóstica dos sujeitos, assim como serviram para reflexão no que tange ao ensino da leitura e da escrita presente nas diferentes áreas de conhecimento, disseminando a compreensão de que os docentes possuem o compromisso de tornar os alunos leitores e escritores dos mais diversos tipos de texto.

Os professores participaram ativamente das atividades propostas nas Rodas de Formação, expondo seus posicionamentos, possibilitando a troca de saberes entre todos, demonstrando interesse na efetivação da prática de formação continuada na escola, como possibilidade de qualificação da prática pedagógica, como maneira de ampliar seus conhecimentos teórica e didaticamente, tendo em

vista que a maioria dos docentes não são pedagogos, mas professores de área específica do conhecimento.

Essa participação ativa dos professores na formação, realmente me surpreendeu, pois na posição que me encontrava, fui preparada para me deparar com mais resistência, pois além de estar ocupando a posição de formadora, propondo novas possibilidades para um instrumento que foi criado por eles, ainda era a diretora da escola. Fui franca com meus colegas sobre a necessidade da realização da intervenção, esclareci a eles a importância da participação deles para minha pesquisa e principalmente para qualificação do instrumento de avaliação diagnóstica da EJA em nossa escola, e o resultado foi este: uma participação ativa de todos os envolvidos.

Para que essa intervenção obtivesse sucesso, precisei me manter em constante leitura e reflexão sobre os instrumentos de coleta de dados gerados em cada Roda, relacionando as falas dos professores às contribuições teóricas dos autores que me acompanhavam nessa trajetória. Construir uma formação pedagógica continuada para professores com muitos anos de experiência nessa modalidade de ensino, não foi tarefa fácil, mas creio que consegui fazer com que refletissem sobre sua prática pedagógica, que revissem algumas informações e conceitos e que, principalmente, se dispusessem a contribuir com as novas possibilidades que eu estava propondo enquanto pesquisadora.

Nesse momento, quando estou encaminhando as últimas escritas deste relatório, sinto um misto de sensações com relação ao trabalho realizado, e o principal deles é o fato de ter consciência que demos um passo, que modificamos uma prática que estava arraigada na escola, mas que muito ainda precisa ser feito, muitas outras questões e aspectos merecem nossa atenção. Nossa reflexão e a necessidade de propor momentos como este que foi realizado, qualificaria imensamente o espaço escolar, a prática pedagógica dos docentes e principalmente os processos de ensino e aprendizagem dos sujeitos, o que culminaria possivelmente com a realização de uma educação de qualidade. Mas para que isso seja feito, penso que precisamos aliar dois fatores fundamentais: o primeiro deles é a valorização dos profissionais da educação e o segundo é essa aproximação da escola com a universidade que o Mestrado Profissional possibilitou.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **“Professores Reflexivos em Uma Escola Reflexiva.”** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de; GALIAZZI, Maria do Carmo. **A formação do professor em Rodas de Formação.** Revista Brasileira. Est. pedag., Brasília: v. 92, n. 231, p. 386-398, maio/ago, 2011. Disponível em: <[http://rodaeregistro.com.br/pdf/textos\\_publicados\\_3\\_rodas\\_e\\_narrativas\\_caminhos\\_para\\_a\\_autoria.pdf](http://rodaeregistro.com.br/pdf/textos_publicados_3_rodas_e_narrativas_caminhos_para_a_autoria.pdf)> Acesso em: 04/01/2016.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-22.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A dimensão relacional no processo de formação docente: uma abordagem possível.** In: BRUNO, Eliane B. Gorgueira. ALMEIDA, Laurinda R. de. 2006.

ALMEIDA, Laurinda R. de. CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (orgs). **O coordenador pedagógico e a formação docente.** São Paulo: Loyola, 2006.

ANDRADE, Eliane Ribeiro; BRENNER, Ana Karina; NETO, Miguel Farah. **Contribuições do Brasil no Âmbito da Iniciativa de Alfabetização para o empoderamento. (LIFE – LITERACY INITIATIVE FOR EMPOWERMENT).** 2011.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino.** São Paulo: Parábola, 2009.

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** Caderno de textos: 1ª Conferência Municipal de Educação de Contagem – MG. p. 39-56. Contagem, MG. 2005.

BARBOSA, Jane Rangel Alves. A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo: Um Desafio para o Educador. Democratizar , v .II , n .1 , jan./abr. 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: Acesso em 07 mai. 2013.

BRASIL. Ministério da saúde. DATASUS. **Taxa de Analfabetismo População acima de 15 anos.** Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?ibge/censo/cnv/alfbr.def> Acesso em: 10/06/2015.

BRASIL. SIMEC/MEC- Indicador 9B- **Taxa de analfabetismo funcional da população de 15 anos ou mais de idade.** Disponível em: <http://simec.mec.gov.br/pde/graficopne.php> Acesso em: 10/06/2015.

BRASIL. **Programa Brasil Alfabetizado- Orientações sobre o Programa Brasil Alfabetizado.** Brasília, 2011.

BRASIL, Lei n.5692. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

BRASIL. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA: Caderno 1**. Brasília, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_caderno1.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf). Acesso em 10/11/11.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1997

BRASIL. **Ler e escrever: compromisso da escola**. 2002

BRASIL, Lei n.13005. **Plano Nacional de Educação**, 2014.

CARRANO, Paulo César. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”**. In: REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e adultos, v. 1, ago. 2007. Belo Horizonte.

CUNHA, Conceição Maria da. **Introdução – discutindo conceitos básicos**. In: SEEDMEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem linguística, pedagógica e social**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

DAMIANI, Magda. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP- Campinas: 2012.

DAMIANI, Magda et.al. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas: [45] 57–67, maio/agosto 2013.

DI PIERRO, M.C; HADDAD, S. **Escolarização de jovens e adultos**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 14, 2000.

FERRARI, S. C. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** 2011. Disponível em: [http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/Revista\\_ShirleyCostaFerra.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf) . Acesso em: 11/11/2015.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de (Org.). A Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GADOTTI, Moacir, 2009. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Luanna Priscila da Silva. BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. A produção textual nas diferentes áreas: quais orientações os parâmetros curriculares nacionais apontam? (2011).



GRAFF, Harvey J. **O mito do alfabetismo**. Teoria & Educação. Porto Alegre, n. 2, p. 30-64, 1990.

GUNTHER, H. (2003). **Como elaborar um questionário**. (Série planejamento de pesquisa nas ciências sociais, Nº01). Brasília, DF: UnB, Laboratório de psicologia ambiental. URL: [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lapsam/Texto\\_11\\_-\\_Como\\_elaborar\\_um\\_questionario.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lapsam/Texto_11_-_Como_elaborar_um_questionario.pdf)

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari de. **Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de Português; Não apenas o texto mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de Português**. In:\_\_\_\_. Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2006. p.15-20, 137-156.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

JORBA, Jaume e SANMARTÍ, Neus. A função pedagógica da avaliação. In: Ballester, Margarita et al. Avaliação como apoio à aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2003, p.23-45.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 1995. (Letramento, Educação e Sociedade).

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari et all. **Necessidades formativas e formação continua de professores de redes municipais de ensino**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 33, 2010, Caxambu. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT08-6543--Int.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOLL, Jaqueline org. **Educação de Jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

- MOLLICA, Maria Cecília. **Letramento em EJA**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C.. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.
- MORTATTI, M. R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- MORETTO, Vasco Pedro. **“Prova um momento privilegiado de estudos e não um acerto de contas”**. DP&A Editora, RJ, 2005.
- NEVES, Iara C. B. et alli.(Orgs.) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Regina Silva de. **Formação continuada: espaço de provocações, reflexões e construção de saberes**. 2014.
- PAIVA, Jane. **Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2009.
- PALANDRÉ, Nilcéa Lemos. AGUIAR, Paula Alves. Práticas de letramento na educação de jovens e adultos. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v.6, n.2 (55-65), jul-dez, 2009.
- RIBAS, M. H. **Construindo a competência: processo de formação de professores**. Olho d’água: São Paulo, 2000.
- RIBAS, M.S; MESQUIDA, P. **Políticas públicas e a formação de professores para atuar na educação de jovens e adultos**, 2013.
- RIBEIRO, Vera M. M. **Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. São Paulo: Ação Educativa, 1997. RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cad. CEDES, vol.21 nº 55. Campinas. Nov.2001. Disponível <http://www.scielo.com.br>.
- RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa**. Educ. Soc., Dez 1997.
- SANMARTÍ, Neus. **Avaliar para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SANTOS, R. C. G; VARGAS, G. C. R; VARGAS, F. F. G. R. **História da educação de adultos no Brasil (1549-1998)**. In: Lutas e conquistas da EJA: discussões acerca da formação de professores em educação de jovens e adultos. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.
- SANTOS, H.A; SILVEIRA, S.P.B.B. **A importância da utilização do texto e a articulação entre as áreas de conhecimento**. (2012)
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Editora Artes médicas sul Ltda, 1998.

SAVIANI, Demerval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro.** Revista Brasileira de Educação v. 14, n. 40, Rio de Janeiro: jan/abr 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782009000100012>>; Acesso em: 06 jan 2016.

SOARES, Magda. B. **“Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas.”** Revista Brasileira de Educação, (0) 5- 16, Belo Horizonte, Anped, set./out./nov./dez. 1995.

SOARES, L. J. G. **A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais.** Revista Presença Pedagógica, v. 2, n. 11, Dimensão, set/out, 1996.

SOARES, M.B. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autentica, 1998.

SOARES, M.B. (2003). **Alfabetização: a ressignificação do conceito.** Alfabetização e Cidadania, nº 16, p 9-17, jul.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, n.25, jan.-abr./2004.

SOARES, M. **Letrar é mais que alfabetizar.** Jornal do Brasil, 26 nov. 2000. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/%7Eedpaes/magda.htm>. Acesso em: 03/08/2016.

SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, O. M. C. G. de, ALBERTO, M. de F. P. **Trabalho Precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes.** Psicologia em estudo. Maringá, v. 13, n. 4, p. 713-722, out-dez, 2008.

STREET, B. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. Apresentado durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre ‘Letramento e Diversidade,** outubro de 2003. Disponível em: Acesso em 27/08/2016.

TFOUNI, Leda V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso.** Campinas: Pontes, 1988.

VOGT. Grasiela Zimmer. **Reunião pedagógica: a formação continuada no espaço escolar.** 2012

## APÊNDICES

### APÊNDICE A- Questões do vídeo “Vida Maria”.

Vídeo Vida Maria 06/03/2017			
Professor	Questão 1	Questão 2	Questão 3
	<b>Quais as semelhanças e diferenças entre o contexto apresentado no vídeo e a nossa realidade de Jaguarão?</b>	<b>Qual o significado e a importância atribuídos a leitura e a escrita atualmente pelos jovens e adultos da nossa realidade?</b>	<b>Qual o significado de ler e escrever na vida daquelas pessoas?</b>
<b>1</b>	Ainda existem muitas famílias que não dão valor a necessidade e a importância para que seus filhos estudem, lutem para que tenham uma profissão melhor.	O importante para eles é concluir o ensino fundamental.	Eu acredito que teriam uma vida melhor, iriam para a cidade, conquistando um bom emprego, se estudassem. Mas para os pais o trabalho era mais importante.
<b>2</b>	As semelhanças são que ainda existe um certo preconceito das pessoas mais desinformadas em relação à educação de jovens. Também pensam que o estudo de uma criança está diretamente relacionado a não ter trabalho para realizar. Quanto às diferenças, penso que está mudando um pouco esta realidade em Jaguarão, porque o problema, está sendo debatido, o que tende a provocar mudança.	Elas auxiliam no crescimento, quanto aos conhecimentos gerais do aluno. A leitura faz o jovem aprender mais e resolver melhor os seus problemas do cotidiano; a escrita faz o jovem aprender mais, mas também faz com que a pessoa desenvolva melhor aquilo que pensa e possa passar aos outros aquilo que tem em mente.	No vídeo, a escola e a educação pouco ou nada representavam, mas ler abre muitos horizontes para uma pessoa ter sucesso na vida. O conhecimento está diretamente ligado à leitura e há a transmissão do que se lê quando se escreve um texto, por exemplo.
<b>3</b>	Semelhanças: ainda existem famílias que não dão prioridade à leitura e escrita, a escola como visão de futuro. Diferenças: não existem.	Atualmente os jovens estão inseridos em um contexto de visão digital, existe uma substituição muito grande, mas ainda é importante a escrita.	Não tem significado nenhum. Ler e escrever não tem a menor importância. O importante é o trabalho diário.
<b>4</b>	Diferenças: acredito que hoje em dia as pessoas estão muito mais esclarecidas e evoluídas quanto a total importância de uma	-	Eles não tinham esta visão do quanto importante é a leitura e a escrita. Para eles o que importa é o trabalho.

	boa educação e ao estudo, e o quanto isto faz diferença em todos os aspectos de sua vida. Semelhanças: infelizmente algumas pessoas ainda não.		
<b>5</b>	Hoje em dia, ainda encontramos famílias com a mesma realidade do vídeo. Talvez não tenhamos famílias tão numerosas, mas a importância do estudo também não é dada.	Hoje vivenciamos jovens com curso superior ou no ensino médio com muita dificuldade de escrita e leitura.	Não tinha importância, as tarefas do dia a dia, a sobrevivência era mais importante. Ler e escrever não era fundamental.
<b>6</b>	As semelhanças são muitas, principalmente entre as famílias mais antigas em que os pais não deixavam os filhos estudarem por ignorância, por acharem que o estudo não tinha importância, que as mulheres eram criadas para serem donas de cada. Hoje em dia já mudou muita coisa.	Acredito que hoje já é diferente, os pais que estudaram pouco e querem dar uma vida melhor aos filhos, incentivam ao estudo. Porém aqueles que pensam diferente como não tiveram estudo acreditam que os filhos não precisam.	Não tinha significado nenhum, mas acredito que seja pela ignorância, a falta de conhecimento do outro lado a partir do estudo.
<b>7</b>	Semelhanças: ainda existem famílias com a visão de que estudar não é importante, não enche barriga (alimento). Diferenças: hoje em dia as pessoas têm mais facilidade e acesso à escola. Independente da dificuldade, a grande maioria procura estudar.	É uma habilidade que ainda não tem grande importância para eles, já que as redes sociais mostram bem isso no momento em que eles têm que se expressar e escrever, ou seja, colocar o pensamento.	Para eles ler e escrever não tinha valor, o importante mesmo era fazer as tarefas da casa ou do campo.
<b>8</b>	Ainda hoje, vemos algumas famílias pensando e agindo como no vídeo apresentado, apesar de toda uma transformação da sociedade em relação à importância dos estudos.	Na grande maioria podemos dizer que os jovens e adultos sentem a necessidade da leitura e da escrita, pois hoje a comunicação entre eles depende desses fatores.	Não era o mais importante. Era considerado bobagem. Ler e escrever, naquele contexto não acrescentaria à família o que eles precisavam para subsistir.
<b>9</b>	Famílias com muitos filhos, tendo os mais velhos que trabalhar para ajudar no sustento da família e acabam deixando os estudos de lado.	Eles precisam aprender para terem um futuro melhor e conseguir bons empregos.	Para aprender assinar o nome.

## APÊNDICE B- Questões do 3º momento da Roda de Formação do dia 06/03/2017

<b>3º momento- 06/03/2017</b>				
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>	<b>Questão 4</b>
	<b>Quantos desses são nossos alunos na EJA?</b>	<b>O que tu entendes como alfabetização?</b>	<b>Quando um sujeito pode ser considerado plenamente alfabetizado?</b>	<b>Tu consideras os alunos que ingressam na EJA plenamente alfabetizados?</b>
1	Grande maioria.	É a apropriação da linguagem, da escrita, da leitura e de todo um contexto que envolve o mundo letrado.	Quando já é capaz de ler, escrever, interpretar e fazer relações com a vida e experiências.	Acho que podemos encontrar alunos que ainda não são completamente alfabetizados.
2	Alguns apenas, a maioria são jovens ignorados pelas escolas por diversos motivos, como disciplinas.	É ensinar a pessoa a ler, escrever e entender o que ele lê e escreve.	Quando sabe ler, escrever e interpretar o que lê e escreve e ainda aplicar esses conhecimentos no seu cotidiano.	Não, apenas alguns.
3	80% deles são desses funcionais.	O aluno que lê, que escreve com fluência e realiza atividades.	Quando ele lê escreve e interpreta o que lê.	Nem todos.
4	A grande maioria dos nossos alunos.	Acredito que seja apenas ler e escrever sem dificuldades, mas o saber interpretar e se posicionar, aplicando corretamente este aprendizado.	Quando ele consegue se apropriar da escrita e da leitura, e fazer uso dessa linguagem plenamente.	Infelizmente não.
5	A maioria, pelo menos atualmente.	A pessoa alfabetizada é aquele que sabe ler e escrever, que consegue captar o que leu.	Quando ele consegue ler e decodificar o que leu.	Não, eles vem com muitas falhas principalmente na leitura e interpretação.
6	Uns 40%.	É o processo de elaborar a linguagem através de símbolos linguísticos.	Quando além de ler sabe interpretar textos.	Apresenta dificuldades mas alguns conseguem.
7	A grande maioria.	Hoje, alfabetização vai além do simples fato de decodificação.	Quando tem a capacidade de ler, interpretar e compreender.	Não.

## APÊNDICE C- Questões do 4º momento da Roda de Formação.

<b>4º momento 06/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>O que leva esses sujeitos migrarem para as classes de EJA?</b>	<b>Por que ingressam na EJA?</b>	<b>Como esses sujeitos se relacionam com o saber?</b>
1	Distorção de idade X série, evasão escolar, problemas com disciplina.		Com dificuldade.
2	Uma das questões é a idade, outra o horário e ainda a indisciplina na escola de origem.		Alguns tem interesse em acrescentar conhecimentos, outros, apenas obter um certificado escolar.
3	A idade e o atraso no aprendizado.		
4	Acredito que são diversos fatores: alguns começam a trabalhar no período diurno, outros por falta de motivação acabam abandonando a escola e só depois de algum tempo decidem retornar.		Através de leituras, telejornais...
5	A indisciplina, que o deixa incapacitado de aprender e faz com que reprove muitas vezes até ficar com a idade em que o diferencie dos demais.		Com muita dificuldade, porém quando se vêem em turmas com alunos adultos acabam interagindo e levando a sério o saber.
6	Dificuldades de adaptação no ensino regular.		Apenas aprendem o que é básico, sem aprofundamento do estudo.
7	A idade imprópria para as classes regulares, a desmotivação, o desinteresse.		Com dificuldade, pois devido aos sucessivos fracassos de acham incapazes.

## APÊNDICE D- - Questionário de avaliação da Roda de Formação.

Avaliação da Roda de Formação

06/03/2017

Emite tua avaliação sobre a formação de hoje, registrando abaixo tuas percepções:

Quais as considerações produtivas desse encontro?



Esperava mais sobre...



Quais tuas sugestões para os próximos encontros?





<b>Avaliação da Roda de Formação- 06/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>Quais as considerações produtivas desse encontro?</b>	<b>Esperava mais sobre...</b>	<b>Quais tuas sugestões para os próximos encontros?</b>
1	O que eu acredito que seja produtivo é o encontro de várias pessoas, a troca de ideias, de experiências...	Todos os assuntos tratados foram importantes.	-
2	Acho importante, pois sempre tem assuntos para debater.	Como foi o primeiro encontro, nos outros iremos discutir vários assuntos.	Debater a realidade, como trata-los e etc.
3	Os debates sobre a nossa realidade dos alunos do EJA, em relação com o passado que se repete.	Não tenho nada a acrescentar.	Como resgatar esses alunos que evadem.
4	Propiciar a troca de ideias entre os colegas. Achei ótimo!	Contemplou minhas expectativas.	Que continue como a de hoje.
5	Muitas. Principalmente o dialogo entre colegas.	Está muito bem, muito interessante.	-
6	Falamos e ouvimos experiências sobre o ensino do EJA.	Tudo ótimo.	Nenhuma, tudo muito bom.
7	É importante debatermos assuntos sobre nossos jovens, assuntos os quais muitas vezes até por falta de tempo não são trabalhados.	Achei toda a formação bem interessante e esclarecedora.	-
8	Gostei muito, principalmente como foi dado o enfoque. Tema muito importante.	Fiquei surpresa!!! Gostei muito.	Que sejam feitos do mesmo modo, com a participação de todos.
9	Uma boa forma de todos emitirem opiniões, uma grande satisfação através da integração entre colegas de trabalho.	Técnicas para desenvolver aulas produtivas; como trabalhar com um aluno-problema.	Espero muito, desses ricos encontros.

**APÊNDICE E- Questões do 2º momento da Roda de Formação do dia 07/03/2017**

<b>2º momento 07/03/2017</b>					
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>	<b>Questão 4</b>	<b>Questão 5</b>
	<b>O que tu entendes por letramento?</b>	<b>Qual a diferença nos processos de alfabetização e letramento?</b>	<b>Nossos alunos da EJA, estão avançando em seu processo de letramento?</b>	<b>O que tu entendes por funções sociais da língua escrita? Que funções seriam essas?</b>	<b>Na sua disciplina, quais conteúdos ou atividades poderiam ser trabalhados numa perspectiva de letramento?</b>
1	Práticas sociais em que as pessoas estão inseridas e relacionam com símbolos, códigos, com o mundo escrito.	Letramento: individuo está inserido, desde seu nascimento, com letras, símbolos, placas, rótulos. Alfabetização: ele adquire quando se própria da leitura e escrita.	Acredito que sim.	Comunicação, as pessoas podem trocar experiências através da escrita, ainda mais com a evolução da internet,	-
2	O entendimento de leitura, que o individuo tem através dos códigos, como desenhos, cartazes, logomarcas.	Na alfabetização a pessoa tem que aprender a ler e escrever e no letramento ele entende o faz a leitura através de códigos.	Acredito que sim, pois a tecnologia e a mídia avançam rapidamente nessas questões.	O poder da comunicação. A interação com o meio social.	Cubos coloridos, gráficos, quem sabe...contas resolvidas mentalmente.
3	Aquele aluno que lê e interpreta o que lê.	Alfabetização é ler e escrever e letramento é ler, escrever e interpretar através de imagens.	Um pouco.	Que o aluno que lê tem mais conhecimento do que se passa ao seu redor. Não se deixa ser enganado e entra em discussão sobre qualquer assunto.	Questões voltadas ao cotidiano do aluno, como meio ambiente, saúde, corpo humano e etc.
4	-	Alfabetização é saber ler,	Oportunidades	-	-

		escrever, interpretar... Letramento é a utilização do conhecimento até mesmo através de códigos que não são necessariamente algo escrito.	para isso são ofertadas, porém depende da força de vontade de aprender de cada um deles.		
5	Letramento é quando uma pessoa não precisa passar pela escola para reconhecer certas situações, como por exemplo, um uma cidade grande reconhecer o ônibus que a leva para seu bairro.	Alfabetização é quando a pessoa precisa passar pela escola para aprender a ler e escrever.	Sim, aqueles que têm um objetivo e que vem para a escola com esse intuito sim.	Funções sociais seriam os benefícios que se usa com o que se aprende. Fazer uso daquilo que aprendeu para seu benefício.	Na área em que eu atuo pode ser apresentar um texto em que eles possam fazer não apenas uma leitura, mas sim uma interpretação do tema em questão.
6	É a capacidade de ler as ideias de um texto.	Na alfabetização, existe a leitura da palavra; no letramento, é lido o assunto, a profundidade, o tipo de texto.	Terão que evoluir muito, pois fazem uma leitura, pela alfabetização.	-	Linguagem culta e coloquial, linguagem verbal e não verbal, sentido próprio e figurado.
7	Preciso mais esclarecimentos.	-	Pouco	Entendo que seja uma função primordial, uma vez que as mídias colocam muitas vezes as notícias, reportagens, etc., com a visão do próprio jornalista e cabe ao leitor fazer a sua interpretação e posicionar-se.	Participação em rodas de leitura dos conteúdos, questionamentos, dar ao aluno oportunidade expressar-se e colocar sua opinião.

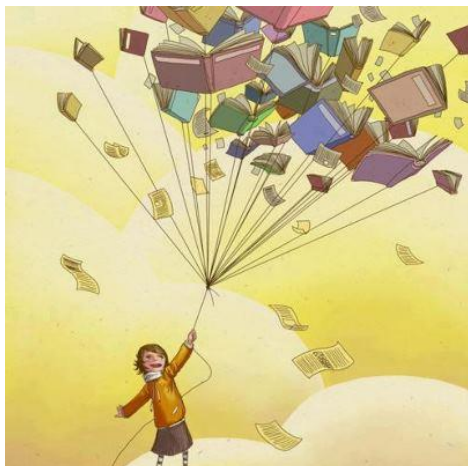
**APÊNDICE F- Questionário de avaliação da Roda de Formação.**

Avaliação da Roda de Formação

07/03/2017

Emite tua avaliação sobre a formação de hoje, registrando abaixo tuas percepções:

Quais conhecimentos chegaram para auxiliar?



O que faltou nesse encontro...



O que gostaria de sugerir para as próximas rodas de formação?



<b>Avaliação da Roda de Formação- 07/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>Quais conhecimentos chegaram para auxiliar?</b>	<b>O que faltou nesse encontro...</b>	<b>O que gostarias de sugerir para as próximas rodas de formação?</b>
1	A diferença entre letramento e alfabetização que já estava clara no meu conceito, mas que eu não conseguia de fato explicitá-los.	Acredito que estava tudo de acordo com o proposto.	Apenas, que as perguntas já venham prontas em uma folha para que não roube tempo no encontro.
2	a como tratar aquele aluno que chega à EJA, que conhecimento ele tem sobre leitura e escrita e como ele vai chegar no final da totalidade.	Acredito que o conteúdo foi bem colocado.	Não tenho sugestão para o momento.
3	Muitos conhecimentos, a troca de experiências só nos faz crescer, olhando pelo olhar do outro se começa a fazer uma reflexão para nosso próprio olhar a respeito de um tema.	Não faltou nada.	Deixo a critério da professora.
4	Achei interessantes os conceitos sobre alfabetização e letramento.	Esclarecer um pouco mais sobre letramento.	Nada a acrescentar.
5	Texto de apoio, slides com apresentação debates, enfim...diversos instrumentos úteis os quais nos fizeram rever alguns conceitos e aprender novos conceitos.	Apreendi muita coisa com a formação, acredito que não faltou nada.	Deixo a critério da professora.
6	As discussões sobre o EJA, os alunos e sobre a alfabetização e o letramento.	Acredito que tudo foi bem trabalhado e discutido.	Gosto muito de músicas e vídeos para acrescentar a discussão ou até filmes!
7	Penso que as diversas atividades, quanto ao aspecto didático e o clima descontraído nos contagiaram para futuras atividades docentes.	Não vejo faltas nesse encontro. As deficiências vão aparecendo a medida que nos aprofundamos nos objetivos.	Trabalhos desse tipo tendem a enriquecer o trabalho docente; sugiro que sejam feitos mais seguidamente trabalhos desse gênero.

**APÊNDICE G- Questões do 3º momento do dia 08/03/2017**




<b>3º momento 08/03/2017</b>				
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>	<b>Questão 4</b>
	<b>Avaliar é...</b>	<b>Quando se avalia na escola?</b>	<b>Como os alunos percebem a avaliação?</b>	<b>O que pensam a respeito da avaliação?</b>
1	Tomar conhecimento do que os alunos entenderam.	A avaliação escrita é feita ao final de cada bimestre ou trimestre, de acordo com o calendário escolar, mas deveria ser diária.	Sempre ficam temerosos e aflitos.	Eu penso que a avaliação deve ser feita diariamente pelo professor sem que os alunos tenham que passar por esse processo que para eles é angustiante.
2	Verificar se a aprendizagem realmente aconteceu, se o aluno alcançou os objetivos que foram propostos.	Na escola a avaliação é diária, ou deveria ser, como o aluno se desenvolve a frente das questões propostas, sua interação, seu desempenho, sua responsabilidade. Acredito que provas e trabalhos não são suficientes.	Os alunos percebem quando são cobrados em sala de aula, quando o professor faz suas exigências, é um momento de tensão.	Acredito que os alunos não gostam de serem avaliados, que o processo avaliativo poderia ser diferente e não somente através de provas.
3	Tornar de conhecimento do professor a aprendizagem do aluno, levando em consideração a bagagem do mesmo.	Deveria se avaliar diariamente.	Através das provas e trabalhos.	Para o aluno é o momento mais complicado, pois tem que realizar provas e trabalhos. E nem sempre ele esta pronto, naquele momento muitos “decoram” e isso não é aprendizagem.
4	Medir, com instrumentos o desenvolvimento das	Em todos os momentos, ou deveria ser assim.	Como algo assustador, que causa medo e traz	Não gostam, ser avaliado provoca mudança de

	atividades propostas, sendo esses instrumentos variados e usados em momentos diferentes durante o processo ensino aprendizagem.		ansiedade.	comportamento. Quando são sabedores da avaliação, reagem de modo diferente, muitas vezes superam as expectativas.
5	Medir a capacidade de conhecimento, ou seja, aprendido.	Avalia-se a todo momento, através de duas manifestações quanto ao conteúdo aplicado e aplicações de trabalhos e testes.	Percebem através dos trabalhos e testes.	É uma maneira de medir seu conhecimento.
6	Identificar as habilidades dos alunos, cada um com suas características, experiências e bagagem cultural, sendo inserido no processo de aprendizagem.	A avaliação, na escola, deve ser feita diariamente. Todos estamos em constante aprendizado e com o aluno não é diferente. Avaliação deve ser continuada e em todos os aspectos.	Isso depende de qual avaliação está sendo usada. Atualmente eles percebem somente no momento em que fazem provas.	O que eu vejo são alunos nervosos, até mesmo ficando em pânico por que estão sendo avaliados através de provas somente, sem dar importância à todo o seu desenvolvimento diário.
7	É avaliar o conhecimento que a pessoa adquiriu no desenvolvimento de uma tarefa.	Quando se faz uma prova ou trabalho.	Nos finais dos bimestres depois que foram aplicadas provas quantitativas e muito pouco qualitativas.	Deve ser um conjunto de fatores no qual você analise o aluno desde o desenvolvimento de tarefas como sua participação em sala de aula e o seu entendimento do cotidiano que foi desenvolvido. Que sua avaliação seja feita através de nota da prova e só.
8	Acompanhar o aluno no seu	É quando se dá ao aluno	Quando eles são	São formas de o aluno

	desenvolvimento, verificando os diversos conhecimentos do aluno, numa perspectiva de leitura, através do letramento de cada um, inserindo esse educando na sua realidade social.	possibilidades dele responder a partir de sua realidade cognitiva através de seu contexto social.	induzidos a responderem aquilo que precisam pensar e trazer para o professor, o que aprenderam anteriormente.	demonstrar o que aprende ao longo de um estudo.
9	Poder testar o que os alunos conseguiram assimilar para si sobre o conteúdo que foi transmitido/ensinado em sala de aula.	O processo de avaliação tem que ser contínuo, e não apenas em época de provas e trabalhos, desse jeito é possível uma avaliação mais proveitosa e coerente.	Como algo assustador, muitas vezes.	Uma forma de serem desafiados sobre o que realmente conseguiram aprender.



**APÊNDICE H-** Questionário de avaliação da Roda de Formação.

<b>Avaliação da Roda de Formação</b> 08/03/2017	
<b>Emite tua avaliação sobre a formação de hoje, registrando abaixo tuas percepções:</b>	
<p>Quais conhecimentos vieram à tona sobre avaliação?</p> 	
<p>O que faltou aprofundar nesse encontro?</p> 	
<p>O que gostarias de sugerir para a próxima Roda de Formação?</p> 	

<b>Avaliação da Roda de Formação- 08/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>Quais conhecimentos vieram à tona sobre avaliação?</b>	<b>O que faltou aprofundar nesse encontro?</b>	<b>O que gostarias de sugerir para a próxima roda de formação?</b>
1	Novas formas de avaliação foram vistas, numa perspectiva mais ligada ao dia a dia, ao invés da avaliação tradicional, feita no final de uma parte, auxiliaram muito a todos, dando uma nova visão do assunto.	Não vejo falta, por que tudo foi bem abordado com a participação coletiva dos presentes.	Estudos como este trazem grandes possibilidades de reflexão aos educadores. Gostei!
2	As maneiras diversas que podemos avaliar nossos alunos e como fazer para que nossos alunos tenham e sejam mais felizes e confiantes nesse processo.	Foi muito bom, conversamos e discutimos e foi bem agradável.	Um filme quem sabe?
3	O trauma que o aluno e a família tem quando chega o dia da “prova”.	Acredito que o encontro foi legal e conseguiu atingir os objetivos propostos.	Os encontros tem sido de ótima escolha, temos bem direcionados, assim não sugiro nada diferente.
4	Foram vários e acredito que deveria ser passado para outros turnos, pois esse tema avaliação é muito importante.	Eu adorei o encontro e acredito que avaliação é uma tema muito abrangente e sempre terá o que discutir.	Que tenha um “mini resumo” dos dias anteriores para quem não pode participar de todos os dias.
5	A importância de avaliar todos os momentos dos alunos.	Acho que ficou claro, todos os assuntos foram bem discutidos.	-
6	Que devemos ter uma visão mais ampla quando vamos avaliar nossos alunos e não só em provas e trabalhos, mas sim num todo.	Outros tipos de avaliações.	Não tenho nenhuma sugestão no momento.

7	Foi possível constatar que meu pensamento sobre “como avaliar” estava correto, ou seja, este deve ser feito diariamente/periodicamente, e não apenas usando provas e trabalhos como tal instrumento.	Não faltou nada. Adorei a formação!	Não teria nada que eu gostaria de sugerir.
8	Que ela é constante e diária. Deve ser levado em conta toda a bagagem trazida pelo aluno.	Nada.	Exemplos de provas, aplicadas em turmas para o ingresso na EJA.
9	Que a avaliação deve ser contínua e cumulativa. Só que na verdade, ainda não nos apropriamos dela, infelizmente.	Achei tudo bem esclarecedor.	Que o tema continue sendo debatido.

## APÊNDICE I- Questões do 2º momento da Roda de Formação do dia 09/03/2017.

<b>2º momento 09/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>Na tua disciplina, é possível instigar os alunos a serem leitores e escritores?</b>	<b>Quais tipos de texto podem ser utilizados na tua aula?</b>	<b>Na tua disciplina, é possível possibilitar aprendizagens que envolvam a leitura e a produção textual?</b>
1	Sim, a leitura seja ela de textos, jornais, obras literárias enriquece a vida das pessoas, basta começar com os incentivos e ver qual o tipo de texto que o aluno mais gosta ou se interessa.	Charges, crônicas, imagens, músicas, poesias, obras literárias.	Sim, acredito que é possível desenvolver atividades com a leitura na maioria das disciplinas.
2	Sim, sempre incentivando-os a ler, iniciando com leituras do seu interesse.	Diversos, como jornais, revistas, livros, reportagens, anúncios.	Sim.
3	Sim, acredito que em todas as disciplinas podemos aproveitar na sala de aula, leitura, interpretação, etc.	Em inglês pode se usar traduções de algumas palavras, retiradas de qualquer texto ou enunciado; rótulos, imagens, etc.	Sim, sempre é possível.
4	Sim, na matemática para descobrir a porcentagem, resolvendo problemas e etc. Em religião textos sobre vários assuntos atuais.	Textos sobre: vendas de casas, terrenos, automóveis, quantidade de habitantes, medidas, quilometragem e etc.	Sim.
5	Sim, em ambas, pois estando atualizadas com as notícias poderão comparar que mudanças ocorrem ao longo dos tempos. Escrevendo estarão colocando sua opinião sobre os fatos.	Notícias de jornais e revistas.	Sim, o ler as notícias, fazer comparações e expressar sua opinião.
6	Sim, redigindo pequenos textos, utilizando o vocabulário já conhecido ou dramatizando situações diárias.	Diálogos, histórias em quadrinhos, carta, cartão-postal.	Sim, utilizando textos simples que envolvam dados pessoais, atividades diárias ou planos futuros para tradução e produção.
7	Sem dúvida. A leitura de bons tempos proporcionam crescimento mental o que faz com que o aluno se desenvolva muito para que possa organizar seus trabalhos escritos.	A leitura de crônicas, contos, anúncios publicitários e outros.	Sim, através da ficha de leitura, a leitura e a produção textual ficam enriquecidas.

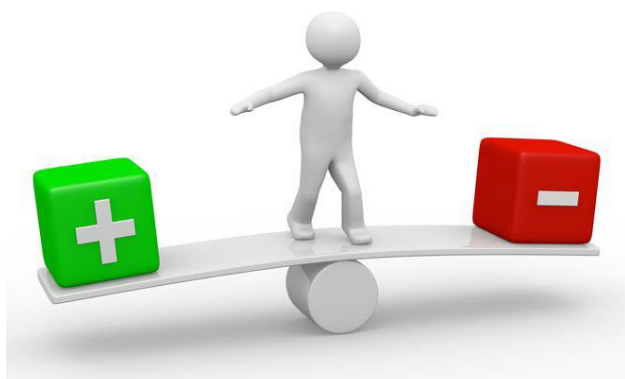
## APÊNDICE J- Questionário de avaliação da Roda de Formação.

Avaliação da Roda de Formação

09/03/2017

Emite tua avaliação sobre a formação de hoje, registrando abaixo tuas percepções:

Sobre o teste atualmente aplicado para classificação e distribuição dos alunos nas diferentes totalidades da EJA, qual tua opinião?



Qual tua opinião sobre incorporar outras estratégias de avaliação para os alunos que ingressam na EJA?



O que gostarias de sugerir para a próxima Roda de Formação?



<b>Avaliação da Roda de Formação- 09/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>Sobre o teste atualmente aplicado para classificação e distribuição dos alunos nas diferentes totalidades da EJA, qual tua opinião?</b>	<b>Qual tua opinião sobre incorporar outras estratégias de avaliação para os alunos que ingressam na EJA?</b>	<b>O que gostarias de sugerir para a próxima Roda de Formação?</b>
1	São seletivos, mas podiam ser aperfeiçoados.	Deve ser feito aos poucos, pois corremos o risco de não termos clientela.	Sugestões de testes aplicados em turmas da EJA.
2	Acredito que temos que estar aberto à mudanças, mesmo que o que está esteja dando certo.	Acredito que tudo que for para inovar, será bem vindo.	Nada, está tudo bem assim.
3	Foi o tipo de avaliação escolhido pelos professores, elaborados e aplicados até hoje. Penso que tenha sido eficiente.	Sempre é bom inovar, porém temos a preocupação com a correção quando se trata de uma avaliação mais subjetiva.	Estão ótimas. Podem continuar com a mesma dinâmica.
4	Nossos testes, principalmente da minha disciplina, sempre procurei elaborar sobre a vivência do aluno, assuntos da realidade. Um pouco extenso.	Acho interessante desde que seja assuntos da realidade dos alunos, que seja menos questões e torne mais fácil de responder.	Atividades na escola diferenciadas da sala de aula, tipo shows, apresentações incentivadoras a mostrar seus talentos.
5	Não conheço.	Como não conheço o teste atual, fica difícil o meu posicionamento.	Até agora foi tudo muito bom! Não tenho nada a sugerir.
6	Acho que é válido, mas precisa sofrer algumas alterações, para que possa possibilitar a inclusão de mais alunos dentro do curso e não excluir alunos que estão cursando.	Entendo que é positivo mas tem que ser feito de forma progressiva, para que todos interpretem de forma adequada.	O debate e a discussão sobre o processo de avaliação é muito importante na formação docente.

## APÊNDICE K- Questionário de avaliação da Roda de Formação.

## Avaliação da Roda de Formação

10/03/2017

Emite tua avaliação sobre a formação de hoje, registrando abaixo tuas percepções:

Quanto ao teste atualmente aplicado é possível verificar na tua disciplina, questões que fazem uso da leitura e escrita?



Sobre a (re) construção do teste, quais tuas percepções positivas?



Sobre a (re) construção do teste, quais tuas percepções negativas?



<b>Avaliação da Roda de Formação- 10/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>Quanto ao teste atualmente aplicado, é possível verificar na tua disciplina, questões que fazem uso da leitura e escrita?</b>	<b>Sobre a (re) construção do teste, quais tuas percepções positivas?</b>	<b>Sobre a (re) construção do teste, quais tuas percepções negativas?</b>
1	A leitura é trabalhada, porém a escrita não muito, pois o teste é mais objetivo.	O ponto positivo é que levará o indivíduo a desenvolver mais a expressividade, a escrita.	Acredito que não há aspectos negativos. Após a avaliação, saberemos do resultado.
2	Sim, na aplicação de problemas e outras questões.	Fazer com que o aluno leia e interprete as questões.	Nenhuma.
3	Sim, os alunos poderão dar sua opinião ao invés de apenas marcar a alternativa correta.	Através de questões dissertativas é possível verificar o real conhecimento do aluno acerca o assunto debatido.	Não vejo ponto negativo.
4	Não, nunca pliquei, pois não conhecia.	Achei muito interessante, pois faz com que o aluno pense maneiras diferentes (palavras) de completar o teste.	Não vejo nada negativo.
5	Poucas questões tinham eu pensar e ler.	Podemos elaborar questões para avaliar nossos alunos em melhores condições.	Que os alunos tinham questões que não precisavam pensar e sim chutar a resposta através das opções.
6	Sim, onde poderão colocar sua opinião.	Sobre a construção feita em grupo, onde todos colaboram mesmo de áreas diferentes é muito produtiva.	Nenhuma!
7	Sim, é possível verificar, porque tenho novas ideias em um novo momento, o que me dá possibilidades de modificar velho hábito com este trabalho.	Tornar os testes menos tradicionais e mais à vontade aos estudantes, isso é muito importante a todos.	Quanto ao aspecto disciplinar, penso que o trabalho de forma menos tradicional possa não ser compreendido a principio pelos estudantes quanto aos objetivos comportamentais.
8	Sim, acredito que em todas as disciplinas dá para fazer uso.	Sempre em todas as disciplinas, temos que estar renovando, reconstruindo.	Não há percepções negativas.



## APÊNDICE L- Questionário de avaliação da Roda de Formação.

Avaliação da Roda de Formação

11/03/2017

Emite tua avaliação sobre a formação de hoje, registrando abaixo tuas percepções:

Qual a tua posição sobre a utilização de diversos tipos de texto em todas as disciplinas?



Na tua opinião qual contribuição a utilização dos textos pode trazer para a disciplina que lecionas?



Ao final das Rodas de Formação, qual mensagem gostaria de deixar registrada, quanto ao que foi trabalhado e discutido ao longo da semana?



<b>Avaliação da Roda de Formação- 11/03/2017</b>			
<b>Professor</b>	<b>Questão 1</b>	<b>Questão 2</b>	<b>Questão 3</b>
	<b>Qual a tua opinião sobre a utilização dos diversos tipos de texto em todas as disciplinas?</b>	<b>Na tua opinião qual contribuição a utilização dos textos pode trazer para a disciplina que lecionas?</b>	<b>Ao final das Rodas de Formação, qual mensagem gostarias de deixar registrado, quanto ao que foi trabalhado e discutido ao longo da semana?</b>
1	É uma boa ideia, pois os alunos precisam ler para compreender os enunciados. Muitas vezes pela falta de leitura isso fica difícil.	Para as disciplinas que leciono todas, pois trabalho com linguagem.	É sempre algo muito bom poder trocar experiências com os colegas, mesmo que muitas vezes nos sentimos cansados por ter trabalhado o dia inteiro, mas na hora das reuniões esquecemos tudo e só nos faz crescer esses momentos.
2	Acho muito boa, pois o professor não se prende só no livro didático e consegue ministrar uma aula dinâmica.	Para melhorar o conhecimento do aluno.	Deveríamos ter mais formações como essa, pois só nos enriquece o trabalho, com ideias e discussões novas.
3	É muito bom mostrar para os alunos que eles podem se expressar textualmente nas diversas disciplinas.	Além de aprender a interpretar melhor os enunciados, servem para fazer outras pesquisas sobre a história, origem e aplicação da disciplina.	Que as Rodas de Formação podem se repetir, pois foi muito proveitosa a troca de conhecimentos. Parabéns por tudo, e o café e o almoço estavam deliciosos! Obrigado!
4	Importante para que o aluno se interesse pela leitura.	Interessante para que eles consigam ler e interpretar melhor as questões.	Achei muito interessante a troca de ideias, as mudanças para que os alunos tornem-se mais interessados e participativos.
5	Acredito que é fundamental a utilização de textos em todas as disciplinas, pois não cabe somente ao professor da Língua Portuguesa essa responsabilidade.	Para que os alunos tenham esse contato e peguem o gosto pela leitura, além de serem trabalhados os conteúdos. A leitura amplia os horizontes.	Nossos encontros foram ótimos, vieram à tona assuntos de muita relevância, a alfabetização, o letramento, a utilização dos textos, alguns assuntos que ficam, às vezes, esquecidos e são trabalhados pelo professor. Acredito que nossos

			encontros foram de muita motivação.
6	Acho que melhora, tornando as aulas mais dinâmicas, despertando muito mais interesse a todos, retirando aquela de ideia, de que para esta ou aquela disciplina tem que haver um tipo de texto.	Os textos variados servem para despertar mais interesse, tornando a leitura bem mais produtiva. É fundamental a variedade de textos para auxiliar nesse trabalho.	Foi um grande trabalho que nos deu novos caminhos, abrindo novas perspectivas, além de mudar minha forma de agir no trabalho.

**APÊNDICE M- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisadora: Verônica Rodrigues de Lima  
Instituição: Universidade Federal do Pampa  
Telefone de contato: 53 984063772

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa qualitativa, do tipo intervenção pedagógica, intitulada “AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NAS ETAPAS FINAIS DA EJA: UM CONVITE A OUTRAS POSSIBILIDADES” a qual tem como objetivo geral problematizar e provocar algumas mudanças no instrumento de avaliação diagnóstica para ingresso de alunos na EJA- Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Affonso.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

A intervenção será realizada através de Rodas de Formação na própria escola, momentos em que será convidado (a) a participar de atividades de leitura, de reflexão, de registro das suas percepções de forma oral e escrita; podendo ser utilizadas imagens registradas em entrevistas, apresentações, reuniões e, também, relato das falas ouvidas e transcrições dos áudios.

Para participar deste estudo (o) a senhor (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

VERÔNICA RODRIGUES DE LIMA

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

Jaguarão,

de

de 201

## ANEXOS

### **ANEXO A- Poema “O que é letramento?” de Kate Chong- 2ª Roda de Formação.**

O que é letramento?

Letramento não é um gancho  
em que se pencia cada enunciado,  
não é treinamento repetitivo  
de uma habilidade,  
nem um martelo  
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão  
é leitura à luz de vela  
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,  
o tempo, os artistas da tv  
e mesmo Mônica e cebolinha nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,  
uma lista de compras, recados colados na geladeira,  
um bilhete de amor,  
telegrama de parabéns e cartas  
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,  
sem deixar sua cama,  
é rir e chorar  
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,  
sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
manuais, instruções, guias,  
e orientações em bulas de remédios,  
para que você não fique perdido.

Letramento é sobretudo,  
um mapa do coração do homem,  
uma mapa de quem você é,  
e de tudo o que você pode ser.

**ANEXO B- Receita de Biscoito (imã de geladeira)- 2ª Roda de Formação.**

<p style="text-align: center;"><b>Biscoito da Beta</b></p> <p><b>Ingredientes:</b>            500 gr de farinha            1 xícara de açúcar            1 xícara de leite            3 colheres de margarina            1 colher de fermento            3 ovos</p> <p><b>Modo de fazer:</b>            Bata os ovos com o açúcar e a margarina, depois acrescente a farinha, o leite e o fermento. Misture bem, amasse e modele como preferir. Leve ao forno em temperatura média por 15 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Biscoito da Beta</b></p> <p><b>Ingredientes:</b>            500 gr de farinha            1 xícara de açúcar            1 xícara de leite            3 colheres de margarina            1 colher de fermento            3 ovos</p> <p><b>Modo de fazer:</b>            Bata os ovos com o açúcar e a margarina, depois acrescente a farinha, o leite e o fermento. Misture bem, amasse e modele como preferir. Leve ao forno em temperatura média por 15 minutos.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Biscoito da Beta</b></p> <p><b>Ingredientes:</b>            500 gr de farinha            1 xícara de açúcar            1 xícara de leite            3 colheres de margarina            1 colher de fermento            3 ovos</p> <p><b>Modo de fazer:</b>            Bata os ovos com o açúcar e a margarina, depois acrescente a farinha, o leite e o fermento. Misture bem, amasse e modele como preferir. Leve ao forno em temperatura média por 15 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Biscoito da Beta</b></p> <p><b>Ingredientes:</b>            500 gr de farinha            1 xícara de açúcar            1 xícara de leite            3 colheres de margarina            1 colher de fermento            3 ovos</p> <p><b>Modo de fazer:</b>            Bata os ovos com o açúcar e a margarina, depois acrescente a farinha, o leite e o fermento. Misture bem, amasse e modele como preferir. Leve ao forno em temperatura média por 15 minutos.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Biscoito da Beta</b></p> <p><b>Ingredientes:</b>            500 gr de farinha            1 xícara de açúcar            1 xícara de leite            3 colheres de margarina            1 colher de fermento            3 ovos</p> <p><b>Modo de fazer:</b>            Bata os ovos com o açúcar e a margarina, depois acrescente a farinha, o leite e o fermento. Misture bem, amasse e modele como preferir. Leve ao forno em temperatura média por 15 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Biscoito da Beta</b></p> <p><b>Ingredientes:</b>            500 gr de farinha            1 xícara de açúcar            1 xícara de leite            3 colheres de margarina            1 colher de fermento            3 ovos</p> <p><b>Modo de fazer:</b>            Bata os ovos com o açúcar e a margarina, depois acrescente a farinha, o leite e o fermento. Misture bem, amasse e modele como preferir. Leve ao forno em temperatura média por 15 minutos.</p>

**ANEXO C- Poema “As cocadas” de Cora Coralina- 3ª Roda de Formação.**

Eu devia ter nesse tempo dez anos. Era menina prestimosa e trabalhadeira à moda do tempo. Tinha ajudado a fazer aquela cocada. Tinha areado o tacho de cobre e ralado o coco. Acompanhei rente à fornalha todo o serviço, desde a escumação da calda até a apuração do ponto. Vi quando foi batida e estendida na tábua, vi quando foi cortada em losangos. Saiu uma cocada morena, de ponto brando atravessada de paus de canela cheirosa. O coco era gordo, carnudo e leitoso, o doce ficou excelente. Minha prima me deu duas cocadas e guardou tudo mais numa terrina grande, funda e de tampa pesada. Botou no alto da prateleira. Duas cocadas só... Eu esperava quatro e comeria de uma assentada oito, dez, mesmo. Dias seguidos namorei aquela terrina, inacessível. De noite, sonhava com as cocadas. De dia as cocadas dançavam pequenas piruetas na minha frente. Sempre eu estava por ali perto, ajudando nas quitandas, esperando, aguando e de olho na terrina. Batia os ovos, segurava gamela, untava as formas, arrumava nas assadeiras, entregava na boca do forno e socava cascas no pesado almofariz de bronze. Estávamos nessa lida e minha prima precisou de uma vasilha para bater um pão-de-ló. Tudo ocupado. Entrou na copa e desceu a terrina, botou em cima da mesa, deslemburada do seu conteúdo. Levantou a tampa e só fez: Hiiii... Apanhou um papel pardo sujo, estendeu no chão, no canto da varanda e despejou de uma vez a terrina. As cocadas moreninhas, de ponto brando, atravessadas aqui e ali de paus de canela e feitas de coco leitoso e carnudo guardadas ainda mornas e esquecidas, tinham se recoberto de uma penugem cinzenta, macia e aveludada de bolor. Aí minha prima chamou o cachorro: Trovador... Trovador... e veio o Trovador, um perdigueiro de meu tio, lerdo, preguiçoso, nutrido, abanando a cauda. Farejou os doces sem interesse e passou a lamber, assim de lado, com o maior pouco caso. Eu olhando com uma vontade louca de avançar nas cocadas. Até hoje, quando me lembro disso, sinto dentro de mim uma revolta – má e dolorida - de não ter enfrentado decidida, resolvida, malcriada e cínica, aqueles adultos negligentes e partilhado das cocadas bolorentas com o cachorro.

**ANEXO D- Sinopse do filme “Como água para chocolate” 3ª Roda de Formação.**

Tita nasceu na cozinha da casa da família, quando sua mãe estava cortando cebolas. Logo em seguida, seu pai morreu de um ataque cardíaco ao ter sua paternidade questionada. Por essa razão, Tita tornou-se vítima de uma tradição local, que dizia que a filha mais nova não poderia casar para cuidar da mãe até a sua morte.

Ao crescer, Tita se apaixona por Pedro Muzquiz, que corresponde e quer casar com ela, mas a mãe da moça proíbe o casamento, e sugere que ele se case com Rosaura, a irmã dois anos mais velha de Tita. O rapaz aceita, pois esta é a única maneira de se manter perto de Tita.



ANEXO E- História em quadrinhos: Chico Bento em o sabe-tudo.

## Chico Bento *em* O SABE-TUDO







Mauricio de Sousa.  
*Chico Bento*.  
São Paulo, Globo, 1995.

## ANEXO E- Técnica Cloze aplicada aos professores. 5ª Roda de Formação.

## De como enganei o sol

Ricardo Azevedo

Acordei de manhãzinha e dei um pulo da cama, \_\_\_\_ (1) \_\_\_\_ o calção vermelho, a camiseta listrada que eu ganhei \_\_\_\_ (2) \_\_\_\_ minha avó, calcei o tênis de briga, tomei café \_\_\_\_ (3) \_\_\_\_ fui para o campo de futebol.

Tremenda decepção: o céu \_\_\_\_ (4) \_\_\_\_ cinzento, o frio estava cinzento, o sol estava cinzento \_\_\_\_ (5) \_\_\_\_ um toró; voltei para casa andando desanimado:

- \_\_\_\_ (6) \_\_\_\_ tempo desaforado!

Subi pensando na vida, fui pro quarto \_\_\_\_ (7) \_\_\_\_ trocar; vesti a calça de brim, camisa e meia \_\_\_\_ (8) \_\_\_\_ lã, um suéter bem fechado e desci mais conformado!

- \_\_\_\_ (9) \_\_\_\_ pra casa do Rodrigo com meu time de botão!

- \_\_\_\_ (10) \_\_\_\_ pra rua e parei. Não sei se foi pelo \_\_\_\_ (11) \_\_\_\_, por encanto ou por mistério, não sei por que cargas \_\_\_\_ (12) \_\_\_\_, a verdade é que lá fora estava um \_\_\_\_ (13) \_\_\_\_ solão.

Fiquei um pouco confuso:

- Mas que tempo mais \_\_\_\_ (14) \_\_\_\_!

Corri de volta pro quarto, pus calção e camiseta, \_\_\_\_ (15) \_\_\_\_ lá fora e voltei porque estava chovendo. Entrei no \_\_\_\_ (16) \_\_\_\_ xingando, quase tive um peripaco, dei gritos assustadores, fiz \_\_\_\_ (17) \_\_\_\_ e até chorei.

Então me veio uma idéia, um \_\_\_\_ (18) \_\_\_\_, um plano completo: vesti capa, guarda-chuva, gorro, luva e \_\_\_\_ (19) \_\_\_\_, saí de casa direto pro campo de futebol.

Joguei \_\_\_\_ (20) \_\_\_\_ galocha e tudo e assim enganei o sol!

**ANEXO F- Letra da música “Celebra la vida” de Axel Fernando. 6ª Roda de Formação.**

No sé si soñaba,  
No sé si dormía,  
y la voz de un ángel  
dijo que te diga:  
celebra la vida.

Piensa libremente,  
ayuda a la gente,  
y por lo que quieras  
lucha y sé paciente.

Lleva poca carga  
a nada te aferres  
porque en éste mundo,  
nada es para siempre.

Búscate una estrella  
que sea tu guía,  
no hieras a nadie  
reparte alegría.

Celebra la vida, celebra la vida,  
que nada se guarda  
que todo te brinda.  
Celebra la vida, celebra la vida,  
segundo a segundo y todos los días.

Y si alguien te engaña  
al decir «Te Quiero»,  
pon más leña al fuego  
y empieza de nuevo.

No dejes que caigan  
tus sueños al suelo  
que mientras más amas  
más cerca está el cielo.

Grita contra el odio  
contra la mentira,  
que la guerra es muerte,  
y la paz es vida.

Celebra la vida, celebra la vida,  
que nada se guarda  
que todo te brinda.  
Celebra la vida, celebra la vida,  
segundo a segundo.

No sé si soñaba,  
No sé si dormía,  
y la voz de un ángel  
dijo que te diga:  
celebra la vida, celebra la vida  
y deja en la tierra tu mejor semilla  
celebra la vida, celebra la vida  
que es mucho más bella cuando tú me miras.  
Celebra la vida, celebra la vida

**ANEXO G- Teste Classificatório 2017/01****ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO HERMES PINTOS AFFONSO****TESTE CLASSIFICATÓRIO 2017/01****EJA- EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- ENSINO FUNDAMENTAL**

NOME: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_/\_\_/\_\_

**PARTE I- TESTE INTERDISCIPLINAR**

- 1- “O crescimento desordenado das cidades invade áreas livres, áreas verdes e locais antigos, desrespeitando a história e a natureza do lugar.”



A partir da frase e da análise da imagem acima, responda a questão a seguir:

- a) Que problemas as pessoas que vivem no lugar retratado devem enfrentar em seu dia a dia?

---

---

---

---

---

---

---

---

- 2- Além da precariedade ou falta de moradia, há outros desafios sociais enfrentados pelas cidades. Entre eles:

- Insuficiência ou baixa qualidade de hospitais, escolas, creches, etc.
- Precariedade dos serviços de saneamento, como água tratada e encanada e coleta e tratamento de esgoto;
- Falta ou precariedade de serviços de coleta de lixo, iluminação e pavimentação de vias públicas;
- Sistema de transporte coletivo deficiente, além dos frequentes congestionamentos nas principais vias de circulação;
- Elevados índices de violência.

- a) Dos problemas sociais apontados acima, quais deles são observados na região onde você vive?

---



---



---



---



---



---

- 3- Explique, com suas palavras, de que maneira você contribui para a preservação do meio ambiente.

---



---



---



---



---



---

- 4- Diversas tecnologias desenvolvidas pelos seres humanos permitem obter a energia de fontes naturais. Entre elas as usinas eólicas e as usinas termelétricas:

<b>Usinas Eólicas</b>	<b>Usinas Termelétricas</b>
Os ventos giram as hélices da turbina e acionam o gerador. A energia cinética dos ventos conhecida como energia eólica, é convertida em energia elétrica.	A queima de um combustível fóssil, como o gás natural ou o carvão mineral, transforma a energia química em energia térmica. O calor resultante da combustão faz a água da caldeira formar vapor em alta pressão, como em uma panela de pressão. Ele gira a turbina conectada ao gerador..

- a) Entre as duas opções de geração de energia, qual dessas fontes **NÃO** polui o meio ambiente?

---



---



---



---

- 5- A dengue pode atingir brasileiros de todo o país. O modo mais eficaz de combater a dengue é eliminar o transmissor. Para isso é necessário interromper o ciclo de vida do mosquito.

- a) Quais são os cuidados que devemos seguir para evitar a propagação do mosquito?



5) Observe a charge a seguir e responda:

**TEMPO DE ELEIÇÃO**



- a) Você se lembra dos candidatos em que votou nas últimas eleições municipais? Caso tenham sido eleitos, as promessas feitas em campanha estão sendo cumpridas?

---



---



---



---



---

- 6) A expectativa de vida estima em quantos anos, em média, um indivíduo poderá viver a partir do nascimento. A expectativa de vida do brasileiro subiu para 75,5 anos. Em sua opinião, quais são as vantagens e as desvantagens do envelhecimento da população?

---



---



---



---



---



---



---

## PARTE II- TESTE OBJETIVO TESTE DE PORTUGUÊS

1- Leia o texto abaixo.

### Sucuri-verde

Esta cobra mede quase 8 metros e é uma das mais fortes e assustadoras da Amazônia! Ela é capaz de comer quase todos os outros bichos da floresta, desde os pássaros e macacos que moram nas árvores até os bichos que

vivem no solo e na água. E olha que a sucuri-verde nem é venenosa! Ela caça suas presas só com a força do seu corpo.

Qual é o assunto desse texto?

- (A) A moradia da sucuri-verde.
- (B) As características da sucuri-verde.
- (C) O tamanho da cobra.
- (D) Os bichos venenosos.

**2- Leia o texto abaixo.**

### Golfinhos

Os golfinhos são extremamente rápidos no ato de nadar, sendo possível atingir até 60km/h, além de saltar até 5 metros acima da água, levando vantagem sobre os seus predadores. A vida social é extremamente importante para estes animais, que podem viver até 801 anos. Os golfinhos também são úteis na terapia de crianças em atrasos psicomotores..

Nesse texto, a palavra que substitui “**golfinhos**” é:

- (A) animais.
- (B) anos.
- (C) atrasos.
- (D) predadores.

**3- Leia o texto abaixo.**

Os beija-flores ou colibris (como também são conhecidos) são as menores e mais leves aves do mundo. Talvez por viverem em climas tão diferentes é que existem mais de 350 espécies. O beija-flor gasta muita energia para voar tão rápido, por isso alimenta-se do néctar das flores doces. Para chegar ao néctar das flores o beija-flor usa a sua longa língua. O seu bico, muito fininho, pode chegar a ser tão comprido como o resto do corpo.

Qual é o assunto desse texto?

- (A) A língua das aves.
- (B) As flores doces.
- (C) O beija-flor.
- (D) Os climas.

**4- Leia o texto abaixo.**

Ninguém morre de amores pelas vacinas (afinal, quem é que gosta de injeção?), mas pode apostar que sem elas nossa vida ia ser bem mais difícil. As vacinas são como “cães de guarda” da nossa saúde, e trabalham bastante para manter a gente livre de doenças chatas. Elas salvaram mais pessoas que qualquer outro medicamento inventado. Todos os anos, 3 milhões de vidas são salvas com esses remedinhos mágicos!

Qual é o assunto desse texto?

- (A) As doenças.
- (B) As mágicas.
- (C) As pessoas.
- (D) As vacinas.

**5- Leia o texto abaixo.**

ALERTA

## Brasil investiga dois casos de superbactéria

Secretaria de Saúde de Campinas (SP) apura se moradores da cidade que estiveram na Alemanha estão contaminados. PÁGINA 7

Esse texto serve para:

- (A) deixar um recado.
- (B) divulgar uma campanha.
- (C) informar sobre uma doença.
- (D) vender um produto.

### 6- Leia o texto abaixo.

#### Como é feita a pasta de dente?

A pasta de dente é uma mistura de muitos ingredientes. Os principais são um detergente próprio para limpar os dentes e flúor, que serve para fortalecê-los. Corantes e açúcares dão cor e gosto à pasta. O creme entra no tubo pela parte de baixo, oposta à da tampa. Depois, uma máquina prensa a parte por onde a pasta entrou, selando o tubo. Quanto à pasta com listrinhas, funciona assim: pequenas divisões nas laterais do tubo comportam um gel. Essas divisões desembocam por orifícios à saída da pasta. Quando você aperta o tubo, aciona ao mesmo tempo a saída da pasta clara e do gel, o que forma a pasta com listrinhas do jeito que conhecemos.

Esse texto serve para:

- (A) anunciar um produto.
- (B) dar uma orientação.
- (C) divertir as crianças.
- (D) informar os leitores.

### 7- Leia o texto abaixo.

#### Ai! Ui! Estou ardendo!

Dias quentes e ensolarados têm tudo a ver com banhos de mar, de rio, de cachoeira... A gente se refresca, nada para lá, para cá... Agora, confesse: você nunca ficou ardido depois de um dia todo exposto ao Sol? Aposto que sim. Na nossa pele, há um tipo de célula conhecida como melanócito, que é responsável pela produção e acúmulo de melanina. Apesar de parecer nome de menina charmosa, a melanina é um pigmento. Isso quer dizer que ela dá a coloração típica de cada indivíduo (uns bem branquinhos, outros morenos, outros negros etc.).

No trecho “Isso quer dizer que **ela** dá a coloração típica de cada indivíduo...”, a palavra “ela” está no lugar de:

- (A) célula.

- (B) melanina.
- (C) pele.
- (D) produção.

**8- Leia o texto abaixo.**

Você já ouviu falar de um pássaro chamado arara-maracanã-verdadeira? Pode parecer, por causa do nome, mas ela não vive em estádios de futebol. Essa arara pequenininha e simpática, que parece um papagaio, gosta de morar perto de rios em florestas da Mata Atlântica, no Cerrado e na Caatinga.

Ela também é conhecida como ararinha, arara-pequena e papagaio-de-cara-branca, mas seu nome científico é *Primolius maracana*. O pássaro é da mesma família dos papagaios e o que diferencia a arara-maracanã de seus “parentes” tagarelas é a cauda longa e pontuda que ela tem. Verde, com algumas manchas vermelhas nas costas e na barriga, azul na parte de cima e na cabeça, e com a cara branca e sem penas, a ararinha gosta de comer vegetais da mesma cor de seu corpo como castanha do cajueiro, feijão e milho, além de pinhão, umburana, umbuzeiro, braúna e fruto do algodão.

Hoje em dia, a arara-maracanã-verdadeira corre o risco de desaparecer por causa do desmatamento, que diminui os lugares onde ela pode morar e encontrar comida, e de caçadores que capturam a ave para vender.

Esse texto serve para:

- (A) contar uma história.
- (B) dar uma informação.
- (C) divulgar um evento.
- (D) vender um animal.

**9- Leia o texto abaixo.**

**Elas só pensam em trabalho!**

Desde que nascem, as pequenas formigas estão sempre muito ocupadas. Ordeiras, trabalhadoras e muito antigas. Assim são as formigas. Este inseto tão pequenininho existe há mais de 100 milhões de anos e está em toda parte; nas ruas, nos jardins e até nas casas das pessoas.

Organização é com elas mesmas! Em um formigueiro, podem viver centenas e até milhares de formigas juntas. Mas lá dentro não há confusão. Cada uma sabe muito bem o que tem de fazer. Elas se dividem em duas funções: a de operária e a de soldado. As operárias tomam conta dos bebês-formigas, fazem a limpeza da casa e vão atrás da comida.

Já as formigas-soldados guardam a entrada do formigueiro sem descanso. Para se comunicar umas com as outras, as formigas usam um método curioso: trocam cheiros. Quando uma operária descobre o alimento, por exemplo, marca o lugar com um cheiro e, assim, faz uma trilha fácil de ser seguida por outras formigas.

No trecho “Mas **lá dentro** não há confusão.” (l. 6), a palavra em destaque indica ideia de

- (A) causa.
- (B) lugar.
- (C) modo.
- (D) tempo.

**10- Leia o texto abaixo.**

**Água cidadã**

A gente tem um monte de direitos, os animais também têm, mas e a água, será que

ela tem direitos também? Tem sim, e graças à ONU! A Organização das Nações Unidas criou um documento chamado Declaração Universal dos Direitos da Água! Ele tem 10 parágrafos, todos explicando como ela é importante para o nosso planeta! O primeiro item diz, logo de cara, que a água é patrimônio do planeta, e que cada povo e cada nação são responsáveis por ela! Já o parágrafo 7 diz claramente que a água não deve ser desperdiçada, nem poluída e nem envenenada! Puxa, seria legal se todo mundo respeitasse essa declaração, né?

O assunto desse texto é:

- (A) a Declaração Universal dos Direitos da Água.
- (B) a Organização das Nações Unidas.
- (C) o direito do cidadão.
- (D) o respeito aos animais.

### Questões de 11 à 15

Leia o texto abaixo.

#### **Menor tamanduá do mundo vive no Brasil**

*Ele tem 45 cm e é encontrado em matas tropicais*

Conhecido popularmente como tamanduá, ele vive em nosso país na Amazônia, em áreas da Mata Atlântica do Nordeste e em matas ao longo de cursos d'água no Cerrado, nas áreas mais próximas à Amazônia.

Com cerca de 45 centímetros de comprimento e pesando não mais que 400 gramas, o *Cyclopes didactylus* – como a espécie foi batizada pelos cientistas – é o menor de todos os tamanduás!

Animal de pelo longo, macio, sedoso e levemente ondulado, o tamanduá tem olhos redondos e pretos. Suas orelhas são tão minúsculas que ficam escondidas no meio da densa pelagem, que é cinza, dourada, com reflexos prateados. Sua cabeça é dourada, assim como suas pernas, que também podem ser cinza. Já o seu peito é marrom-escuro ou com uma mancha marrom.

#### **Desmatamento é ameaça**

Encontrado em matas tropicais, o tamanduá, aparentemente, não vive em áreas de vegetação aberta. Porém, não se conhece bem a sua distribuição em diferentes tipos de floresta. O que se sabe é que o menor tamanduá do mundo vive nas árvores e raramente desce ao chão. Por isso, o animal pode ser prejudicado pelo desmatamento, já que as árvores são o seu lar.

11- O objetivo desse texto é

- A) dar uma informação.
- B) descrever um lugar.
- C) expor uma opinião.
- D) narrar um fato.

12- No trecho "... **que** ficam escondidas no meio da densa pelagem,..." (l. 7-8), a palavra destacada retoma

- (A) cientistas.
- (B) tamanduás.
- (C) orelhas.
- (D) pernas.

13- A expressão “*Cyclopes didactylus*” (l. 4-5) é um exemplo de linguagem

- (A) científica.
- (B) coloquial.
- (C) literária.
- (D) regional.

14- De acordo com esse texto, o tamanduá pode ser prejudicado com o desmatamento porque:

- (A) é um animal de orelhas minúsculas.
- (B) é o menor tamanduá existente no mundo.
- (C) vive em matas da Amazônia e do Nordeste.
- (D) vive nas árvores e dificilmente desce ao chão.

15- No trecho “... – como a espécie foi batizada pelos cientistas –...” (l. 5), os travessões foram usados com o objetivo de:

- (A) dar uma explicação.
- (B) descrever uma cena.
- (C) expressar uma opinião.
- (D) introduzir uma fala.

#### TESTE DE MATEMÁTICA

16- Mauro comprou um tênis por R\$ 180,00, uma calça por R\$ 85,00 e uma camiseta por R\$ 49,00. Deu uma entrada de R\$80,00, o restante quer parcelar em três vezes. Quanto Mauro pagará em cada prestação?

- a) ( ) R\$80,00
- b) ( ) R\$78,00
- c) ( ) R\$100,00
- d) ( ) R\$60,00

17- Se uma televisão custa R\$980,00 e o parcelamento da loja exige 10% de entrada. Qual o valor que devemos dar de entrada?

- a) ( ) R\$10,00
- b) ( ) R\$78,00
- c) ( ) R\$100,00
- d) ( ) R\$98,00

18- Observe a tabela de resultados de um campeonato de futebol:

	<b>EQUIPE A</b>	<b>EQUIPE B</b>	<b>EQUIPE C</b>
<b>Vitórias</b>	3	2	4
<b>Derrotas</b>	5	5	6
<b>Empates</b>	7	8	5

Sendo que a vitória vale 3 pontos, o empate 1 ponto e a derrota 0 pontos. Qual a equipe que o obteve o maior número de pontos?

- a) ( ) equipe A
- b) ( ) equipe B
- c) ( ) equipe C
- d) ( ) equipe D

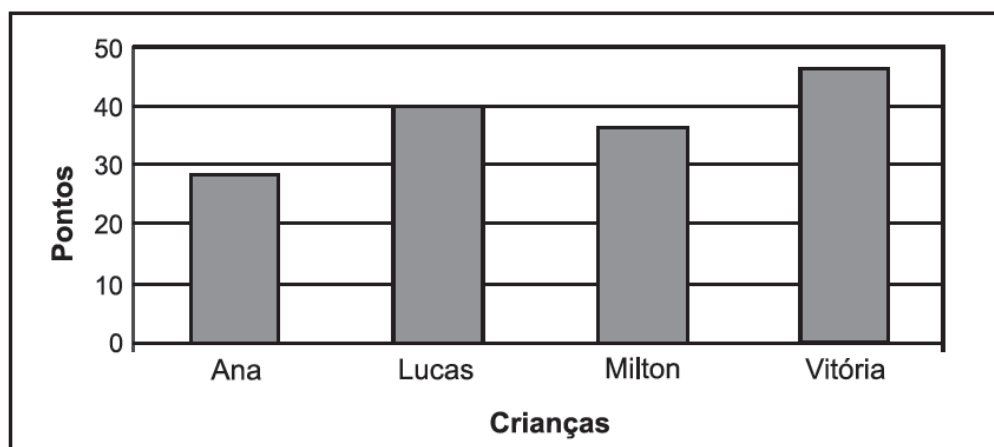
19- Felipe vai expor várias camas elásticas, iguais à representada no desenho abaixo, uma ao lado da outra, em sua loja que tem 32 metros de comprimento.



Dessa forma, quantas camas elásticas no máximo cabem ao longo do comprimento dessa loja?

- (A) 4
- (B) 8
- (C) 28
- (D) 36

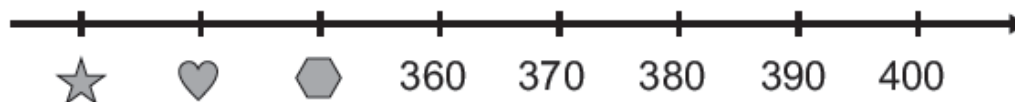
20- Observe no gráfico abaixo o número de pontos que quatro crianças fizeram em uma brincadeira.



Qual dessas crianças marcou 40 pontos?

- (A) Ana.
- (B) Lucas.
- (C) Milton.
- (D) Vitória.

21- A reta numérica abaixo está dividida em segmentos de mesma medida.



Quais são os números representados pelos símbolos, ★, ♥ e ⬡, nessa ordem?

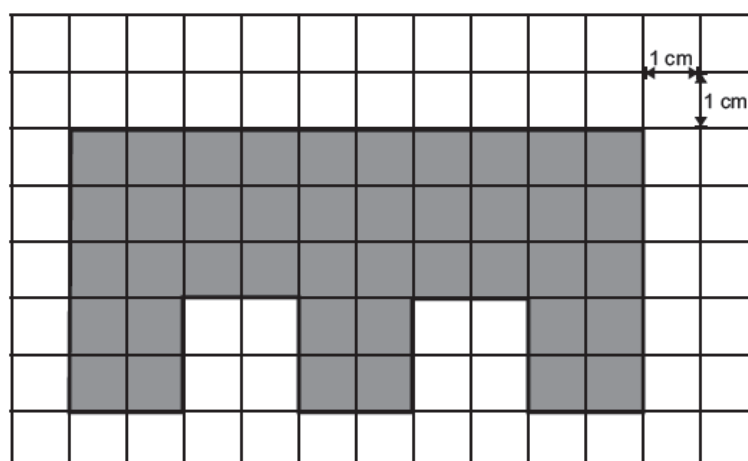
- A) 357, 358 e 359.
- B) 354, 356 e 358.
- C) 345, 350 e 355.
- D) 330, 340 e 350.

22- Para prever o aumento de gastos com a nomeação de novos funcionários, uma empresa fez um levantamento de dados que mostrou que a alimentação de 100 funcionários durante 10 dias tem o custo de R\$ 3 000,00.

Mantendo o mesmo custo por funcionário, quanto essa empresa gastará com a alimentação de 150 funcionários durante esse mesmo período?

- (A) 1 500
- (B) 2 000
- (C) 3 500
- (D) 4 500

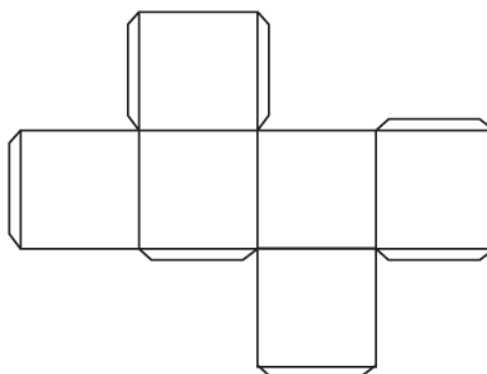
23- Bruno fez um desenho em cinza na malha quadriculada de seu caderno, conforme representado abaixo.



Qual é a medida do contorno desse desenho?

- (A) 26 cm
- (B) 34 cm
- (C) 38 cm
- (D) 42 cm

24- Observe abaixo o molde da caixa que Francisco montou para embalar um presente.



Após montada, essa caixa terá o formato de qual sólido geométrico?

- (A) Cilindro.
- (B) Cone.
- (C) Cubo.
- (D) Pirâmide.



25- Vitória está juntando dinheiro para comprar um fogão que custa 800 reais. Ela já conseguiu juntar 25% dessa quantia. Quanto Vitória ainda precisa juntar para comprar esse fogão?

- (A) 200 reais.
- (B) 250 reais.
- (C) 400 reais.
- (D) 600 reais.

26- Um minuto tem \_\_\_\_\_ segundos:

- (A) 120 segundos
- (B) 30 segundos
- (C) 180 segundos
- (D) 60 segundos

27- Dois metros tem \_\_\_\_\_ centímetros:

- (A) 100 cm;
- (B) 250 cm;
- (C) 200 cm;
- (D) 1000 cm;

28- Duas horas tem \_\_\_\_\_ minutos.

- (A) 160 minutos
- (B) 120 minutos
- (C) 60 minutos
- (D) 180 minutos

29) Um quilo de açúcar tem \_\_\_\_ gramas :

- (A) 500 gramas
- (B) 2500 gramas
- (C) 2000 grama
- (D) 1000 gramas

30- O único número que é primo e é par:

- (A) 3
- (B) 5
- (C) 22
- (D) 2

### **TESTE DE HISTÓRIA**

31) A bandeira de Jaguarão é formada por três retângulos e no centro possui um brasão. Quais as cores da bandeira de Jaguarão:

- A( ) Verde, amarelo e vermelho.
- B( ) Verde e amarelo
- C( ) verde e vermelho
- D( ) verde, azul e vermelho

**32)** A origem do nome do município de Jaguarão, está relacionada a uma lenda indígena, cujo animal símbolo chama-se:

- A( ) Jaguarão
- B( ) Jagua-ru
- C( ) Leão-marinho
- D( ) Onça

**33)** Jaguarão foi erigida a partir de um:

- A( ) Acampamento Indígena
- B( ) Acampamento militar
- C( ) Acampamento cigano
- D( ) Acampamento espanhol

**34)** Como chama-se o Clube social negro, o qual é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico do Estado (2012):

- A( ) Harmonia
- B( ) Caixeral
- C( ) Vinte e quatro de agosto
- D( ) Jaguareense

**35)** A ponte que liga a fronteira entre Jaguarão e Rio Branco, chama-se “Ponte Mauá” em homenagem à:

- A( ) General Artigas
- B( ) Irineu Evangelista de Sousa
- C( ) Carlos Barbosa
- D( ) Fávio Telis

#### **TESTE DE GEOGRAFIA**

**36)** O município de Jaguarão situa-se no extremo meridional do Brasil, na fronteira com qual país:

- A( ) Paraguai
- B( ) Uruguai
- C( ) Argentina
- D( ) Bolívia

**37)** O município de Jaguarão, possui de acordo com Censo (2010) em torno de :

- A( ) 20 mil habitantes
- B( ) 28 mil habitantes
- C( ) 32 mil habitantes
- D( ) 38 mil habitantes

**38)** A economia do município de Jaguarão é baseada na pecuária e na agricultura. Os principais cultivos são:

- A( ) arroz e feijão
- B( ) arroz e soja
- C( ) milho e trigo
- D( ) milho e soja

**39)** No município de Jaguarão, em qual bairro é possível ter uma vista panorâmica da cidade:

- A( ) Bela Vista
- B( ) Cerro da Pólvora

- C( ) Centro
- D( ) Keneddy

**40)** Jaguarão está localizado na parte mais meridional do Brasil, e está na rota do:

- A( ) IPHAN
- B( ) MERCOSUL
- C( ) LICEO
- D( ) ORIENTAL

### TESTE DE CIÊNCIAS

**41)** A árvore símbolo do município, chama-se:

- A( ) Corticeira
- B( ) Anacauita
- C( ) Figueira
- D( ) Pitangueira

**42)** Jaguarão está localizado em qual região:

- A( ) norte
- B( ) sul
- C( ) nordeste
- D( ) sudeste

**43)** O rio Jaguarão nasce no município de:

- A( ) Aceguá
- B( ) Santana do Livramento
- C( ) Bagé
- D( ) Pelotas

**44)** O rio Jaguarão desagua na:

- A( ) Lagoa dos Patos
- B( ) Lagoa Mirim
- C( ) Arroio Grande
- D( ) Canal São Gonçalo

**45)** Jaguarão, está localizado no fronteira entre Brasil e Uruguai, como chama-se a cidade-gêmea deste município:

- A( ) Coxilha
- B( ) Rio Branco
- C( ) Melo
- D( ) Pelotas

### CARTÃO RESPOSTA

NOME: .....DATA:.....

Marcar apenas uma alternativa para cada questão:

	A	B	C	D
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				

	A	B	C	D
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
31				
32				
33				
34				
35				
36				
37				
38				
39				
40				
41				
42				
43				
44				
45				

## TESTE DE PORTUGUÊS

Lê o texto com atenção: O PROBLEMA ECOLÓGICO

Se uma nave extraterrestre invadisse o espaço aéreo da Terra, com certeza seus tripulantes diriam que neste planeta não habita uma civilização inteligente, tamanho é o grau de destruição dos recursos naturais. Essas são palavras de um renomado cientista americano. Apesar dos avanços obtidos, a humanidade ainda não descobriu os valores fundamentais da existência. O que chamamos orgulhosamente de civilização nada mais é do que uma agressão às coisas naturais. A grosso modo, a tal civilização significa a devastação das, a poluição dos rios, o envenenamento das terras e a deterioração da qualidade do ar. O que chamamos de progresso não passa de uma degradação deliberada e sistemática que o homem vem promovendo há muito tempo, uma autêntica guerra contra a natureza.

Afrânio Primo. Jornal Madhva (adaptado).

### Interpretação de texto e gramática:

**Marca a resposta certa e após, passa para a grade de respostas:**

**1)** Segundo o texto, o cientista americano está preocupado com:

- a)  a vida neste planeta;
- b)  a qualidade do espaço aéreo;
- c)  o que pensam os extraterrestres;
- d)  o seu prestígio no mundo.

**2)** Para o autor, a humanidade:

- a)  ouve as palavras do cientista;
- b)  age contra sua própria existência;
- c)  preserva os recursos naturais;
- d)  valoriza a existência sadia.

**3)** A afirmação: “Essas são palavras de um **renomado** cientista americano.” Quer dizer que o cientista é:

- a)  inimigo;
- b)  velho;
- c)  estranho;
- d)  famoso.

**4)** “*Se o homem cuidar da natureza... mais saúde.*” a forma verbal que completa corretamente a lacuna é:

- a)  teve;
- b)  tivera;
- c)  têm;
- d)  terá.

**5)** “*Se uma nave extraterrestre **invadisse** o espaço da Terra*” a separação silábica da palavra em destaque está correta em:

- a)  inva-di-sse;
- b)  in-va-di-sse;
- c)  in-vadi-sse;
- d)  in-va-dis-se.

**6)** Quanto ao número de sílabas, o vocábulo **envenenamento** classifica-se como:

- a)  monossílaba;
- b)  dissílaba;
- c)  trissílaba;
- d)  polissílaba.

**7)** No texto, a palavra “**invadisse**” apresenta o tempo verbal chamado:

- a)  presente do indicativo;
- b)  pretérito perfeito;
- c)  presente do subjuntivo;
- d)  pretérito imperfeito do subjuntivo.

**8)** Em relação à sílaba tônica, a palavra “**sistemática**” classifica-se como:

- a)  oxítona;
- b)  paroxítona;
- c)  proparoxítona;
- d)  monossílaboônico.

**9)** Na oração: “O que **chamamos** orgulhosamente de civilização...” o vocábulo em destaque classifica-se, gramaticamente, como:

- a)  verbo;
- b)  substantivo;
- c)  adjetivo;
- d)  pronome.

**10)** No trecho: “...neste planeta não habita uma civilização **inteligente**...” devemos classificar, gramaticalmente, a palavra em destaque como:

- a) ( ) adjetivo; c) ( ) conjunção;  
b) ( ) pronome substantivo; d) ( ) interjeição.

**11)** Onde diz “O que chamamos orgulhosamente de civilização...” a palavra “**orgulhosamente**”:

- a) ( ) é um advérbio que modifica o termo chamamos;  
b) ( ) é um pronome que qualifica o termo civilização;  
c) ( ) é um adjetivo que se refere ao termo que;  
d) ( ) é um substantivo que representa o nome do ser.

**12)** Em “...uma agressão às coisas naturais...” a palavra uma:

- a) ( ) tem valor de um adjetivo; c) ( ) pode ser considerada um artigo;  
b) ( ) é um substantivo; d) ( ) é um numeral.

**13)** Neste texto, a palavra “**Terra**” significa:

- a) ( ) o planeta que habitamos; c) ( ) a poeira;  
b) ( ) um pedaço de solo; d) ( ) a nossa pátria.

**14)** Na palavra “**guerra**” o **rr** pode ser considerado:

- a) ( ) um hiato; c) ( ) um encontro consonantal;  
b) ( ) um dígrafo; d) ( ) um tritongo.

**15)** O termo “**envenenamento**” apresenta:

- a) ( ) treze letras e treze fonemas;  
b) ( ) treze letras e doze fonemas;  
c) ( ) treze letras e onze fonemas;  
d) ( ) treze letras e dez fonemas.

### TESTE DE MATEMÁTICA

**16)** Adicionando 2407 à 7049 a resposta é:

- a) ( ) 8456 c) ( ) 6406  
b) ( ) 9456 d) ( ) 7046

**17)** Um minuto tem \_\_\_\_\_ segundos:

- a) ( ) 120 segundos; c) ( ) 180 segundos;  
b) ( ) 30 segundos; d) ( ) 60 segundos.

**18)** Dois metros tem \_\_\_\_\_ centímetros:

- a) ( ) 100 cm; c) ( ) 200 cm;  
b) ( ) 250 cm; d) ( ) 1000 cm.

**19)** O quádruplo de 327 é:

- a) ( ) 927  
b) ( ) 1310  
c) ( ) 1308  
d) ( ) 2400

**20)** Mauro comprou um tênis por R\$ 180,00, uma calça por R\$ 85,00 e uma camiseta por R\$ 49,00. Deu uma entrada de R\$80,00, o restante quer parcelar em três vezes. Quanto Mauro pagará em cada prestação?

- a) ( ) R\$80,00  
b) ( ) R\$78,00  
c) ( ) R\$100,00  
d) ( ) R\$60,00

**21)** Subtraindo 86008 de 45903 a resposta é:

- a) ( ) 42105 c) ( ) 42105  
b) ( ) 30105 d) ( ) 40105

**22)** Se uma televisão custa R\$980,00 e o parcelamento da loja exige 10% de entrada. Qual o valor que devemos dar de entrada?

- a) ( ) R\$10,00
- b) ( ) R\$78,00
- c) ( ) R\$100,00
- d) ( ) R\$98,00

**23)** Multiplicando os números decimais 2,5 por 13,4 o produto será:

- a) ( ) 2750
- b) ( ) 33,50
- c) ( ) 3850
- d) ( ) 4350

**24)** O valor da expressão numérica  $\{ 18 + [ ( 5 \times 3 + 30 ) ] \}$  :

- a) ( ) 63
- b) ( ) 43
- c) ( ) 73
- d) ( ) 53

**25)** o único número que é primo e é par é o:

- a) ( ) 3
- b) ( ) 5
- c) ( ) 22
- d) ( ) 2

**26)** Observe a tabela de resultados de um campeonato de futebol:

	<b>EQUIPE A</b>	<b>EQUIPE B</b>	<b>EQUIPE C</b>
<b>Vitórias</b>	3	2	4
<b>Derrotas</b>	5	5	6
<b>Empates</b>	7	8	5

Sendo que a vitória vale 3 pontos, o empate 1 ponto e a derrota 0 pontos. Qual a equipe que o obteve o maior número de pontos?

- a) ( ) equipe A
- b) ( ) equipe B
- c) ( ) equipe C
- d) ( ) equipe D

**27)** Duas horas tem \_\_\_\_\_ minutos.

- a) ( ) 160 minutos
- b) ( ) 120 minutos
- c) ( ) 60 minutos
- d) ( ) 180 minutos

**28)** Um quilo de açúcar tem \_\_\_\_\_ gramas :

- a) ( ) 500 gramas
- b) ( ) 2.500 gramas
- c) ( ) 2.000 gramas
- d) ( ) 1.000 gramas

**29)** O dobro de 3.600 é:

- a) ( ) 7.200
- b) ( ) 3.920
- c) ( ) 7.800
- d) ( ) 8.200

**30)** Ao subtrair 1788 de 3597 , resposta é :

- a) ( ) 2.809
- b) ( ) 1.889
- c) ( ) 1.809
- d) ( ) 2.704





**45)** O mosquito *aedes aegypt* transmite as seguintes doenças:

- ( ) difteria, sarampo e febre amarela
- ( ) zika, chicungunha e dengue
- ( ) doença de chagas, varíola e tétano
- ( ) gripe, dengue e tuberculose

**CARTÃO RESPOSTA**

NOME: .....DATA:.....

Marcar apenas uma alternativa para cada questão:

	A	B	C	D
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				

	A	B	C	D
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
31				
32				
33				
34				
35				
36				
37				
38				
39				
40				
41				
42				
43				
44				
45				

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO HERMES PINTOS AFFONSO

TESTE CLASSIFICATÓRIO 2016/02

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

NOME: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

RESULTADO:.....

**TESTE CLASSIFICATÓRIO PORTUGUÊS**

**Marca a resposta certa e após, passa para a grade de respostas:**

1- Chico Bento é um personagem de Maurício de Sousa. A principal característica desse garoto é a sua linguagem diferente, fora dos padrões de linguagem aprendidos na escola. A respeito da fala dele, assinale a alternativa correta.



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados

6966

- a) ( ) Sua linguagem é regional, pois todas as pessoas do sertão e do sul do país falam como ele.
- b) ( ) Sua linguagem é formal, uma vez que é difícil compreender o que ele pretende comunicar.
- c) ( ) Sua linguagem é muito antiga, e recebe, por isso, muito prestígio social.
- d) ( ) Sua linguagem tem padrão informal e corresponde ao jeito “caipira” de falar.

**2- Considerando a interpretação da tirinha, assinale a alternativa **correta**.**

- a) ( ) Chico Bento não sabe a importância da palavra esperança, por isso planta árvores.
- b) ( ) A árvore que Chico Bento está plantando não vai crescer porque não é uma árvore frutífera.
- c) ( ) Chico Bento planta árvores porque quer ver o campo reflorestado, por isso diz que ainda tem esperança.
- d) ( ) Chico Bento compreendeu que não é possível plantar goiaba, jaca e manga, por isso resolve plantar outras coisas.

3- Considere a tira abaixo.



Maurício de Sousa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 dez. 2001.

As palavras “meu”, “minhas”, “minha”, são classificadas como:

- a) ( ) Pronomes pessoais do caso reto.
- b) ( ) Pronomes demonstrativos.
- c) ( ) Pronomes possessivos.
- d) ( ) Pronomes indefinidos.

4-Assinale a alternativa em que **todas** as palavras estão corretamente no plural.

- a) ( ) Pincéis – armazéns – os giz.
- b) ( ) Os ônibus – gizes – úteis.
- c) ( ) Fregueses – alemões – pães.
- d) ( ) Fósseis – os tênis – cidadãos.

**5-Leia o texto a seguir.**

Na escola

– Zezinho, o que significa rebanho?

– Re-banho, professora, é um banho que a gente toma duas vezes.

– Como??!!

A palavra “rebanho” é o **substantivo coletivo** de:

- a) ( ) Navios.
- b) ( ) Ilhas.
- c) ( ) Porcos
- d) ( ) Carneiros, ovelhas.

6- Assinale a alternativa correta quanto à **separação de sílabas e a classificação por número de sílabas** de cada palavra.

- a) ( ) A palavra “pneu” é dissílaba e é assim separada: pn-eu.
- b) ( ) A palavra “advogado” é polissílaba e é assim separada: ad-vo-ga-do.
- c) ( ) A palavra “cachorro” é trissílaba e é assim separada: ca-cho-rro.
- d) ( ) A palavra “colégio” é polissílaba e é assim separada: co-lé-gi-o.

7-Observando a tirinha abaixo, assinale a alternativa que apresenta a informação **correta** a respeito das ações verbais.



- a) ( ) Mafalda conjuga, corretamente, o verbo “confiar” no tempo presente do modo indicativo e a professora a escuta.
- b) ( ) Mafalda conjuga o verbo “confiar” no tempo pretérito perfeito do modo indicativo, pois está se referindo ao passado.
- c) ( ) Mafalda conjuga o verbo “confiar” no tempo presente do modo indicativo; porém, em vez de “nós confiamos”, a conjugação correta seria “a gente confiamos”.
- d) ( ) Mafalda deixa de se preocupar com a conjugação, porque não sabe o significado do verbo “confiar”.

8-Na tirinha abaixo, temos um exemplo de substantivo derivado, pois “peixaria” deriva do substantivo “peixe”.



Maurício de Sousa. *Chico Bento*, n. 453. São Paulo: Globo, 2005.

Marque a alternativa que apresenta apenas substantivos derivados:

- a) ( ) Sorvete – saca-rolhas – galho – cozinha.
- b) ( ) Jeito – guaraná – fruta-do-conde – pipoca.
- c) ( ) Papelaria – telefonema – bicicletaria – carteiro.
- d) ( ) Pudim – régua – meses – frutas.

9-Em qual alternativa há mais letras que fonemas?

- a) ( ) Táxi
- b) ( ) Cachorro
- c) ( ) Livros
- d) ( ) Pescaria

10-Analise as palavras que seguem para responder a esta questão.

<b>CACHORRINHO</b>	<b>ADVOGADO</b>	<b>TÁXI</b>	<b>COLÉGIO</b>
--------------------	-----------------	-------------	----------------

Assinale a alternativa que apresenta informações INCORRETAS quanto aos seguintes itens:

- Encontro consonantal, encontro vocálico, dígrafo, fonema e letra.

- a) ( ) Na palavra cachorrinho, há 11 letras e 8 fonemas.
- b) ( ) A palavra táxi tem número maior de fonemas do que de letras.
- c) ( ) Na palavra colégio, há um encontro vocálico, formado por hiato.
- d) ( ) Existe, na palavra advogado, um encontro consonantal.

11-De acordo com **os gêneros dos substantivos**, assinale a alternativa correta:

- a) ( ) O feminino de cavalheiro é cavaleira.
- b) ( ) O masculino de abelha é abelho.
- c) ( ) O feminino de carneiro é cabra.
- d) ( ) O feminino de genro é nora.

12- A acentuação é um item importante da escrita. Ter consciência sobre os acentos significa ter cuidado com a linguagem. Seguem três grupos de palavras, separadas por regras de acentuação.

Observe-os.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Médicos Gramática Príncipe Método Mágico	Secretária Índio Caráter Possível Tênis	Café Inglês Cipó Crachá Você

**Assinale a alternativa que analisa corretamente as palavras e suas respectivas regras de acentuação.**

- a) ( ) As palavras do grupo 3 são acentuadas porque são proclíticas.
- b) ( ) As palavras do grupo 1 são acentuadas porque são oxítonas.
- c) ( ) As palavras do grupo 2 receberam acentos porque são proclíticas terminadas em “ditongo oral”, “r”, “l” e “is”.
- d) ( ) As palavras do grupo 1 são acentuadas porque são proclíticas terminadas em vogais, seguidas ou não de “s”.

13- Marque a alternativa que apresenta a informação correta a respeito das **ações verbais** destacadas nas frases abaixo.

- Se o guarda de trânsito **quisesse, multaria** o motorista.
  - Se o aluno **querer, fará** uma boa prova.
- a) ( ) Os verbos estão no tempo e modo corretos nas duas frases.
- b) ( ) Os verbos da frase 1 estão, respectivamente, no modo subjuntivo e indicativo e conjugados corretamente.
- c) ( ) A frase 2 apresenta os verbos conjugados corretamente quanto ao tempo e modo.
- d) ( ) Os verbos destacados nas duas frases estão no modo indicativo e conjugados corretamente.

14-Assinale a alternativa que reescreve o real sujeito da frase questionada por Mafalda, presente no segundo quadrinho.



- a) ( ) “Eu”
- b) ( ) “Esse lixo”
- c) ( ) “Miguelito”

d) ( ) “Por exemplo”

15- Leia os versos que compõem a canção “A casa”, de Vinicius de Moraes, para responder à questão proposta sobre eles. Assinale a alternativa que está correta no que diz respeito à classificação morfológica das palavras destacadas na letra da música.

Era uma casa muito engraçada  
Não tinha teto, não tinha nada

Ninguém podia entrar nela, não  
Porque na casa não tinha chão

Ninguém podia dormir na rede  
Porque na casa não tinha parede

Ninguém podia fazer pipi  
Porque penico não tinha ali

Mas era feita com muito esmero  
Na rua dos bobos, número zero

a) ( ) As palavras “casa”, “teto”, “chão” e “pipi”, exercem a função de substantivos concretos.

b) ( ) Os verbos – dentre os destacados na música – são: entrar, podia, era e teto.

c) ( ) As palavras “ninguém” e “pipi” são pronomes – palavras que substituem ou acompanham os nomes.

d) ( ) “Engraçada” e “esmero”, são dois substantivos, pois atribuem características aos nomes.

### TESTE DE MATEMÁTICA

16) Ao subtrair 1788 de 3597 , resposta é :

a) ( ) 2.809

c) ( ) 1.809

b) ( ) 1.889

d) ( ) 2.704

17) Duas horas tem \_\_\_\_ minutos.

a) ( ) 160 minutos

c) ( ) 60 minutos

b) ( ) 120 minutos

d) ( ) 180 minutos

18) Um quilo de açúcar tem \_\_\_\_ gramas :

a) ( ) 500 gramas

c) ( ) 2.000 gramas

b) ( ) 2.500 gramas

d) ( ) 1.000 gramas

19) O dobro de 3.600 é:

a) ( ) 7.200

c) ( ) 7.800

b) ( ) 3.920

d) ( ) 8.200

20) O produto dos números 1596 e 42 é :

a) ( ) 57.032

c) ( ) 68.002

b) ( ) 67.032

d) ( ) 67.332

21) O resultado da potenciação  $20^2$  é :

a) ( ) 800

c) ( ) 400

b) ( ) 200

d) ( ) 4.000

22) Cinco dúzias e meia de rosas são:

a) ( ) 60 rosas

c) ( ) 88 rosas

b) ( ) 120 rosas

d) ( ) 66 rosas

23) O valor de x na proporção  $\frac{3x}{5} = \frac{6}{2}$  é :

a) ( ) 6

c) ( ) 18

b) ( ) 8

d) ( ) 5

24) Multiplicando os monômios  $15m^4$  e  $10m^2n$  a resposta é:

a) ( )  $150m^6n$

c) ( )  $150m^5n$

b) ( )  $250m^2n$

d) ( )  $150m^2$

25) Adicionando os números decimais 213,4 ; 15,9 e 37,04 o resultado é :

a) ( ) 266,34

c) ( ) 2,6634

b) ( ) 286,24

d) ( ) 26,634

26) O resultado da divisão  $(16m^5 + 48m^9 + 8m^3) : (8m^2)$  é :

a) ( )  $2m^3 + 6m^5 + m^2$

c) ( )  $2m^7 + 6m^{11} + 8m^5$

b) ( )  $2m^3 + 6m^7 + m$

d) ( )  $3m^2 + 5m^{10} + 2m$

27) Resolvendo a operação  $\frac{7}{5} : \frac{6}{10}$  o resultado é :

a) ( )  $\frac{42}{50}$

c) ( )  $\frac{7}{3}$

b) ( )  $\frac{30}{70}$

d) ( )  $\frac{50}{42}$

28) O resultado da operação  $-121 - 342 - 608$  é:

a) ( ) +1.071

c) ( ) 1.078

b) ( ) -1.001

d) ( ) -1.071







**CARTÃO RESPOSTA**

NOME: .....DATA:.....

**Marcar apenas uma alternativa para cada questão:**

	A	B	C	D
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				

	A	B	C	D
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
31				
32				
33				
34				
35				
36				
37				
38				
39				
40				
41				
42				
43				
44				
45				